

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE
MESTRADO EM GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO

Lídia Azevedo Brandes

**MIGRAÇÃO INTERNACIONAL: IMPLICAÇÕES PSICOLÓGICAS DO
RETORNO DO EMIGRANTE AO SEU LUGAR DE ORIGEM**

Governador Valadares
2014

LÍDIA AZEVEDO BRANDES

**MIGRAÇÃO INTERNACIONAL: IMPLICAÇÕES PSICOLÓGICAS DO RETORNO
DO EMIGRANTE AO SEU LUGAR DE ORIGEM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, como requisito para obtenção do título de mestre em Gestão Integrada do Território.

Orientadora: Prof.^a Dra. Sueli Siqueira

Governador Valadares

2014

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE
Núcleo de Estudos Históricos e Territoriais – NEHT/Univale
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território

LÍDIA AZEVEDO BRANDES

“Migração Internacional: implicações psicológicas do retorno do emigrante ao seu lugar de origem”

Dissertação aprovada em 24 de julho de 2014, pela banca examinadora com a seguinte composição:


Prof.^a Dr.^a Sueli Siqueira- Orientadora
Universidade Vale do Rio Doce


Prof. Dr. Daniel Márcio Pinheiro de Lima
Boston Graduate School of Psychoanalysis


Prof. Dr. Mauro Augusto dos Santos
Universidade Vale do Rio Doce

AGRADECIMENTO

Certa vez, durante minha graduação, escutei a seguinte frase de um professor: “não há vitória sem luta!”. De fato, se não lutasse em busca dos meus desejos e daquilo em que acredito, este trabalho não teria se concretizado.

Todavia, se não contasse também com o suporte de uma orientadora como a minha, toda a luta teria sido em vão. Agradeço imensamente o apoio e a dedicação da professora Dr.^a Sueli Siqueira, que, desde os anos de graduação, guiou meus caminhos, depositou expectativas, enfim, acreditou que fosse possível realizar este trabalho.

Agradeço também a professora Solange Coelho, por sua dedicação, proporcionando contribuições de suma importância ao trabalho.

Agradeço a participação dos emigrantes retornados, que foi essencial para a execução deste trabalho. Obrigada a todos, pela confiança depositada!

Por fim, agradeço a minha família que, continuamente, esteve ao meu lado, ofereceu apoio e compreendeu as ausências em função da construção do conhecimento em torno de um tema tão intrigante quanto a interlocução Emigração/Psicologia.

*“Tô de volta, sim senhor.
Sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor.
Mas o amor é cego.
Devo admitir, devo e não nego que, aos poucos, fui caindo na real, vendo como o Brasa
tava em brasa, tava mal.
Vendo a minha terra assim em guerra, o meu país... não dá, não dá pra ser feliz.
E bate uma revolta, e bate uma deprê.
E bate a frustração, e bate o coração pra não morrer.
Mas bate assim cabreiro.
Bate no escuro, sem esperança no futuro, bate o desespero.
Bate inseguro, no terceiro mundo, se for, com saudade do primeiro¹”.*

¹ Trecho da música Gabriel, O pensador, e de Lenine Brasa. Disponível em:
< <http://letras.terra.com.br/gabriel-pensador/96117/> >. Acesso em 14/01/2014.

RESUMO

Fortemente marcada pelos movimentos migratórios iniciados na década de 1960, Governador Valadares se destacou no cenário nacional pelo grande volume de emigrantes que se aventuraram por terras desconhecidas em busca de melhores condições de vida. Estando em condições políticas e econômicas desvantajosas, a partir dos anos 60 o Brasil deixou de ser um destino frequentemente procurado por estrangeiros para se tornar ponto de saída de trabalhadores para o exterior, principalmente nos anos 1980. Inicialmente, os destinos foram Estados Unidos e Canadá. Ao longo dos anos, novos países foram incorporados: Portugal, Itália, Espanha e Inglaterra. São visíveis os traços da migração em Governador Valadares. O retorno é um elemento que integra o projeto migratório. As expectativas geradas nesta etapa podem criar sensações de desesperança, de desconforto, de desânimo, de insegurança, bem como de incapacidade. Esta dissertação buscou a compreensão do fenômeno migratório em Governador Valadares/MG sob seus aspectos psicológicos, tendo como questão central identificar os estressores encontrados em emigrantes retornados, utilizando como referencial de análise a Síndrome de Ulisses. As técnicas de enfrentamento para auxiliar na readaptação também foram levantadas. O estranhamento ao reencontrar os familiares, amigos, o território de origem, o medo relacionado às expectativas criadas para seu retorno, a saudade e o desapontamento quanto às constatações percebidas no regresso à terra natal são apresentados como fatores causadores de estresse, obstáculos à adaptação do emigrante. Com base nas entrevistas em profundidade e na revisão bibliográfica, o estudo conclui que o retorno do emigrante acaba por se tornar uma nova emigração, já que ele se depara com um território desconhecido quando chega ao país de destino. Acredita-se que, quando o emigrante retornando consegue dimensionar os efeitos que sua experiência migratória, utilizando como recurso próprio a resiliência, encontra meios para lidar melhor com as dificuldades e, então, atribuir novo significado à sua experiência migratória e ao território de onde partiu.

Palavras-chave: Emigração. Retorno. Síndrome de Ulisses. Resiliência.

ABSTRACT

Strongly marked by migratory movements, started in the 60s, the city of Governador Valadares has excelled on the national scene due to the large volume of emigrants that have ventured themselves through unknown lands, looking for better conditions of life. Being in a disadvantageous political and economic situation, from the 60s, Brazil ceased to be a destination often sought by foreigners, to become a point of departure of workers outwards, mainly in the 80s. Initially, the destinations were the United States and Canada, through the years new countries were incorporated: Portugal, Italy, Spain and England. The migration consequences are visible in the city of Governador Valadares. The return is an element that integrates the migration project. The expectations generated in this stage can create feelings such as hopelessness, discomfort, despondency, insecurity and inability. This work sought to understand the migration phenomenon in the city of Governador Valadares, in its psychological aspects, taking as main question to identify stressors found in returning emigrants, using as reference for analysis the Ulysses Syndrome. The coping techniques to assist in the rehabilitation were also raised. The strangeness to reconnect with family, friends, the territory of origin, the fear related to the created expectations for the return, the longing and the disappointment with the perceived findings on the return to homeland, present themselves as stress' causative factors and obstacles to the adaptation of the immigrant. Based on depth interviews and literature review, the work concluded that the return of the emigrant ends up becoming a new emigration, since he faces an unknown territory, like when he arrives in his destination country. It is believed that when the returned emigrant can scale the effects that his migration experience, using as own resource the resilience, he can find ways to best deal with the difficulties and then assign a new meaning to his migration experience and to the territory from which departed.

Keywords: Emigration. Return. Ulysses Syndrome. Resilience.

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território - GIT

**ATA DA BANCA EXAMINADORA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
LÍDIA AZEVEDO BRANDES**

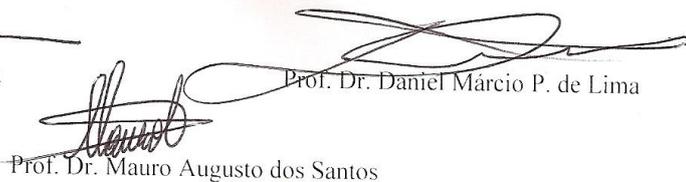
Matrícula Nº 60147

Aos vinte e quatro dias do mês de julho de 2014 (dois mil e quatorze), às 14h00 (quatorze horas), na sala 08 - Bloco PVA no *Campus* Antônio Rodrigues Coelho da Universidade Vale do Rio Doce, reuniu-se a Comissão Examinadora da Dissertação da Mestranda intitulada "Migração Internacional: implicações psicológicas do retorno do emigrante ao seu lugar de origem", Linha de Pesquisa: Território, Migração e Cultura, elaborada pela aluna **Lídia Azevedo Brandes**. A comissão julgadora foi composta pelos professores Doutores Sueli Siqueira (orientadora) - GIT/UNIVALE, Daniel Márcio Pinheiro de Lima - Boston Graduate School of Psychoanalysis, Mauro Augusto dos Santos- UNIVALE. Abrindo a sessão, a presidente da Comissão, Prof.^a Dr.^a Sueli Siqueira, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulares do Trabalho Final, passou a palavra a mestranda Lídia Azevedo Brandes para apresentação de sua Dissertação. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença da mestranda e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora consideraram por unanimidade a Dissertação aprovada fazendo as seguintes observações:

A banca considera o trabalho de qualidade e com contribuições para área de conhecimento recomendando a publicação.

Em seguida o resultado foi comunicado publicamente a candidata pela presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou-se a presente Ata que será assinada por todos os membros da comissão Examinadora. Governador Valadares, 24 de julho de 2014.


Prof.^a Dr.^a Sueli Siqueira


Prof. Dr. Daniel Márcio P. de Lima


Prof. Dr. Mauro Augusto dos Santos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 METODOLOGIA DA PESQUISA	12
1.1 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS	14
2 CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO MOVIMENTO MIGRATÓRIO NA REGIÃO DE GOVERNADOR VALADARES/MG E SUAS IMPLICAÇÕES	18
2.1 TEORIAS SOBRE MIGRAÇÃO – CONEXÕES ENTRE GOVERNADOR VALADARES E O ESTRANGEIRO	23
2.2 CULTURA DE EMIGRAR	30
2.3 O SONHO DE FAZER A <i>AMÉRICA</i>	32
2.4 O RETORNO	38
3 TERRITÓRIO, MIGRAÇÃO E SAÚDE	44
4 A SÍNDROME DE ULISSES: REFERENCIAIS TEÓRICOS PARA O RETORNO DO EMIGRANTE E AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO	62
4.1 CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS DO LUTO MIGRATÓRIO	67
4.2 ESTRESSORES LIGADOS AO PERÍODO DE PERMANÊNCIA NO PAÍS DE DESTINO	77
4.3 ESTRESSORES IDENTIFICADOS NO RETORNO DOS EMIGRANTES	83
4.3.1 O estranhamento	83
4.3.2 O medo	86
4.3.3 A saudade	87
4.3.4 O desapontamento	88
4.4 ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO	90
5 CONCLUSÃO	94
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICE(S)	102
ANEXO(S)	110

INTRODUÇÃO

O fenômeno migratório tem se destacado nas sociedades contemporâneas pelo número cada vez maior de pessoas que emigram em busca de melhores condições de vida. Contudo, os movimentos migratórios estão presentes desde épocas muito antigas.

Em relação à história do Brasil, a imigração aparece desde o período de sua conquista, com a chegada dos portugueses, passando pelo período da colonização, com a imigração forçada dos africanos e, posteriormente, a entrada de milhares de europeus nos períodos Pós-Independência e da República, atraídos por grandes possibilidades de trabalho e renda, que lhes prometiam melhores condições de vida.

Devido às condições políticas e econômicas do Brasil, a partir dos anos 1960 o país deixou de ser um destino frequentemente procurado pelos estrangeiros. Nos anos 1980, o território brasileiro passa a ser um ponto de saída de trabalhadores para o exterior. Inicialmente, os destinos são Estados Unidos e Canadá. O ponto inicial desse movimento populacional foi a cidade de Governador Valadares, Minas Gerais (SALLES, 1999; MARGOLIS, 2013), que se tornou mundialmente conhecida, devido ao volumoso fluxo emigratório em direção aos Estados Unidos.

Pesquisas apontam que, além de questões econômicas, o contato dos moradores da região com os estrangeiros ainda na década de 1940² foi um fator que contribuiu para a criação de um imaginário coletivo em torno dos Estados Unidos, na condição de país rico, com grandes possibilidades de ganhar e muito dinheiro em pouco tempo (SIQUEIRA, 2009).

Conforme exposto, o início do fluxo se dá nos anos 1960, ainda com migrações esporádicas, que atingiram seu ápice nos anos 1980. Os relatos bem-sucedidos dos primeiros emigrantes e a crise econômica do Brasil, na década de 1980³, foram aspectos importantes e motivadores do grande *boom* emigratório nesta década (ASSIS, 1996). Ao longo dos anos, foram agregados novos destinos, como Portugal, Itália, Espanha e Inglaterra, o que reforça a ideia de que a migração é um fenômeno incorporado ao cotidiano da população local, ou seja,

² Nos anos de 1940, o município de Governador Valadares recebeu engenheiros dos Estados Unidos que aqui chegaram para trabalhar na reforma da Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM), pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD).

³ Este período ficou conhecido como a década perdida em função da estagnação da economia além de questões políticas que modificaram o país nos anos seguintes.

há uma cultura emigratória⁴ sustentada pelas redes sociais, mantida até os dias de hoje (MACHADO, 2009).

Todavia, há outros fatores que influenciam a decisão de emigrar, como as condições econômicas da população, as limitadas possibilidades de emprego e ascensão profissional, os baixos salários e as redes sociais entre a origem e o destino, formadas ao longo dos anos. Além disso, a forte presença dessa cultura de emigrar contribuiu para a manutenção dos fluxos que, mesmo diante das dificuldades oriundas do processo de emigrar⁵, sustentam o sonho de muitos valadarenses em busca daquilo que desejam, ainda que em outro país.

São visíveis os traços da migração no cotidiano dos valadarenses e cidades da redondeza⁶. Os estabelecimentos comerciais abertos com poupança, fruto da experiência migratória, a arquitetura das casas, o convívio social, a maneira de vestir, os hábitos alimentares e de vida, todos esses aspectos mostram os impactos da migração internacional no território presentes na vida do emigrante retornado, sua família, sociedade e cultura.

O projeto migratório é composto por etapas, descritas basicamente em ir, juntar dinheiro, retornar e investir (SIQUEIRA, 2009). Todas elas são marcadas por dificuldades e tensões próprias do movimento. O período de permanência no país de destino é vivenciado pelo emigrante como um período em que se dispõe a diversas experiências. É um tempo em que tudo é permitido, em função do objetivo maior de fazer poupança para retornar. Durante este período, o emigrante vive em condição de invisibilidade e à margem da sociedade local (MARGOLIS, 2013), conforme observado no relato dos entrevistados neste estudo.

Segundo estudiosos do fenômeno migratório em Governador Valadares e seu entorno (MARGOLIS, 2013; SALES, 1999; SIQUEIRA, 2009), há grande parte de emigrantes indocumentados, tendo de conviver com medo da Imigração⁷. Encontram trabalho no setor secundário, desempenhando atividades que não necessitam de mão de obra qualificada, com jornada de trabalho dupla e até tripla, alimentação e moradia precárias. A solidão e a saudade são fatores, potencialmente, capazes de gerar sofrimento ao emigrante.

⁴ Conceito entendido como a ideia da emigração internacional como uma alternativa viável para melhoria da qualidade de vida a partir de um imaginário coletivo e social, considerando a perspectiva econômica, social e cultural (SIQUEIRA, ASSIS, DIAS, 2010).

⁵ O acesso ao exterior se dá, na maioria das vezes, de forma indocumentada, seja por travessias pela fronteira do México, com ajuda de “coiotes”, ou pelo uso de documentos falsos.

⁶ As dez cidades brasileiras com maior proporção de emigrantes internacionais, por mil habitantes, estão situadas próximas a Governador Valadares, de acordo com o Censo 2010 (SIQUEIRA e SANTOS, 2012).

⁷ Assim chamada pelos emigrantes o órgão federal dos Estados Unidos, responsável pela fiscalização de imigrantes naquele país.

Pesquisas na região⁸ mostram que a emigração traz consequências para o indivíduo e também para o território de origem. Siqueira, Assis, Dias (2010) relatam as dificuldades de adaptação ao retornar à origem devido ao estranhamento sentido frente às pessoas, lugares, hábitos de vida e cultura que, embora sejam sua origem, parecem-lhe estranhos no momento do retorno.

A experiência vivida em uma cultura diferente da sua leva o indivíduo a se acostumar com o modo de vida naquele país. Porém, ao retornar, o emigrante busca o modo de vida que levava antes de emigrar e percebe que isso não é possível. Após passar pela experiência migratória, o indivíduo não se percebe como antes do processo migratório. Segundo Sayad (2000), a busca é pelo tempo da partida, pela memória daquele lugar, pelos costumes, pelas pessoas que fizeram parte da sua história de vida. No entanto, constata-se o retorno para o mesmo lugar geográfico, mas não para o mesmo tempo de sua partida.

A sensação de estranhamento ao retornar é um aspecto que merece mais atenção. Embora tenha retornado à sua origem, compreendendo aí o valor simbólico que ela representa, ainda assim o emigrante se sente um estranho em seu próprio país. Este sentimento pode permanecer por um longo período e, nesse sentido, as implicações psicológicas do processo necessitam ser trabalhadas para que o sujeito passe a se adaptar ao novo território social, afetivo e até mesmo geográfico, que precisa ser reterritorializado.

Diante disso, esta dissertação busca compreender o fenômeno migratório em Governador Valadares/MG no que tange a seus aspectos psicológicos, tendo como questão central identificar os estressores encontrados em emigrantes retornados, com base na Síndrome de Ulisses, e as técnicas de enfrentamento utilizadas pelo emigrante no processo de reterritorialização.

Os resultados da pesquisa são apresentados em quatro capítulos. O primeiro trata da metodologia utilizada, bem como o perfil dos entrevistados, critérios para seleção e demais informações sobre o método de coleta de dados e a caracterização dos participantes, fazendo uma breve contextualização do projeto migratório de cada um.

O capítulo II trata da construção histórica do movimento migratório na cidade de Governador Valadares/MG e seu entorno e suas implicações para o território. Essa discussão se faz importante para situar o presente trabalho na realidade da cidade e região no que diz respeito ao desenvolvimento do processo migratório até os dias de hoje. Este capítulo se subdivide em quatro temas: as teorias sobre migração com ênfase nas redes sociais; a cultura

⁸ Assis (1995); Fusco (1998); Sales (1999); Siqueira (2009); Fonseca (2009); Vilarino (2009).

emigratória; o sonho de “fazer a América”; e o retorno, como parte do projeto de emigrar, em que se concentram as dificuldades para a reterritorialização do emigrante.

No capítulo III, é apresentada a cidade de Governador Valadares como um território de migração e saúde, destacando as relações estabelecidas entre a origem e o destino, o local e o global, onde são constituídas diversas territorialidades. São discutidos conceitos sobre território, trazendo a ideia de circularidade dos movimentos migratórios, já que o emigrante não abandona um território para viver outro, ele agrega experiências e, assim, vive em dois mundos.

O capítulo IV abarca as questões ligadas à experiência do emigrante no país de destino, tendo como referencial de análise a Síndrome de Ulisses ou Síndrome do Imigrante com Estresse Crônico e Múltiplo. De acordo com Achotegui (2008), o emigrante vivencia um conjunto de estressores durante sua experiência no país de destino capazes de comprometer sua saúde em geral. Fatores como a solidão, o medo, o fracasso do projeto migratório e a luta pela sobrevivência são situações enfrentadas pelo emigrante no exterior. Em contrapartida, os relatos observados no retorno nos permitem constatar a existência de fatores estressores ao emigrante que ele necessita enfrentar para melhor se adaptar à sua nova vida em seu país. Este capítulo inclui também os fatores identificados como causadores de estresse, segundo o relato dos emigrantes e as estratégias de enfrentamento utilizadas por eles.

As expectativas geradas ainda no país, para o qual migraram, e o anseio quanto ao retorno podem criar sensações de desesperança, de desconforto, de desânimo, de insegurança, bem como de incapacidade. Portanto, esse é um tema relevante para os territórios que compartilham da experiência migratória em seu cotidiano, do retorno e dos impactos causados por esta experiência.

Por fim, conclui-se, respondendo à questão central deste trabalho, que os estressores **estranhamento, medo, saudade e desapontamento** estão presentes no retorno do emigrante à sua origem e acabam fazendo parte desta etapa do projeto. Para enfrentar estes estressores, o emigrante utiliza recursos próprios, entre eles a resiliência, como forma de amenizar o estresse ocasionado no retorno, que é como se fosse uma nova emigração.

1 METODOLOGIA DA PESQUISA

A abordagem qualitativa se adapta ao objeto dessa pesquisa, que tem como tema central verificar quais os estressores encontrados no retorno à terra natal, utilizando como referencial de análise a Síndrome de Ulisses, e as técnicas de enfrentamento para auxiliar na adaptação. Acredita-se que esta abordagem possibilite maior compreensão dos aspectos subjetivos do fenômeno migratório.

Utilizou-se, para a coleta de dados, a entrevista em profundidade, por ser um instrumento capaz de captar a percepção dos emigrantes retornados acerca de sua própria experiência. A partir de um roteiro flexível⁹, foi possível estabelecer um diálogo que propiciou a coleta de dados sensíveis, além do aprofundamento em aspectos importantes para a compreensão do pensamento, sentimentos e sensações dos entrevistados sobre as questões propostas.

Foram feitas dez entrevistas em profundidade com residentes da cidade de Governador Valadares. Esses informantes foram encontrados por meio de contatos ou indicação de pessoas da cidade, que conheciam sujeitos com as características demandadas pela pesquisa, tendo estes indivíduos vivenciado o processo migratório com o objetivo de trabalhar no mercado secundário, ganhar dinheiro e retornar para sua origem em melhores condições financeiras.

Para participar da pesquisa, os informantes deveriam contemplar os seguintes critérios: homens e mulheres, maiores de 18 anos, residentes na cidade de Governador Valadares, tendo permanecido no exterior por, no mínimo, quatro anos ininterruptos e retornado ao Brasil entre janeiro de 2008 e janeiro de 2012.

Considerando que os dados obtidos na pesquisa qualitativa têm por objetivo a “compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social, [...] a quantidade é, então, substituída pela intensidade dos dados e informações coletadas” (GOLDENBERG, 2001, p. 49). Assim, a realização de dez entrevistas foi considerada um número suficiente para coleta de dados e informações de natureza subjetiva acerca da experiência migratória dos informantes.

⁹ O roteiro encontra-se no apêndice B.

Destaca-se que as entrevistas duraram em média duas horas, aconteceram no local de preferência dos entrevistados que se dispuseram a participar e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE¹⁰. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. O Quadro 1 apresenta as informações sobre a idade, ano de emigração, ano de retorno e país de destino dos entrevistados. Para garantir a privacidade dos informantes, optou-se por utilizar nomes fictícios.

Emigrante	Idade atual	Ano da emigração	Ano de retorno	País para o qual emigrou
Flávia	30 anos	2004	2011	EUA
Miriam	32 anos	2004	2009	EUA
Júlio	35 anos	2004	2012	Portugal
Priscila	38 anos	1991	2006	EUA
Fabrcio	41 anos	2000	2011	EUA
Juliana	58 anos	2004	2010	Itália
Gláucia	33 anos	2001	2011	EUA
Elisa	41 anos	2000	2009	EUA
Humberto	40 anos	2004	2008	EUA
Marília	39 anos	2002	2011	EUA

Quadro 1 – Dados sobre os entrevistados.
Fonte: Pesquisa de campo (2013).

¹⁰ A metodologia da pesquisa foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética, conforme pode ser observado no documento contido no anexo A.

1.1 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

A experiência migratória de cada participante da pesquisa constitui um dado importante para contextualizar a história de cada indivíduo, as questões que motivaram a emigração bem como o retorno.

A seguir, é apresentada uma síntese sobre a história de cada entrevistado, objetivando maior contextualização dos relatos apresentados.

Flávia

É natural de Alpercata. Emigrou para os Estados Unidos aos 21 anos em 2004, via fronteira do México; levou o filho de 01 ano de idade. Durante os anos no exterior, trabalhou como faxineira. Perdeu o pai nos primeiros meses em que estava lá. Estava de passagem marcada para o Brasil, quando conheceu um emigrante, nascido na Tunísia, mas que estava em processo de legalização naquele país. Casou-se com ele e teve duas filhas. Retornou para Governador Valadares em 2011 com os filhos. O marido veio um ano depois.

Míriam

Míriam emigrou em 2004 para os Estados Unidos aos 24 anos de idade. Cursava faculdade de jornalismo e enfrentava dificuldades financeiras, devido à separação dos pais. Decidiu trancar os estudos e emigrou com o namorado pela fronteira do México. Teve ajuda da sogra e da cunhada que os receberam lá, oferecendo-os moradia e indicações de trabalho. Ainda no exterior, teve um problema de saúde, motivo de seu retorno, já que lá o tratamento não ocorria de forma adequada, conforme orientação de seu pai, que é médico no Brasil. Retornou em 2009 quando iniciou o tratamento de saúde e teve sua doença estabilizada.

Júlio

É natural de Mantena, cidade próxima a Governador Valadares/MG. Decidiu emigrar para Portugal em 2004, quando as oportunidades de trabalho haviam diminuído e não via possibilidade de sustentar sua família. Retornou para o Brasil em 2012, com planos de permanecer definitivamente em seu país. Tornou-se microempresário, com uma pequena loja no comércio de Governador Valadares.

Priscila

Emigrou para os Estados Unidos em 1991, aos 16 anos de idade, grávida de cinco meses. Teve a ajuda do namorado, que era emigrante, e financiou a montagem de passaporte para ela. Durante as doze horas de viagem, usou cinta para esconder a gestação e garantir sua passagem pela fiscalização no aeroporto. Viveu quinze anos no exterior onde trabalhou como faxineira e babá. Teve três filhos de diferentes relacionamentos. Retornou em 2006, por influência do ex-marido, que regressou por volta de um ano depois. O relacionamento não deu certo e Priscila ficou sozinha, os dois filhos mais velhos permaneceram nos Estados Unidos e o mais novo reside com seu pai. Anos depois, teve outro relacionamento do qual engravidou, seu filho tem pouco mais de um ano de idade. O desejo por emigrar novamente é constante em sua vida.

Fabício

Emigrou em 2000, aos 30 anos de idade, após completar um ano de casado. A esposa emigrou em 2001. Fabrício também utilizou a montagem de passaporte com visto de trabalho, porém com seus dados, o que lhe permitiu legalizar-se nos Estados Unidos. Tinha como objetivo melhorar sua condição financeira e para tanto chegou a trabalhar em quatro empregos. Teve dois filhos no exterior. Durante os anos em que esteve lá, perdeu o pai, fato que lhe trouxe bastante sofrimento. O trabalho lhe proporcionou investimentos no Brasil, adquiriu uma propriedade rural e se tornou sócio na padaria de seu cunhado. Retornou em 2011 para o Brasil juntamente com a família, mas relatou, durante a entrevista em maio de 2013, que estava de passagem marcada para os Estados Unidos por não se sentir adaptado à realidade brasileira.

Gláucia

Esposa de Fabrício, emigrou em 2001, a princípio, para acompanhar o marido. Optou por meio ilegais para chegar aos Estados Unidos, pois já havia tentado o visto algumas vezes, sem êxito. Trabalhou como babá, garçõete em uma cafeteria e por fim criou o próprio negócio de limpeza de casas. Teve dois filhos no exterior. Da mesma forma que emigrou para acompanhar o marido, o retorno também se deu pelo mesmo motivo. Considera como maior ganho com a sua emigração, o nascimento dos filhos naquele país e ter conseguido a documentação que lhe permite ir e vir. Em relação à frustração, a maior perda foi a convivência com os pais. Contudo, fará o movimento inverso, emigrando novamente sem saber o que a espera.

Juliana

Tem 58 anos. Emigrou para a Itália em 2004, visando a obter conforto para as três filhas que permaneceram no Brasil. Anos antes, havia sofrido com a separação do marido ocorrida em função da emigração dele para os Estados Unidos. Na Europa, trabalhou como cuidadora de idosos, profissão que passou a desempenhar no retorno ao Brasil. Juliana decidiu retornar quando sua filha ficou viúva e a emigrante acreditou que deveria estar presente para apoiá-la.

Elisa

Emigrou para os Estados Unidos nos anos 2000, aos 26 anos de idade. A emigrante conheceu um valadarense que morava naquele país há 17 anos e tinha cidadania norte-americana. Eles se conheceram em Governador Valadares e mantiveram contato por algum tempo até a próxima viagem dele ao Brasil. Elisa estava se formando em Pedagogia, morava em Belo Horizonte/MG e não via grandes possibilidades de trabalho. Estava em uma fase de instabilidade profissional e também emocional já que havia terminado um noivado. Emigrou para acompanhar o marido. Ele tinha dois filhos americanos, fator que contribuiu para que Elisa desejasse dominar o idioma. Os dois primeiros anos de permanência nos Estados Unidos foram dedicados ao estudo da língua inglesa. Depois trabalhou em um antiquário e, com a chegada de duas cunhadas, decidiu montar seu próprio negócio de limpeza de casas e escritórios. Teve dois filhos no exterior. A crise no mercado imobiliário contribuiu para que decidisse retornar.

Humberto

Emigrou sozinho, deixando a esposa e os filhos no Brasil. Enfrentou a travessia pelo México em 2004. Anteriormente, havia emigrado para Portugal na tentativa de conquistar melhoria na condição financeira, mas seu sonho durou apenas três meses. Humberto relata que seus ganhos não possibilitavam fazer poupança no Brasil e por isso retornou. No mesmo ano foi para os Estados Unidos com o apoio do irmão que já morava lá. Conquistou bens durante os cinco anos em que permaneceu neste país, porém afirma que teve perdas significativas – o fim do casamento e o período longe dos filhos – que, segundo ele, não podem ser resgatados.

Marília

Emigrou em 2002 para os Estados Unidos, com 26 anos de idade. Deixou dois filhos com sua irmã, um de 11 anos e o outro de 11 meses. Enfrentou a travessia pelo deserto, foi presa na fronteira onde permaneceu por quatro meses, além de ter sido vítima de tentativa de estupro.

O contato com os filhos era feito por telefone e através dos presentes enviados. Durante os anos de emigração, trabalhou fazendo calçadas e depois montou seu negócio de limpeza de casas. Tinha uma vida regrada, em que não se permitia lazer, pois pensava nos filhos que não podiam usufruir. Decidiu retornar para cuidar do filho mais velho, que havia se tornado usuário de drogas e também para se reaproximar do filho mais novo com quem pouco havia convivido. Marília carrega a culpa e a responsabilidade pelos problemas do filho por ter se ausentado durante todos esses anos.

Pela história da vida desses personagens, relatada por eles, é possível compreender aspectos subjetivos de um fenômeno amplo como a migração e sua influência na vida dos indivíduos e sociedades. Por fim, podemos considerar que o movimento de emigração internacional exerce influência sobre o território, criando novas configurações, importantes de serem compreendidas.

2 CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO MOVIMENTO MIGRATÓRIO NA REGIÃO DE GOVERNADOR VALADARES/MG E SUAS IMPLICAÇÕES

A migração internacional é um fenômeno que vem despertando interesse em diversos campos do saber científico por impactar o território de origem e de destino. A Organização Internacional para as Migrações (OIM) constatou em 2010 que havia cerca de 214 milhões de pessoas vivendo fora do seu país de origem¹¹.

O Brasil é fortemente marcado pela presença de movimentos migratórios, observados desde o seu descobrimento. Dados referentes à década de 1890 ilustram tal informação, conforme pode ser visto na Figura 1.

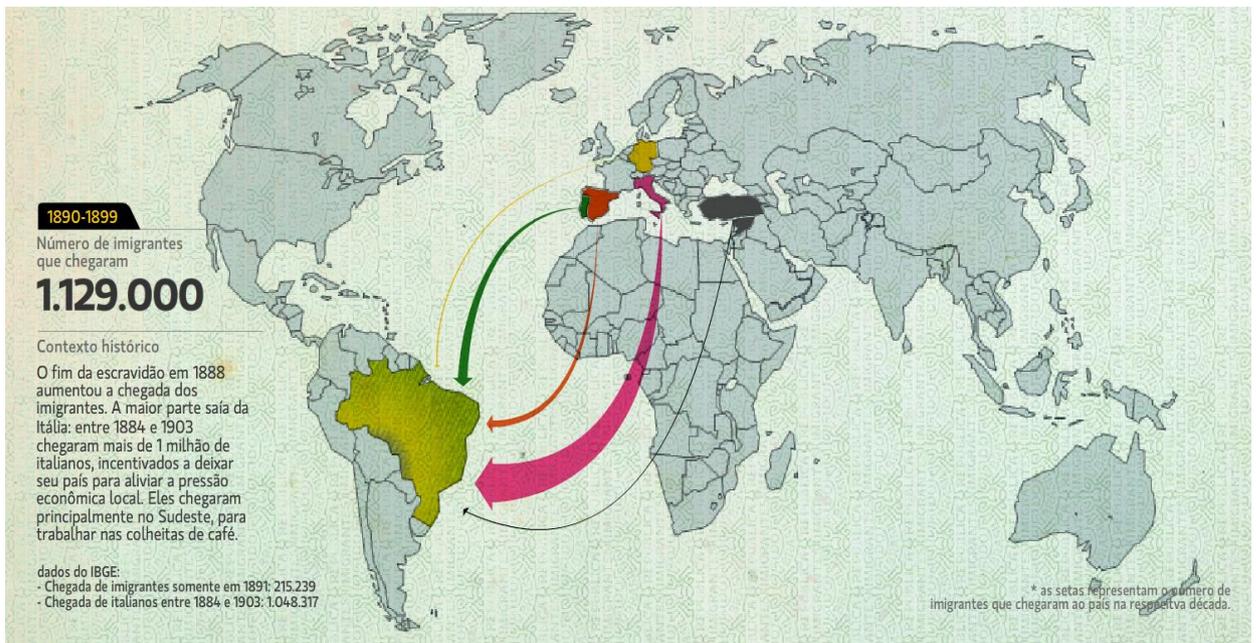


Figura 1: Entrada de Imigrantes no Brasil (1890-1899)

Fonte: <http://super.abril.com.br/multimedia/republica-imigrante-brasil-683294.shtml>. Acesso em 08/08/2013.
Site construído com dados do IBGE.

No início do século XX, o panorama das imigrações no Brasil atenta para o número significativo de imigrantes europeus que chegam às terras brasileiras, maioria de italianos.

Ao se pensar os movimentos migratórios, é preciso considerar os diferentes contextos sociais dos países de origem e destino, pois eles vão modificando o cenário das migrações ao

¹¹ Disponível em: <<http://www.iom.int/jahia/Jahia/about-migration/facts-and-figures/lang/es>>. Acesso em 14/09/2013.

longo do século XX. Pelos dados apresentados, observa-se que os fatores econômicos vivenciados pelos países europeus favoreceram a imigração para o Brasil nas primeiras décadas do século XX. Entretanto, no período de 1930 e 1940, outros fatores como as guerras mundiais e as políticas governamentais, que limitavam a entrada de estrangeiros no Brasil, contribuíram para a diminuição do fluxo nas décadas seguintes¹².

No período pós-guerra (anos de 1950), observou-se nova leva de imigrantes europeus desembarcando no Brasil. Contudo, na década seguinte, com o Golpe Militar¹³, a chegada de imigrantes apresentou queda significativa. Desde então, o Brasil deixou de ser um destino seguro aos imigrantes e até o final do século XX cada vez menos imigrantes chegaram ao país. O gráfico da Figura 2 mostra o panorama das imigrações no Brasil desde os anos de 1890 até 2011.

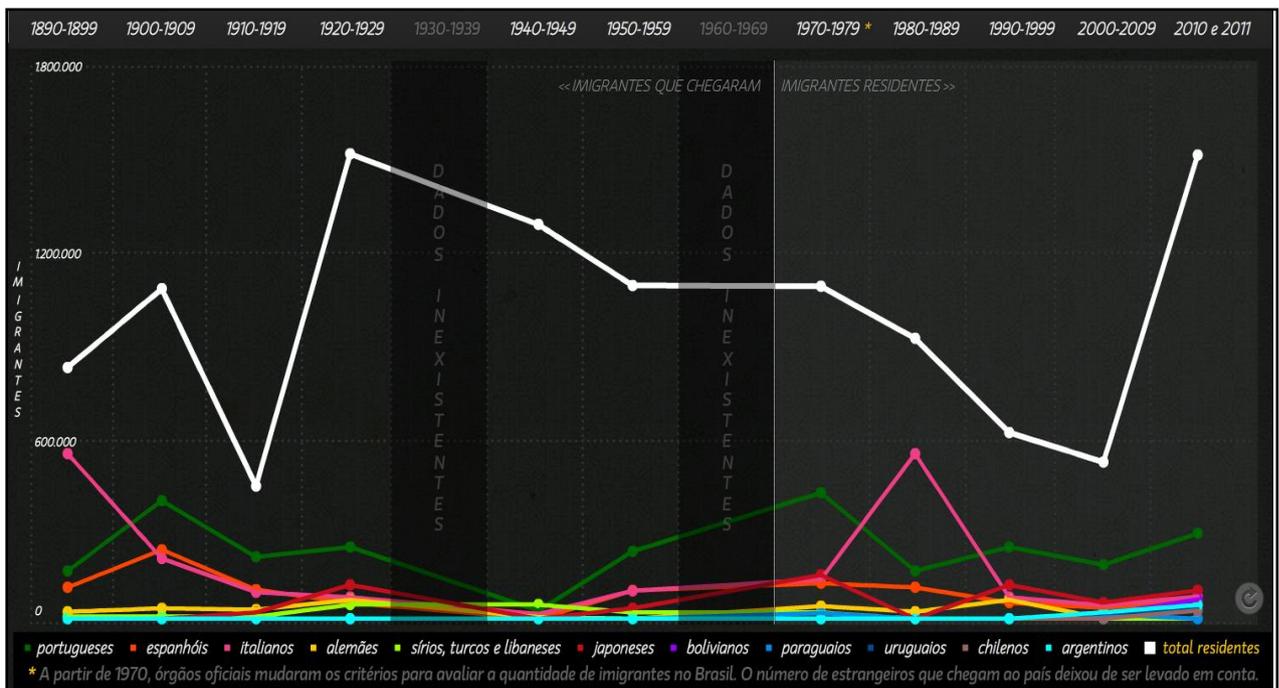


Figura 2: Panorama Geral das Imigrações no Brasil (1890-2011).

Fonte: <http://super.abril.com.br/multimedia/republica-imigrante-brasil-683294.shtml>. Acesso em 08/08/2013.

¹² Os dados foram retirados do endereço eletrônico: <<http://super.abril.com.br/multimedia/republica-imigrante-brasil-683294.shtml>>, acesso em 09/08/2013. Informações fornecidas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

¹³ Ocorrido em 1964, estabeleceu no Brasil uma **ditadura militar**, que permaneceu até 1985. Ao longo dos anos, o regime militar foi endurecendo o governo e tornando legalizadas práticas de censura e tortura a qualquer ameaça comunista ou de manifestantes contra o governo, marcando a história do Brasil por um período de atos autoritários ao extremo.

A Figura 2 mostra, a partir do ano 2000, aumento no número de imigrantes no país, se comparado a décadas anteriores. Entretanto, é importante salientar que não há exatidão quanto ao número de imigrantes que chegaram ao Brasil desde o século XIX, pois os dados variam embora tenham sido fornecidos por órgãos oficiais. Da mesma forma, os dados referentes à emigração de brasileiros não são seguros pela discrepância existente entre aqueles coletados por órgãos governamentais e os não oficiais (SALES, 1999). Contudo, este estudo não pretende quantificar os brasileiros no exterior, mas visa a compreender como o território foi se modificando com a presença dos estrangeiros no século XIX e com a saída dos brasileiros rumo a outros países, principalmente Estados Unidos, Canadá, Portugal, Espanha e Itália.

As contribuições de Sales (1999) são fundamentais para compreensão do movimento migratório brasileiro. Em seu estudo, a autora mostra os custos envolvidos no processo migratório e, diante de suas constatações, expõe criticamente sua visão sobre o Brasil ao ser inserido no panorama das migrações internacionais a partir do século XX,

[...] começa a exportar o que há de melhor em seu território, que é a sua própria população – mulheres e homens jovens, nos quais o nosso (embora precário) Welfare State¹⁴ investiu em educação e saúde e que, no momento mais preciso de suas vidas, vão realizar alhures um trabalho geralmente aquém de sua qualificação profissional (SALES, 1999, p. 14).

Pesquisas mostram que os primeiros registros de valadarenses no exterior começaram a surgir a partir da década de 1960. Estudos apontam para a emigração rumo aos Estados Unidos como principal destino (SIQUEIRA, 2007). Posteriormente, mudanças econômicas no país de origem e destino redirecionam esses fluxos para países da Europa.

Segundo estudiosos¹⁵, a cidade de Governador Valadares/MG é considerada ponto inicial do fluxo migratório principalmente para os Estados Unidos. Salienta-se que, ainda nesta década, são registradas migrações esporádicas, ou seja, o movimento ainda é pequeno vindo a se constituir fluxo migratório, propriamente dito, apenas na década de 1980 (MARGOLIS, 2013).

Nas décadas de 1940 e 1950, Governador Valadares era mantida pela extração de recursos naturais como a madeira e a mica. Nesse período, muitos estrangeiros chegaram à região para explorar estes minerais. Nos anos seguintes, com o esgotamento desses recursos,

¹⁴ Termo utilizado pela autora que significa o estado de bem-estar social, onde o Estado deve garantir serviços públicos e proteger à população.

¹⁵ SIQUEIRA (2009), FUSCO (1998), SOARES (2002), ASSIS (1996).

não havia emprego suficiente para a demanda da população e muitos nativos começaram a pensar na possibilidade de emigrar.

Pesquisas na região mostram que os valadarenses que emigraram nos anos 1960 eram em sua maioria jovens entre 18 e 27 anos, de classe média alta, com segundo grau completo e domínio da língua inglesa. Diferentemente dos últimos anos, as razões econômicas não foram determinantes na decisão de emigrar: o projeto estava ligado à aventura de conhecer outro país com todos os seus atrativos (SIQUEIRA, 2009).

Os encantos daquele país foram relatados pelos primeiros emigrantes, através de cartas e fotos enviadas aos familiares e amigos ou mesmo no regresso à cidade. Os relatos falavam das facilidades encontradas naquele país e das possibilidades de trabalho com ótimos ganhos financeiros se comparados ao Brasil.

Por tudo isso, acredita-se que a presença dos estrangeiros na região na década de 1940 tenha contribuído para criar a ideia de que tinham vindo de um lugar próspero e de muitas oportunidades. As dificuldades econômicas em função do esgotamento de recursos naturais e os relatos bem-sucedidos dos primeiros emigrantes também contribuíram para construir o ideal coletivo dos Estados Unidos como sinônimo de prosperidade.

O sonho valadarense de “fazer a América”¹⁶ vai sendo alimentado, tornando-se cada vez mais uma possibilidade para muitos, sobretudo na década de 1980, quando mecanismos facilitadores vão se estabelecendo na cidade¹⁷. O fluxo emigratório se intensifica e é expandido para várias regiões do Brasil. A expressão “fazer a América”, bastante utilizada pelos valadarenses que emigravam nos anos 1980 e 1990, se refere à coragem em escolher a experiência migratória como alternativa para melhorar a qualidade de vida, ainda que com todas as dificuldades relatadas por muitos emigrantes.

O relato de uma das entrevistadas legitima as dificuldades encontradas desde a decisão por emigrar, passando pela viagem até a chegada ao país de destino. Priscila emigrou em 1991, com passaporte falso, mecanismo utilizado pela maioria da população valadarense na época. Na ocasião, estava grávida, conforme relata.

¹⁶ Expressão utilizada pelos valadarenses para dizer da experiência migratória. Destaca-se a conotação dada a esta expressão no sentido de valorização, reconhecimento daquele que vivencia o processo de emigrar.

¹⁷ Estes mecanismos, também chamados de agenciadores, proporcionavam a organização da viagem por meios legais – através das agências de turismo e – ilegais – travessia pela fronteira do México (SIQUEIRA, 2009).

[...] fiz a montagem [de passaporte] só que era previsto pra ficar pronto em dois meses, ficou em quinze dias, aí nesses quinze dias eu fui. [...] eu coloquei uma cinta pra apertar bastante, e fui morrendo de medo, mas como na época eles combinavam tudo pra gente poder passar tudo direitinho, foi tudo combinado aqui no Brasil. Mas pra mim entrar lá eu fiquei meio com medo porque eu não conhecia ninguém, não sabia nada. Nisso, no avião, passei muito mal porque a viagem são praticamente doze horas e eu fiquei doze horas sem ir ao banheiro eu inchei toda, e com medo de tirar a cinta, porque depois eu não dava conta de colocar de novo! Quando eu entrei, também, porque eles começaram a fazer muitas perguntas... O homem começou a perguntar se eu era Daniela mesmo, aí eu comecei a ficar meio com medo. Eu já tava longo prazo sem ir ao banheiro, eu comecei a passar mal, veio a equipe de enfermagem dos Estados Unidos e me encaminhou direto pro hospital. (Priscila, 38 anos).

Segundo dados dos estudos de Sales (1999) e Siqueira (2009; 2011; 2012; 2013), nos anos 1980 e 1990 ocorreu o ápice do fluxo migratório com a saída de inúmeros valadarenses em direção aos Estados Unidos. Neste período, ocorre o aquecimento do mercado imobiliário local, sendo feitas transações financeiras em dólar, o que tornou a cidade conhecida como *Valadólares* (ASSIS, 1995). A imprensa local manifestava-se no sentido de evidenciar as situações reais dos emigrantes aos que permaneceram na cidade. À medida que este fluxo se tornou constante e cada vez mais crescente, ganhou destaque na mídia impressa. Nos anos 1990, um jornal local lançou uma tirinha semanal com um personagem jocosamente chamado “Capitão dólar” para retratar o cotidiano de milhares de conterrâneos que haviam deixado a terra natal (PINTO, 2011).

A emigração trouxe impactos para a vida do emigrante retornado, sua família e sociedade¹⁸. Assim, as remessas de dinheiro, a abertura de estabelecimentos comerciais, a construção de imóveis que se destacam pelo tamanho e pintura utilizada¹⁹, o modo de vestir e a aquisição de hábitos de vida diferentes são demonstrações dos impactos da migração internacional na cidade. Deste modo, os traços da emigração em Governador Valadares e seu entorno são perceptíveis, além das novas configurações criadas no território.

A realidade local é influenciada pelas experiências migratórias assim como os emigrantes no exterior têm sua realidade modificada. De acordo com o relato de Fabrício, o volume de compatriotas chegando àquele país durante os onze anos em que viveu nos Estados Unidos afetou as oportunidades de trabalho.

¹⁸ Como ilustração, relato uma experiência pessoal. Buscava um restaurante para comemorar minha formatura em Psicologia. Chamou-me atenção o “Mamma Mia”. Descobri que o restaurante pertencia a um emigrante retornado dos Estados Unidos que havia montado o restaurante em alusão ao que trabalhava em Boston, chamado Mamma Maria. O seu restaurante servia os mesmos pratos de Boston, fazendo pequenas adaptações ao clima valadarense. Cerca de um ano depois, o restaurante fechou e a família retornou aos Estados Unidos. Esse é um fato frequente na cidade, ou seja, o retorno à condição de emigrante que ocorre por uma série de razões, desde a dificuldade de adaptação à origem até a falência do empreendimento.

¹⁹ Sobre este aspecto, são observações realizadas durante o período da pesquisa de campo, sendo comum encontrar casas de emigrantes com pinturas de cores extravagantes.

Eu vivi várias situações nos Estados Unidos, por exemplo, quando eu cheguei tinha muito trabalho, muita oportunidade de trabalho. Depois isso foi modificando, foi dificultando, eu acho que o crescimento do emigrante lá influenciou muito nisso porque quando se tem dez pessoas numa área pra trabalhar e precisa de quinze, os dez vão tá com tranquilidade, mas quando chega trinta, onde só precisa de quinze, é mais complicado. (Fabrício, 41 anos).

Diferentemente dos primeiros que emigraram nas décadas de 1960 e 1970, os emigrantes a partir de 1980 são movidos, predominantemente, por questões econômicas, ou seja, pelos ganhos financeiros obtidos em curto espaço de tempo, possibilitando ter seu próprio negócio, construir sua casa, obter bens e ascensão social no retorno.

A acentuação deste fluxo está ligada à existência das redes sociais estabelecidas naquele país, que tornou possível a conexão Governador Valadares X Estados Unidos. Além disso, a crise econômica enfrentada pelo Brasil, a estagnação da economia valadarense, a existência de um mercado de trabalho secundário e atrativo ao emigrante no destino e as redes sociais são fatores que fomentaram o desejo de muitos valadarenses em emigrar para melhorar sua qualidade de vida.

Lá fora algumas pessoas têm esse sentimento também de que o emigrante vai pros Estados Unidos e “toma” o emprego do americano, que na verdade não toma emprego nada, porque o emprego que o brasileiro vai fazer lá, geralmente, é o emprego que o americano não quer fazer, tá vago, você não quer fazer. Eu não seria empregada aqui, eu não seria! Então se vier um mexicano, um boliviano trabalhar aqui de empregada não tá tomando emprego de ninguém! (Elisa, 41 anos, viveu 09 anos nos Estados Unidos, é cidadã americana).

Por fim, a emigração internacional em Governador Valadares na década de 1980 foi motivada pela crise na economia brasileira, além da existência de um mercado secundário atrativo ao emigrante. Diversas teorias buscam compreender os fluxos migratórios, considerando as perspectivas de análise do fenômeno.

2.1 TEORIAS SOBRE MIGRAÇÃO – CONEXÕES ENTRE GOVERNADOR VALADARES E O ESTRANGEIRO

Conforme exposto inicialmente, em meados do século XX, os deslocamentos populacionais começam a seguir um fluxo invertido. O Brasil não mais recebe um contingente populacional significativo de imigrantes e, em contrapartida, cada vez mais brasileiros saem

do país, por motivos diversos, tornando o Brasil conhecido como país emissor de mão de obra (MARGOLIS, 2013).

Faz-se importante ressaltar que o fenômeno migratório contemporâneo adquire características diferentes dos fluxos de séculos passados devido às modificações ocorridas ao longo dos anos com os processos de Globalização, sendo necessário lançar mão de diversas teorias na tentativa de explicar esses movimentos, sobretudo, porque cada país tem sua própria história e, portanto, processos específicos de desenvolvimento, urbanização e mobilidade espacial da população. Entretanto, não houve economia e sociedade que se desenvolvessem sem que houvesse uma intensa mobilidade espacial da população (BRITO, 1995).

Diante do crescente fluxo migratório, diversos estudiosos buscaram explicações para o fenômeno da migração internacional e seus efeitos na origem e destino. Siqueira (2009) chama atenção para os estudos de Thomas e Znaniecki em 1918 concernentes à grande leva de emigrantes recebida pelos estados Unidos entre os anos de 1880 e 1910, situação que trouxe efeitos na organização familiar dos nativos.

A partir deste dado, outros estudiosos²⁰ observaram que os migrantes não se adaptavam completamente à sociedade norte-americana, sobretudo, não vivenciavam os processos de assimilação e mobilidade social naquele país, dando origem ao que Said (2003) chamou de enclaves étnicos em função da permanência dos laços com a origem, mantendo seus valores e modo de vida.

A partir da existência dos grupos étnicos formados por emigrantes, diversas perspectivas teóricas buscaram compreender e explicar o fenômeno das migrações. Segundo Sasaki (2000), em meados do século XX, sociólogos americanos, diante da crescente mobilidade populacional rumo aos Estados Unidos, passam a perceber a migração como um problema sociológico, uma vez que a sociedade daquele país era influenciada pelos imigrantes.

A trajetória das teorias sobre migração vai sendo construída ao longo dos anos e, com o aumento dos fluxos, maiores são as implicações nos territórios de origem e destino. Durante

²⁰ A Escola de Chicago se refere a um conjunto de pesquisas qualitativas com metodologia interacionista e multidisciplinar, envolvendo Sociologia, Antropologia, Ciências Políticas e Filosofia, feitas pela Universidade de Chicago (SIQUEIRA, 2006). A Escola acreditava que haveria uma assimilação cultural dos imigrantes nos Estados Unidos, fato este que não ocorreu devido à permanência dos valores e do modo de vida de origem, o que acabou por favorecer a formação de enclaves étnicos.

muitos anos, pesquisas relacionadas ao fenômeno migratório contemplavam o fator econômico como grande motivador dos fluxos. Contudo, ao longo dos anos, outros fatores, tanto na origem quanto no destino, se destacaram.

Diversas teorias foram desenvolvidas visando a compreender o fenômeno migratório e suas implicações. Comumente, trabalha-se com quatro grandes perspectivas teóricas: 1. Teoria Neoclássica, 2. Novos Economistas, 3. Histórico-Estruturalista e 4. Teoria das Redes Sociais. As três primeiras centram suas análises em aspectos econômicos, como a existência de um mercado de trabalho secundário no destino, fatores de atração e expulsão, a organização da economia mundial, etc. a respeito das teorias sobre migração, Margolis (1994) salienta a necessidade de considerar as diversas explicações sobre o fenômeno migratório, uma vez que elas são importantes para sua apreensão.

As tradicionais explicações “empurra-puxa” para a migração internacional se mostraram inadequadas para dar conta de um fenômeno mundial de tal magnitude. [...] Mais precisamente, estas ideias não são mutuamente excludentes, e ambas são úteis, embora em diferentes níveis de análise. Fatores estruturais apontam na direção de fluxos migratórios em larga escala entre nações e entre diferentes partes do mundo, enquanto fatores empurra-puxa e análises da rede social são úteis para justificar quais indivíduos realmente migram, a distância que eles viajam e seus destinos específicos (MARGOLIS, 1994, p. 12).

A análise, a que se propõe este estudo, isto é, uma maior compreensão das implicações psicológicas do retorno do emigrante, contempla a teoria das Redes Sociais, embora considere também as demais perspectivas teóricas pela sua importância para a compreensão de um fenômeno multifacetado como a migração internacional.

Serão utilizadas como referencial teórico as redes sociais por se considerar que tal vertente explicativa proporciona melhor entendimento de questões sobre o fluxo migratório em Governador Valadares, como a cultura emigratória e a manutenção do fluxo até os dias de hoje – ainda que menos intenso do que em décadas anteriores – além de elucidar pontos importantes de desdobramentos percebidos atualmente, como o impacto da migração para o sujeito e a sociedade.

Sasaki e Assis (2000, p. 6) sugerem que os migrantes “devem ser vistos como integrantes de estruturas sociais que afetam os múltiplos caminhos de sua mobilidade espacial e socioeconômica”. Nesse sentido, os fatores econômicos são fundamentais para a compreensão do fenômeno migratório, pois os países se tornam grandes receptores de migrantes, muitos não qualificados, o que eleva os custos, já que eles se utilizam dos serviços

oferecidos pelo governo, impactando os orçamentos com maior número de imigrantes (SIQUEIRA, 2009).

Embora as questões econômicas sejam fundamentais para a compreensão do fenômeno migratório, há outros fatores que atraem o emigrante, como as influências culturais e as redes sociais, que auxiliam na compreensão dos fluxos e de sua manutenção ao longo dos anos, tornando a decisão de emigrar um projeto coletivo. De acordo com Siqueira (2009), as redes sociais são um fator por despertar no sujeito a vontade de emigrar. Além disso,

Graças a essas redes, é possível para uma pessoa que não sabe inglês, nunca viajou para além de 500 km de sua cidade natal, não conhece as grandes cidades brasileiras como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, desembarcar no aeroporto de New York, chegar a Summerville e dois dias depois estar trabalhando como *housecleaner* ou na construção civil (SIQUEIRA, 2009, p. 13).

A teoria das Redes Sociais desempenha um papel importante para a manutenção dos referenciais identitários do migrante com seu território, pois é através delas que o emigrante tem acesso às informações de sua origem, permanecendo viva em sua memória. Concomitantemente, elas também têm a função de minimizar aquilo que, a princípio, parece estranho ao migrante, portanto, contribuem para reforçar o projeto de permanência nos Estados Unidos (SALES, 1999).

Esse meu amigo de infância já tinha se disponibilizado a me receber porque quando você chega lá você precisa de alguém pra te receber, pra te dar um apoio nesse sentido porque você tem que ter lugar de ficar, tem que ter alguém pra arrumar trabalho pra você, você chega e não fala a língua, são obstáculos básicos que você vai enfrentar de cara quando você chega lá, quando você nunca foi. A língua, questão de moradia e trabalho são as três coisas básicas que afetam a pessoa quando tá chegando pela primeira vez. (Fabrício, 41 anos).

Há um consenso entre diversos autores (TILLY, 1990, SALES, 1999, ASSIS, 1996) de que as migrações internacionais são guiadas por um ideal coletivo, isto é, as questões individuais não são suficientes para levá-los à decisão de emigrar, e conforme coloca Sales (1999, p. 36), os fluxos migratórios são formados por:

[...] indivíduos ligados por conhecimento, amizade e experiência de trabalho, que incorporam a destinação americana como alternativa de mobilidade social. Situações de crise no país de origem, que afetam individualmente de maneiras diversas as pessoas (desemprego, baixos salários, instabilidade ocupacional, dificuldades de moradia, etc.), não são motores suficientes para levar à decisão da emigração, quando não há essas redes estabelecidas, o que explica o porquê de as pessoas saírem predominantemente de certos locais de origem [...].

Portanto, ainda que haja fatores que alimentem a saída de indivíduos para outros países, é necessário que haja redes estabelecidas no destino. Dessa forma, observa-se que nas migrações, geralmente, as pessoas emigram para lugares onde existe uma relação social pre-estabelecida (SALES, 1999). Com isso, pode-se dizer que estas redes sociais acabam por manter os fluxos e criar também uma cultura emigratória²¹ em função da presença constante de pessoas que se movem para lugares específicos em busca de melhores condições de vida.

Atualmente, diversos autores²² têm recorrido ao estudo das redes sociais para compreender a migração. De acordo com Siqueira (2009), as redes são um conjunto de conexões estabelecidas através de relações sociais – desenvolvidas no país de origem e de destino – que possibilitam ao emigrante contatar os mecanismos e agenciadores para facilitação do processo migratório, além de fornecer apoio emocional durante a estadia, criando laços e espaços de sociabilidade.

Massey (2000) realça que as redes de migrantes são conjuntos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não migrantes nas áreas de destino através de laços de parentesco e amizade e compartilham uma origem comum. A autora acrescenta que “conexões de rede constituem uma forma de capital social que as pessoas poderiam usar para obter acesso a um emprego no exterior” (MASSEY, 2000, p. 27). Dessa forma, pode-se dizer que o emigrante tem as redes sociais como um recurso para sua adaptação no país de destino e também como bagagem cultural, carregando consigo valores e costumes que serão agregados à sua nova realidade.

Mas como explicar a conexão estabelecida entre Governador Valadares e o país norte-americano?

As redes começaram a se formar ainda na década de 1960 e têm como ponto inicial a chegada dos primeiros emigrantes valadarenses aos Estados Unidos. Nas décadas seguintes, com o aumento do fluxo em direção a regiões norte-americanas, a rede social vai se ampliando e, nesse sentido, surge a ligação entre os dois pontos (SIQUEIRA, ASSIS, CAMPOS, 2010).

Ambos os países desempenham papel importante na construção da rede, pois se tornam responsáveis pelas trocas existentes entre os dois “mundos”: de um lado, os indivíduos em Governador Valadares fornecem o apoio necessário para a execução do projeto

²¹ Ideia desenvolvida a partir de um imaginário coletivo de que emigrar é uma saída para atingir seus objetivos de vida, que normalmente giram em torno de adquirir bens e com isso ganhar prestígio social.

²² Boyd (1989); Massey (1990); Tilly (1990); Fusco (1998); Soares (2002); Assis (2004).

migratório, que vai desde as informações sobre o destino até mecanismos legais ou ilegais para propiciar a documentação necessária para emigrar; do outro lado, aqueles que se encontram nos Estados Unidos oferecem, na chegada, suporte emocional, social, laboral, às vezes até financeiro aos recém-chegados.

Quando eu cheguei no hotel, tentei conversar, eles falavam espanhol e eu não consegui falar muita coisa com eles porque eu não sabia a língua, não sabia nada. Eu consegui ligar pra cá, pra minha esposa e eu pedi ela pra ligar pro pessoal que ia me receber lá que eu estaria nesse hotel. (Fabrício, 41 anos).

No relato de Francisco, o “lá” e o “cá”, Estados Unidos e Brasil, respectivamente, se misturam parecendo muito mais fácil para ele se reportar à esposa no Brasil para fazer contato com o responsável em recebê-lo no aeroporto do que buscar ajuda naquele país.

Sobretudo, ainda na década de 1960, os valadarenses que emigraram se tornaram ponto de referência para a emigração de seus amigos e familiares, que, por sua vez, foram referência para outros. Assim, a rede migratória foi se formando, sendo consolidada ao longo dos anos seguintes.

Conforme pesquisa feita com os primeiros emigrantes da região (SIQUEIRA, 2007), os relatos são de que a ajuda oferecida aos recém-chegados abarcava desde moradia e vagas de emprego até compra de remédios e ajuda com a comunicação devido a dificuldades com o idioma. De fato, essas redes foram fundamentais para a inserção e adaptação dos emigrantes que chegavam aos Estados Unidos pelo suporte oferecido até que eles se estabelecessem no novo país. A importância da rede é relatada por Priscila, que emigrou em 1991, no quinto mês de gestação, e contou com a ajuda da cunhada e do namorado para iniciar sua vida no exterior.

Com certeza! Eu podia ter morrido, tanto que eu cheguei com um trabalho já pronto pra mim porque a minha cunhada era housecleaner, que é diarista, ela já tinha arrumado pra mim um carro eu ia fazer aula de direção pra mim tirar a carteira e quatro casas pra limpar e era facinho porque lá limpeza é muito fácil, então a barriga não ia atrapalhar, e ela ia comigo [...]. (Priscila, 38 anos).

Ainda que Priscila tivesse acesso a uma rede de apoio, sentiu-se abandonada em função da distância da família, fator presente no relato de diversos emigrantes, percebido como grande incômodo.

No começo, quando eu estava grávida da minha menina, tive sentimento de abandono porque eu cheguei e logo em seguida veio o inverno, eu grávida ainda... E sempre tive muito minha mãe como minha amiga e como eu morei numa cidade que era só americano e lá só tinha de brasileiro que eu conhecia a minha cunhada e meu cunhado e meu marido trabalhava o dia todo e eu ficava muito sozinha, então era um sentimento de abandono. Eu ficava triste, sentia também solidão. (Priscila, 38 anos).

Na ocasião do retorno, o apoio é tão necessário quanto durante a estadia no exterior. O trecho a seguir relata as experiências de Míriam ao retornar forçadamente devido a um problema de saúde. Ela manifestou um tipo de anemia autoimune e necessitou de acompanhamento médico especializado. Embora tenha buscado o serviço de saúde nos Estados Unidos, não foi atendida adequadamente, segundo relato da entrevistada. Sem a participação dos familiares em seu retorno, seria extremamente difícil se adaptar.

Na verdade, eu vim por causa do tratamento porque meu pai é médico aqui e era mais fácil aqui, eu tenho Unimed e tal, era melhor. Só que voltar pra Valadares foi um regresso, eu senti que eu tava regredindo na vida. [...] Eu voltei pra faculdade agora porque meu pai tem condições de bancar pra mim a faculdade porque a situação do meu pai estabilizou novamente, ainda bem. A minha mãe também sempre me ajuda com esse negócio de estudo e até aqui em casa se eu tô apertada no mês. Eu tive que pôr alarme aqui em casa porque tava tendo muito assalto aqui na Ilha, meu irmão me deu de presente o alarme porque eu tava apertada, eu ia ficar no vermelho se eu pagasse o alarme do meu bolso! [...]. (Míriam, 32 anos).

Pesquisas recentes evidenciam que a existência desta rede impulsiona o fluxo até os dias atuais, embora ele tenha apresentado expressiva diminuição se comparado a décadas anteriores. Acredita-se que essa queda seja decorrente das crescentes dificuldades para se conseguir entrar no país, de forma documentada ou indocumentada (SIQUEIRA e SANTOS, 2012).

A fiscalização acontece também por autoridades brasileiras, com operações da Polícia Federal para controle dos meios ilegais de entrada no exterior. Para Povoá (2005), o atentado às Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001 determinou mudanças expressivas quanto à percepção do imigrante residente nos Estados Unidos. Para este autor, difundiu-se a ideia de criminalização do migrante e acrescenta

É notório que os imigrantes servem frequentemente como catalisadores de múltiplas frustrações, bem como de temores difusos contra ameaças dificilmente localizáveis. Sendo geralmente o “alvo mais visível”, não é de admirar o número de vezes que sobre os mesmos desembocam agressões e acusações várias. [...] No que tange à criminalização de migrantes, há que se levar em conta tanto a atribuição de crime ao próprio ato de migrar quanto a presença de estrangeiros (migrantes ou não) nas prisões norte-americanas e europeias. (PÓVOA, 2005, p. 303).

Além disso, em 2006, a crise econômica vivenciada pelos Estados Unidos tornou o custo benefício da emigração desvantajoso, contribuindo para a redução no fluxo de emigrantes em direção àquele país. Interessante salientar que, se nos anos 80 a crise econômica brasileira colaborou para a emigração de valadarenses, nos anos 2000, conflitos desta ordem provocaram o retorno de um contingente significativo de emigrantes valadarenses à cidade natal. De acordo com Siqueira e Santos (2012), a crise afetou primeiramente o setor imobiliário. Como resultado, grande parte dos emigrantes que trabalhavam na construção civil teve redução das horas de trabalho e queda do valor pago, diminuindo os ganhos e aumentando o custo de vida. Para muitos, o retorno passou a ser a única alternativa viável.

Nos anos seguintes, com o desenvolvimento de uma cultura da emigração²³ nas cidades no entorno de Governador Valadares e as dificuldades impostas pela política imigratória norte-americana, outros destinos foram inseridos nos fluxos, e Portugal, Itália, Espanha e Inglaterra passaram a fazer parte do projeto emigratório dos moradores da região (SIQUEIRA, 2011).

Ressalta-se que o presente estudo aborda as migrações internacionais não apenas para os Estados Unidos. Foram identificados também emigrantes que se direcionaram para outros países, como Portugal e Itália.

2.2 CULTURA DE EMIGRAR

Embora a questão econômica seja norteadora dos deslocamentos populacionais nos dias atuais, com o capitalismo e consequente Globalização, os indivíduos passaram a se deslocar de modo a atender seus interesses – não apenas financeiro, mas de bens de consumo, estilo de vida, contatos – sendo atraídos por possibilidades de uma vida melhor, explica Ramos (2008).

A busca por mobilidade em função dos interesses próprios explica o fato de os deslocamentos serem destinados a locais em que exista algum contato prévio. Assim, a presença de uma rede de apoio no destino é essencial para que se criem novos deslocamentos e seja estabelecido um fluxo consolidado.

²³ Este tema será tratado no item 2.2.

Fortemente presente na região de Governador Valadares, a cultura emigratória²⁴ pode ser considerada um fator importante na manutenção do fluxo de valadarenses para diversos países. Os filhos de emigrantes acabam incorporando a possibilidade de também emigrar, retroalimentando as redes sociais formadas nas sociedades de origem e destino. Portanto, as redes sociais são o pano de fundo da cultura de emigrar existente na região, uma vez que as conexões vão se mantendo estabelecidas ao longo das décadas.

Priscila, emigrante retornada, teve três filhos nos Estados Unidos. Durante anos ela manteve as redes já que seus filhos costumavam passar temporadas no Brasil, embora mostrassem não gostar do país. Tal fato mostra também a questão da identidade destes filhos, sobretudo pelo fato de serem norte-americanos e conviverem com pais brasileiros.

Quando o Jonathan nasceu, que ele fez três meses de nascido eu vim pro Brasil. Com os meus dois filhos, eu vim ao Brasil fiquei no Brasil seis meses, e os meus filhos ficaram e eu voltei. [...] quando a Brenda fez cinco anos eu voltei [para o Brasil] de novo e fiquei quarenta e cinco dias e voltei [para os Estados Unidos]. Nunca pensei em voltar pra morar [no Brasil]. [...] só pra passeio, só que os meus filhos todas as duas vezes que vieram ficaram assim um ano, dois anos e não adaptaram, eles não queriam vir. (Priscila, 38 anos).

A cultura de emigrar é um conceito que se aplica a comunidades com amplos padrões de migração internacional estabelecidos por longo período, como o caso da conexão Governador Valadares – Estados Unidos, que teve início nos anos de 1960 e continua até os dias atuais, completando quase 50 anos de fluxo. Sobretudo, esta cultura mantém o fluxo migratório e, especialmente, contribui para fortalecer a ideia incitada no imaginário coletivo da população de supervalorização daquilo que vem do exterior em detrimento do local, motivando os cidadãos daqui a sair em busca daquilo que desejam, mesmo que em outro país.

Certamente, há outros fatores que influenciam a decisão de emigrar, como as condições econômicas da população, as limitadas possibilidades de emprego e crescimento profissional, os baixos salários e as redes sociais entre a origem e o destino, formadas ao longo dos anos. Entretanto, deve-se levar em consideração também a forte presença dessa cultura de emigração que, mesmo diante das dificuldades oriundas do processo de emigrar²⁵, sustenta o sonho de muitos de se mudar para o exterior.

²⁴ Conceito entendido como a ideia da emigração internacional como uma alternativa viável para melhoria da qualidade de vida a partir de um imaginário coletivo e social, considerando a perspectiva econômica, social e cultural (SIQUEIRA, ASSIS, DIAS, 2010).

²⁵ Como já foi dito neste estudo, o acesso ao exterior se dá, na maioria das vezes, de forma indocumentada, seja por travessias pela fronteira do México, com ajuda de “coiotes”, ou pelo uso de documentos falsos.

A crença de muitos valadarenses de que a emigração é uma saída acessível para melhoria na qualidade de vida se mantém presente ainda na atualidade, embora as dificuldades inerentes à trajetória migrante sejam conhecidas por muitos. Diversos autores (MARGOLIS, 2013; SALES, 1999; SIQUEIRA, ASSIS, DIAS, 2010) correlacionam a cultura emigratória responsável por reforçar a ideia do estrangeiro como alternativa para ascensão social e financeira.

O desejo de “fazer a América” serviu de cenário para a construção desta cultura emigratória, e a existência das redes sociais alimentou toda a tradição de emigrar para o exterior, tornando-se apenas não mais uma alternativa, mas uma escolha na vida de muitos valadarenses.

2.3 O SONHO DE FAZER A AMÉRICA

A expressão “fazer a América” é bastante utilizada por muitos emigrantes para falar daqueles que saem de seu país rumo aos Estados Unidos em busca de ganhos financeiros. Nesse sentido, principalmente nas décadas de 1980 e 1990, estes emigrantes foram percebidos – pelos que permaneceram na cidade e até mesmo pelo poder público – como heróis, repletos de coragem, grandes guerreiros que enfrentaram muitas dificuldades na busca por seus objetivos.

Os mecanismos utilizados para concretização deste sonho vão desde o acesso a agenciadores, conhecidos como cônsules, que organizam a viagem para os Estados Unidos via fronteira, até a busca por modos legais de entrada no exterior. Segundo Siqueira (2009), os gastos com a viagem via fronteira variavam entre nove a treze mil dólares. No caso de Míriam, a viagem custou um pouco mais.

Conversamos com o cara e ele falou assim “bom, então já que vocês realmente estão dispostos eu vou mandar vocês”, 15 mil dólares cada um! Eu tinha que pagar ele em dez meses, muita grana. E ficou de boca – pensa bem hein! – de garantia a casa do meu padrasto no triângulo mineiro, nada assinado, mas a palavra tava dada! Se a gente não pagasse, mas graças a Deus deu tudo certo, trabalhei igual uma cachorra, mas eu paguei! (Míriam, 32 anos).

Para Marília, os custos foram muito além do previsto. Teve a irmã e o cunhado como avalistas, assinando notas promissórias no valor de nove mil dólares com 5% de juros ao mês, caso ela não pagasse no prazo determinado. O coioite a orientou que, caso fosse presa, a fiança seria paga no valor de cinco mil dólares e ela entraria no país. Mas não foi dessa forma que aconteceu, após diversos apuros, em determinado momento da travessia.

Quando a gente tava lá, de madrugada chegou uma carreta. Eram 37 pessoas pra entrar naquela carreta. No fundo da carreta, tinha caixas de limão. Eles fizeram um piso, uma quantidade assim de piso de melancia no meio ali. Do meio pra ponta, eles colocaram caixa de melancia até em cima e deixaram um espaço pra gente passar deitado. Como se fosse um fundo falso pra dar ideia de que tava cheio de carga e não de pessoas. “Vem Baixinha, a gente tá aqui! Vem, vem nadando na melancia, por cima!” Quando a carreta começou a sair, eles começaram a passar a mão em mim e querendo tirar minha blusa; levantava a blusa e eu abaixava. Eu falei assim “Ademir, tem alguém querendo tirar a minha roupa aqui!”. “Me dá a mão, vem pela minha voz”. Quando eu consegui pegar na mão, ele falou “aqui atrás tem um monte de caixa de limão; eu vou contar até três, na hora que eu gritar três eu vou te dar um impulso e você pula em cima da outra caixa que ali ninguém vai mexer com você”. A gente tava com fome e com sede também, como tinha melancia, o pessoal começou a furar melancia cortando com o dente. O Ademir pegou uma e me deu. Na hora que eu consegui fazer o buraco que eu enfiei a mão pra mim chupar, o caminhão para. Era a Imigração. Foi descendo um por um. Nisso ela chegou e falou que a gente tava detido, algemou eu e o Ademir juntos na mão e nos pés, aquelas bolas. Aí veio entrevistando a gente querendo saber nome de coioite e tal, mas eu só sabia chorar, eu chorava o tempo todo, que eu queria avisar pra minha família que eu tinha sido presa e as minhas costas doía muito, doía que aí eu já não aguentava mais de tanta dor. (Marília, 37 anos).

A dor sentida por Marília durante os momentos de tensão vivenciados na travessia pode ser compreendida em seu valor simbólico. É como se naquele momento suas costas tivessem que suportar todo o peso da prisão, que envolvia o futuro de seus filhos, sua dívida com os agenciadores e a própria dívida com a família, ou seja, o fracasso de seu projeto migratório assumia uma dimensão de acima das possibilidades e de sua capacidade de pensar no fracasso.

A decisão por sair de seu país, deixar sua casa, amigos, família surge a partir da crença, socialmente construída, de que emigrar lhe daria aquilo que lhe falta em seu território.

Durante o período de permanência no país de destino, o emigrante está em condição de invisibilidade, isto é, muitos vivem à margem da sociedade local, fator comumente descrito por autores como Achotegui (2004) e DeBiaggi (2004) como potencialmente capaz de trazer sofrimento ao indivíduo. No caso de Governador Valadares, muitos emigrantes relatam ser

indocumentados, tendo de conviver com o medo frequente da Imigração²⁶. Humberto, emigrante indocumentado que viveu durante quatro anos na região de Boston, relata uma das vezes em que teve de enfrentar o fantasma da Imigração.

Esse dia eu tava passando na bicicleta, eu vi a Imigração, eu vi assim ICE, que a Imigração anda com uniforme escrito ICE atrás, na hora que eu vi ICE “Imigração! Nossa senhora, Maria passa na frente!” e saí pedalando! Um deles ainda olhou pra mim e riu, deve ter pensado “aquele ali é um pobre coitado” ou ele achou que era americano. Eu senti “tô lá no Brasil! Não me deportar agora, se eles me pararem, eles me deportam! Eles já estavam me procurando porque eu já era ilegal no país, já tinha passado da data da corte...”. Eu passei, peguei com Maria, passei. Graças a Deus, só olharam pro meu lado assim e riram e riram e riram! Eu tinha medo, todo mundo lá vive assim, falou que é polícia, polícia parou, “nossa, vai chamar a Imigração” e às vezes eles chamam! (Humberto, 40 anos).

Para Elisa, ainda que seu projeto de emigrar tenha sido em função do casamento, sentiu na pele o preconceito para com o emigrante, conforme relata:

Muitas vezes eu achava, pode ser cisma, mas eu já percebi em loja... Tinha um shopping que eu ia sempre e tem uma loja que eu percebia, muitas vezes, que eles se comunicavam, eu achava que eu tava sendo vigiada. Uma vez eu tava sozinha, tava sem meu marido, percebi e falei com ele e ele falou assim “não, é impressão sua!” e eu falei “não é!”. Eu fiquei muito chateada, me sentia muito humilhada e eu falei assim “agora eu sinto o que o negro sente no Brasil”. (Elisa, 41 anos).

Outro ponto importante se refere à ocupação do mercado de trabalho secundário, para o qual não é necessário mão de obra qualificada. Recebem baixos salários, desempenham atividades com jornada de trabalho dupla e até tripla, prejudicando a alimentação, e ainda não têm reconhecimento social. Pesquisas apontam para a existência de um mercado de trabalho disponível para o emigrante, que os nativos não se propõem a ocupar. Do ponto de vista econômico, Siqueira (2009) salienta que:

Aumentar salários para atrair os trabalhadores nativos eleva os custos da produção, além de criar um estrangulamento no processo produtivo, sendo mais acessível e barata, num período de pouca oferta de trabalho, a importação do trabalho do imigrante, que aceita como condições o baixo salário e o pouco prestígio social (p. 38).

Todavia, este mercado parece atrativo ao emigrante se comparado à sua vida antes de emigrar. Embora os salários sejam baixos e as funções desempenhadas, às vezes, em nada se

²⁶ Assim chamada pelos emigrantes em referência ao Órgão federal dos Estados Unidos, responsável pela fiscalização de imigrantes naquele país.

assemelhem ao seu trabalho anterior, para o emigrante há uma compensação financeira que mantém seu projeto migratório, pois, ainda que tenha remuneração inferior à dos nativos, os emigrantes atingem o objetivo com a migração, que é melhorar sua qualidade de vida ao retornar à origem, fato percebido pela aquisição de bens.

Conforme exposto, o projeto de emigrar apresenta quatro etapas, todas marcadas por dificuldades e tensões próprias do movimento migratório (SIQUEIRA, 2009). Primeiramente, envolve o movimento de saída rumo ao país de destino, no qual o indivíduo é influenciado pelo ideal coletivo de que aquele é um país de possibilidades. Nesta etapa do projeto, familiares e amigos estão envolvidos e contribuem para sua realização com ajuda financeira ou mesmo com apoio para organização da viagem.

Em um segundo momento, já no país de destino, o projeto baseia-se na possibilidade de altos ganhos financeiros e formação de poupança. Para isso, os emigrantes têm de se submeter a exaustivas horas de trabalho em atividades que dificilmente desempenhariam caso estivessem no Brasil. Pesquisas relacionadas a emigrantes valadarenses (SIQUEIRA, 2009; FUSCO, 1998; FAZITO, 2002; SOARES, 2002) mostram que, em sua maioria, as mulheres exercem atividades domésticas de faxina e babá, enquanto os homens trabalham na construção civil e jardinagem. Os relatos de emigrantes retratam uma dura realidade, pois, além da ocupação deste mercado de trabalho secundário, ainda têm de conviver com o medo constante da deportação, haja vista sua condição de indocumentados²⁷.

Além da ocupação deste mercado de trabalho, Priscila ainda se dispôs a trabalhar em três funções diferentes que conseguia realizar concomitantemente. Segundo relata, enquanto se dirigia ao emprego de babá, entregava os jornais e, posteriormente, fazia as faxinas.

Olha, nessa época, já eu trabalhava muito, muito, muito mesmo. Eu tava trabalhando praticamente em três trabalhos: eu entregava jornal, eu era babá e housecleaner. (Priscila, 38 anos).

Já Humberto trabalhava em apenas um emprego, porém, mantinha uma rotina diária de 12 horas de trabalho, de domingo a domingo. Chegou a ganhar mil dólares por semana e emprestar dinheiro para o irmão.

²⁷ Novamente, a Imigração, assim chamada pelos emigrantes, representa uma ameaça à continuação do sonho de “fazer a América”.

Minha vida foi trabalho. Eu comecei na carpintaria. Com dois meses, eu fiz as minhas contas e falei com meu irmão que carpintaria não dava dinheiro. O que ganha no verão gasta no inverno, então não compensa, é ilusão. Tinha uma colega minha que o marido era português naturalizado americano, eles são muito gente boa, me receberam, me ajudaram muito lá, aí eu falei com ele se você arrumava um serviço pra mim pra eu ganhar quatro dólar a hora fixo. Na outra semana, ele me indicou numa empresa de um colega que tava precisando de ajudante de mecânico. Sai da carpintaria e comecei nessa empresa ganhando 11 dólares a hora. (Humberto, 40 anos).

O cotidiano do emigrante é marcado por inúmeras dificuldades. A mudança de país, a necessidade de incorporar novos hábitos de vida, alimentação, clima e o isolamento social são questões que perpassam o movimento migratório, capazes, portanto, de ocasionar sofrimento significativo para o indivíduo.

Investir no Brasil, especialmente na cidade de origem é uma das etapas do projeto de emigrar. Os ganhos advindos do trabalho pesado realizado no exterior são transformados em bens na cidade de origem. Assim, ao longo dos anos, muitos emigrantes vão construindo seu patrimônio, fazendo investimentos como a compra de imóveis, carro, abertura de estabelecimentos comerciais, entre outros, para que, ao retornarem, possam viver com certa estabilidade.

A última etapa do projeto migratório é o retorno à terra natal. Retornar tem uma representação simbólica, um valor delegado ao país de origem, onde foram construídas as relações sociais que lhe permitem lembrar-se de suas raízes, imbuídas de afetividade, reafirmando que este é o seu lugar. Nesse sentido, o retorno é planejado assim como também o é o projeto de migrar. O retorno acontece não apenas em função das redes sociais já estabelecidas, mas também pelo valor simbólico que o lugar representa para o emigrante, que necessita mostrar a todos o quanto seu projeto de emigrar foi bem-sucedido.

Ressalta-se que o sujeito deste estudo é o indivíduo que passou por todas as etapas do projeto migratório, sendo considerado um emigrante típico, ou seja, aquele que foi para o exterior, permaneceu lá durante alguns anos em busca de melhorar sua qualidade de vida no Brasil, através de investimentos na cidade de origem e em determinado momento, e decidiu retornar à terra natal. As causas do retorno são de ordem subjetiva, exceto nos casos de deportação.

Como Sayad (2000) acrescenta, o período de migração é um tempo em suspensão, em que tudo é permitido em função de um objetivo maior. Dessa forma, pode-se pensar que o tempo da migração é diferente do tempo real da vida, pois não é cronológico; o espaço em que ocorre a migração também não é o espaço real da vida, sendo vivenciado para cada indivíduo de maneira única.

Tanto a construção do projeto de emigrar quanto a sua execução, como destacado no item anterior, são facilitadas pela formação das redes sociais, pois possibilitam aos moradores acessar as informações ainda na cidade de origem e contactar pessoas que os apoiam no destino. Essas redes possibilitam ao emigrante recorrer a agenciadores que facilitam o processo migratório ainda na cidade de origem, além de ter contatos suficientes para ser recebido no destino por parentes ou amigos e se inserir no mercado de trabalho rapidamente. Sobretudo, as redes têm ainda o papel de fornecer apoio emocional ao longo do projeto migratório, criando laços que minimizam os impactos da migração.

A decisão de migrar não é uma decisão individual. Há um ideal coletivo que move o migrante e que vai além de questões financeiras (ASSIS, 1996). Assim, migrar para um país onde se desconhecem o idioma local, os costumes, valores diferentes etc. pode ser amenizado por intermédio das redes sociais, que fornecem suporte psicológico.

Embora a motivação econômica esteja na base do projeto migratório, é possível perceber a importância das redes sociais na manutenção do projeto migratório. Através de pesquisas realizadas na região, observa-se, nos relatos de emigrantes, que as redes sociais ganham destaque, seja na origem provendo os recursos necessários para a concretização do projeto, seja no destino colaborando para adaptação do migrante no âmbito do trabalho, moradia. Em outras palavras, oferece suporte para sua adaptação e sustentação do projeto migratório durante os anos.

Só o apoio da família mesmo porque se não fosse o apoio da família... Lá faltava muito, muito e o essencial: afeto da família, o carinho, a convivência, que é coisa que ninguém consegue buscar de volta. Dinheiro eu busco, vou lá na América e ganho mais, minha família não! (Humberto, 40 anos).

Nesse sentido, é possível refletir acerca da experiência no país de destino, como elemento significativo, na ocasião do retorno, uma vez que as experiências vivenciadas podem modificar a maneira como o indivíduo dará significado a esta etapa do projeto.

2.4 O RETORNO

Ah! pra mim tava ficando tudo, minha felicidade, tava ficando tudo lá... E meu marido também! E na hora que eu entrei no avião, nossa, eu chorei demais! A recepcionista lá que pega a passagem da gente era brasileira, ela olhou pra mim e falou assim: “você sabe que na hora que você atravessar aquela portinha ali não tem volta pra você – porque meu visto já tinha vencido – a não ser que você consiga outro visto, então você tem certeza que você quer ir embora?”. Eu fiquei assim com coração doendo, aí falei, assim, “é, tenho né... já tô aqui”. (Priscila, 38 anos).

O intenso fluxo emigratório de valadarenses ao exterior tem levantado discussões complexas tanto no campo acadêmico quanto político. Da mesma forma, o retorno do emigrante é um assunto que merece destaque, pois se observa um número cada vez maior de emigrantes que retornam ao país. Em Governador Valadares e seu entorno – origem de um fluxo migratório consistente – observou-se também aumento no número de emigrantes retornados²⁸.

Pesquisas na região²⁹ relatam dificuldade de readaptação do emigrante às suas origens que, inicialmente, parece estar ligada à busca pelo tempo em que saiu da sua terra rumo ao exterior. Segundo Sayad (2000), o emigrante busca em seu retorno encontrar o tempo de sua partida, isto é, as mesmas pessoas e lugares, conforme se observa na fala de Priscila sobre do que sentiu falta ao retornar à sua terra.

Amigos, eu acho, os que ficaram [no Brasil] porque quando eu voltei já estavam casados ou mudaram, então eu perdi o contato, isso eu senti falta, porque eu tinha muitas amigas aqui que eu era ligada mesmo. (Priscila, 38 anos).

Pelos relatos de emigrantes retornados, observa-se que há, no seu imaginário, uma cristalização do tempo, isto é, ao regressar, eles esperam encontrar tudo o que deixaram quando partiram, querem voltar ao tempo da partida. Contudo, é impossível ter acesso àquele tempo que se cristalizou em sua memória. Ele não percebe que, assim como para ele, o tempo na origem também promoveu mudanças no território e nas pessoas. O relato de Priscila reporta ao choque que teve logo que chegou ao Brasil.

²⁸ Informação apresentada no Fórum de Discussão realizado pela Prefeitura Municipal de Governador Valadares. Disponível em:

<http://www.valadares.mg.gov.br/current/noticias/2824emigracao_e_mais_um_ciclo_que_acabou_forum_de_discussao_debate_o_assunto>. Acesso em 11/08/2013.

²⁹ ASSIS, 1996; SIQUEIRA, 2009; SIQUEIRA E SANTOS, 2012.

Eu me via no espelho, eu me via a Priscila do jeito que eu saí daqui, mas as pessoas, meu irmão, quando eu saí daqui ele era magrinho, voltei tava aquele homem gordão, barbudo! Minhas tias tudo gordonas, eu senti muito diferente, mais velho, os meninos que eram tudo pequenininho, tudo rapaz e moça, então dá um choque em você, mesmo que você vê uma filmagem, qualquer coisa, não é a mesma coisa você ver o pessoal. (Priscila, 38 anos).

É importante acrescentar que as dificuldades no retorno não acontecem da mesma forma para todos os emigrantes. Em seu estudo, Siqueira (2009) mostrou que aqueles que obtiveram êxito no retorno conseguiram se adaptar melhor, ao passo que aqueles que não tiveram o mesmo sucesso apresentaram dificuldades, chegando a buscar, novamente, a emigração como uma alternativa. Quanto mais tempo o emigrante fica ausente de seu país, maior a dificuldade de obter sucesso e de se adaptar.

Portanto, a constatação de que não se pode acessar o tempo anterior à sua partida, acaba gerando em alguns emigrantes retornados uma grande frustração já que durante todos os anos do projeto migratório foi construída uma ideia de que o retorno é sinônimo de tranquilidade, quando na verdade suas expectativas não são atendidas.

Se de um lado, pode-se sempre voltar ao ponto de partida, o espaço se presta bem a esse ir e vir, de outro lado, não se pode voltar ao tempo da partida, tornar-se novamente aquele que se era nesse momento, nem reencontrar, na mesma situação, os lugares e os homens que se deixou tal qual se os deixou (SAYAD, 2000, p. 12).

Assim, o emigrante ao retornar, embora esteja no mesmo espaço geográfico, não encontra o tempo de sua partida. O tempo promoveu mudanças das quais ele não participou, com isso ele não se reconhece mais pertencente àquele lugar. Este cenário provoca um sentimento de estranhamento frente ao território, em função do não reconhecimento daquele espaço como seu. Nesse sentido, o território torna-se desconhecido e novo ao emigrante, devendo ser explorado por ele.

Míriam descreve esse sentimento logo que chegou ao Brasil, ainda no aeroporto:

Mas era um misto porque eu tava muito triste, mas eu também tava muito feliz porque daqui a poucas horas eu ia ver a minha família que eu não via há cinco anos! Aí eu vim. Quando chegou em São Paulo, a gente saiu de lá num frio e aqui tava um calor! E eu já fui arrancando o blazer e o lenço e aí eu falei “ah meu Deus, estamos no Brasil!” E aquela confusão, desorganização total, começou um choque. Só que quando eu cheguei em Belo Horizonte que a minha família tava lá, meu irmão veio chorando me abraçar e meu pai tava lá também, meu pai, meu padrasto e minha mãe, foi maravilhoso! Mas eu fiquei muito feliz, chorei demais de ver eles assim, todo mundo se abraçou, foi muito emocionante, mas houve um choque de realidade também. (Míriam, 32 anos).

Da mesma forma, Priscila sentia estar deixando para trás sua felicidade, representada pelo marido e seus filhos. Ao retornar, inicialmente, é tomada por uma sensação de alívio no momento em que constata sua chegada à terra natal.

Quando você vê a Ibituruna dá aquele... parece que aquele sol brilha assim pra você. Você fica muito feliz, então na hora que eu vi a Ibituruna eu falei "nó tô em Valadares!". Então foi muito, muito feliz mesmo na hora que eu bati o olho na Ibituruna. (Priscila, 38 anos).

Em outro momento, esse deslumbramento ao ver o Pico da Ibituruna³⁰ é tomado pela realidade de Priscila. Sem qualificação profissional, tem impedimentos para ter um bom emprego e, conseqüentemente, uma vida estabilizada, o que lhe causa constante sofrimento e alimenta seu desejo por emigrar novamente para os Estados Unidos para junto de dois de seus filhos que retornaram para lá.

É uma beleza? É. Só que na hora que você vê a realidade, que você não consegue um trabalho. Igual pra mim que não tem o segundo grau completo, sou mais velha, tenho filho, então as portas se fecham muito, então aí começam as dificuldades. Isso que é meu sentimento, que eu não queria passar pelo que eu estou passando, ter falta das coisas porque eu queria ter uma vida controlada, uma vida estável. (Priscila, 38 anos).

Diante das questões que permeiam o retorno, pode-se dizer que há uma semelhança entre a partida e o retorno do emigrante. Em um primeiro momento, ao chegar ao exterior, o emigrante sente o estranhamento frente ao novo território, e as dificuldades são muitas (idioma, emprego, alimentação diferenciada, nova rotina de trabalho, distância física de familiares, cultura, entre outras). Resta a ele explorá-lo, visando a se adaptar para cumprir com seus objetivos.

Mais me incomodava no começo foi o frio, porque Valadares é muito quente aí você chega lá de repente vem aquele inverno com aquela neve! E também a linguagem porque eu custei pra aprender a falar o inglês. [...] comida lá a gente não achava nada igual do Brasil. Eu estranhei muito porque eu não achava os sabores daqui, nossa! Ficava doida pra tomar uma Fanta Laranja lá não tinha! (Priscila, 38 anos).

Em um segundo momento, ao retornar, o emigrante também sente um estranhamento por perceber o território como novo, tendo de enfrentar dificuldades relativas à sua readaptação. As dificuldades com o idioma e com a ausência da família já não existem,

³⁰ O Pico da Ibituruna é o principal atrativo turístico da cidade de Governador Valadares, sendo destaque entre as paisagens naturais existentes na região, se consagrando como cenário nacional e internacional na prática do voo livre.

entretanto, buscam a afetividade de seus familiares já que os anos sem convivência modificaram as relações. As preocupações com os meios de sobrevivência e reinserção no mercado de trabalho também são constantes.

Eu fui pra lá com dezoito, eu voltei praticamente eu tava fazendo trinta e três anos. Então a minha vida toda eu andei de carro, a minha vida toda eu fui ao shopping comprei do bom e do melhor, aí eu vim pra cá e de repente acaba isso tudo! Meu medo era esse, meu medo de faltar as coisas pros meus filhos, mas como ele me garantiu que isso não ia acontecer que eu poderia vim, aí, eu vim. (Priscila, 38 anos).

Chegava no supermercado pra fazer compra e tal eu falava “nossa senhora, gente, que compra cara, como é que a gente vai viver assim aqui?! Como é que eu vou continuar vivendo apertada?”. (Míriam, 32 anos).

Eu tava com muita vontade de dar certo aqui no Brasil e não foi por falta de fazer alguma coisa, não foi porque eu não fiz nada. Foi porque nós mexemos com algumas coisas que não deram resultado favorável para que a gente tivesse uma tranquilidade. [...] porque eu tenho dois filhos que estão pequenos, pra mim bancar minha despesa, eu tenho que ter um respaldo financeiro, de segurança pra eles em algum ponto até mesmo na escola. (Fabrício, 41 anos).

Dessa forma, diversos autores (SALES, 1999; SAYAD, 2000; SIQUEIRA, 2009) compartilham a ideia de que retornar é mais difícil para o emigrante do que emigrar. Em função disso, embora haja planos de retornar, muitos acabam por viver nos dois lugares, tornam-se transmigrantes (ASSIS, 1996). Em Governador Valadares, é muito comum encontrar pessoas que permanecem nos Estados Unidos por alguns meses do ano, seja para visitar parte da família que ficou lá, seja para fazer compras e vender no Brasil, ou mesmo para trabalhar e ter capital suficiente para custear suas despesas enquanto permanecer no Brasil.

Margolis (1994) chama atenção em seu estudo sobre brasileiros em Nova York para o que ela denomina de “síndrome da cabeça em dois mundos” (p. 302), isto é, aqueles emigrantes que residem no exterior, mas permanecem com seus corações ligados ao Brasil³¹. Da mesma forma, aqueles que não têm documentação necessária para entrar e sair do país permanecem divididos entre dois mundos, mundos estes que representam seu estado físico, de lugar, o espaço que ocupa e o emocional, seus sentimentos, percepções, esperanças, alimentando o desejo de emigrar novamente.

³¹ Segundo a autora, expressões como ‘estamos aqui, mas nossas cabeças [corações] estão no Brasil’, ‘cabeças estão em dois lugares’, ‘de corpo, mas não de alma’ (p.300-301-396) são comumente presentes em seus relatos.

Eu tenho um sonho de voltar, eu quero voltar, meu sonho é voltar! Graças a Deus, uma coisa eu consegui nos Estados Unidos foi é ter filho americano. Futuramente vão me dar o Green card, como a minha filha vai fazer vinte anos agora em setembro, aí eu vou poder voltar, nem que seja pra ficar lá um mês, dois meses, mas eu quero voltar. (Priscila, 38 anos).

Acredita-se na presença de fatores que dificultam a integração do emigrante na sociedade de destino. Ramos (2008) coloca que o emigrante tem de lidar com fronteiras imaginárias como as limitações com o idioma, a cultura, a discriminação, o novo estilo de vida da sociedade de destino, que não favorecem sua inserção. Além disso, Margolis (2013) atenta para o fato de sempre planejar retornar ao Brasil, como fator que provoca, de algum modo, o desinteresse em fazer parte de tal sociedade.

O perfil dos emigrantes retornados é traçado por Siqueira e Santos (2012). Segundo pesquisa realizada por estes autores³², os homens representam 73% dos emigrantes retornados, e a maioria retornou sem conseguir os documentos necessários à sua legalização naquele país. Entre os principais motivos para retornar estão a saudade da família, aspectos relacionados à crise econômica e o retorno planejado.

Embora aparentemente a adaptação à terra natal seja uma tarefa simples, acarreta uma dualidade de sentimentos quanto a pertencer à sua origem frente ao estranhamento experimentado desde o início de sua chegada. Portanto, acreditar que o retorno lhe trará o mesmo tempo de sua partida é uma situação potencial para gerar sofrimento. Sentindo-se um estranho em sua própria terra, faz-se necessário que o emigrante crie recursos próprios – materiais e psíquicos – para apreender o novo território a ser explorado.

No retorno, o emigrante constata que as marcas deixadas pelo processo migratório são difíceis de apagar, sobretudo, nesse momento, ele tem a percepção de que a experiência migratória tem efeitos que só aparecem no contato com sua origem. Deste modo, Sayad coloca que

Assim como a ausência, a presença também tem seus próprios efeitos. Não se habita impunemente outro país, não se vive no seio de outra sociedade, de outra economia, em outro mundo, em suma, sem que algo permaneça desta presença, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades do contato, os domínios, as experiências e as sensibilidades individuais, por vezes não se dando conta delas, e, outras vezes, estando plenamente consciente dos efeitos. (SAYAD, 2000, p.14).

³² Esse estudo foi feito com emigrantes retornados no contexto da crise econômica. Entrevistas realizadas no período de 2006 a 2010. Especificamente nesse contexto, encontramos um percentual significativamente maior de mulheres. Em outros estudos, como, por exemplo, de Siqueira (2009), o percentual entre homens e mulheres é equivalente.

Por tudo isso, observa-se que os emigrantes retornados, entrevistados neste estudo, encontram dificuldade em lidar com aquilo que constatam ao retornar. Entre essas constatações, estão o pecado da sua ausência (SAYAD, 1998) e a certeza de que os anos em que esteve longe da família não podem ser revividos. Humberto, analisando suas perdas com a emigração, decide voltar ao seu país, pois mesmo enviando todo tipo de ajuda financeira para a família, nada disso supria sua ausência. Enquanto ainda estava nos Estados Unidos, sua companheira separou-se dele e foi viver com outra pessoa, deixando os filhos com a avó paterna. Diante desse fato, Humberto decidiu retornar para ajudar nos cuidados com os filhos. Pode-se considerar na perspectiva da análise de Sayad (2000) que seu retorno foi uma forma de se redimir pelo pecado da ausência, conforme se pode observar em seu relato.

A maior riqueza minha é meus filhos e eu to perdendo o tempo junto com eles e esse tempo não volta mais. Às vezes, entrava pro quarto, chorava, depois voltava “não, mais eu tenho que conquistar uma vida melhor pra eles, depois poder pagar uma faculdade”. Sempre um pensamento que ainda voltava à força era esse, pra valer a pena. Como aconteceu tudo isso [a separação] já vi que não vale a pena, agora eles precisam de mim perto deles pra poder cuidar deles. (Humberto, 40 anos).

No retorno, os anos vividos no exterior poderão apenas ganhar um novo sentido, principalmente se a emigração tiver sido bem-sucedida³³. Do contrário, resta “[...] reatar os fios para além da ruptura, recompor os cacos, essa é a insistência desesperada que sustenta a vida [...]” (SAYAD, 1998, p. 116).

³³ Emigrantes bem-sucedidos, segundo Siqueira (2009), são aqueles que conseguem cumprir o objetivo do projeto migratório, comumente relacionado a investimentos na cidade de origem.

3 TERRITÓRIO, MIGRAÇÃO E SAÚDE

Entre os diversos fatores que movem as pessoas a migrar para outros países, destacam-se o desejo, alimentado por uma sociedade de consumo, de adquirir bens, a curiosidade pela cultura do país de destino e a crença da emigração como única possibilidade para alcançar melhores condições financeiras.

Segundo Ramos (2008), o desejo de emigrar não é de todo imanente nas pessoas, tem um componente social. A decisão de sair de seu país, deixar sua casa, amigos, família surge a partir da crença, socialmente construída, de que migrar é a solução (cultura da emigração). Um dado importante que mostra este componente social está presente no relato dos entrevistados.

Acontece que a coisa foi ficando cada vez pior e o Michael, meu marido, tinha a família lá nos Estados Unidos, a mãe que veio, inclusive, ficou um tempo, veio para eles conhecerem a sobrinha que ninguém conhecia e tal e ela falou com a gente “por que que vocês não animam de ir pros Estados Unidos?”. (Míriam, 32 anos).

Quando ele chegou, que a gente reatou o namoro, ele começou a perguntar se eu tinha vontade de ir. Ele me explicou que lá era bom, que eu ia ter um futuro melhor, que eu sou apaixonada com roupas e sapatos, que lá as condições pra isso eram melhores, eu comecei a me interessar a ir pra lá. (Priscila, 38 anos).

Quando surgiu aquela questão dos Estados Unidos, dos amigos terem ido, surgiu aquele interesse... Tem um detalhe nessas questões de Estados Unidos que o retorno, a ascensão financeira era rápida e isso intrigava muita gente, sempre intrigou, eu acho que até hoje, mesmo estando meio fraco a coisa lá. (Fabrício, 41 anos).

O imaginário coletivo, criado em torno da ideia de emigrar, pode ser percebido pela fala de Flávia, emigrante que, ainda na infância, sentia as influências daquele país em seu cotidiano, contribuindo para criar a ideia de riqueza em torno dele.

[...] minha vizinha, como o pessoal dela morava nos Estados Unidos, eu lembro que ela tinha o Mário daquela manetinha assim... Nossa, eu chegava lá, eu ficava assim babando, encantada com aquilo! [...] Olha, eu acho que ele veio [dos Estados Unidos] não tenho certeza, mas na minha cabeça, eu penso que ele veio porque era muito raro, ninguém tinha! Então assim – Oh! tô arrepiando! – eu achava que era de lá. Então quando ela falava “você quer brincar”, eu falava “quero!”, ficava naquela ansiedade pra brincar, era igual dar o pirulito pra criança e depois tirar porque eu não podia ter. (Flávia, 31 anos).

A cultura da emigração, como já apresentada, é construída socialmente e, nesse relato, fica evidenciada como desde a infância Flávia foi influenciada pela ideia de que dos Estados Unidos vinham presentes e coisas que jamais encontraria em seu território de origem, firmando, assim, a ideia de um lugar de riquezas e facilidades.

Diante dos relatos de experiências no exterior, a ideia socialmente construída dos Estados Unidos como potência mundial também carrega outros ideais como o de Humberto.

Eles falavam “ah! Dá muito dinheiro”, mas fora do país? Viver fugindo de polícia? Eu não gosto desse trem de ficar fugindo de polícia, ficar escondendo porque a gente tem uma noção de fugir de polícia você tá fazendo alguma coisa errada, isso aí não é pra mim não, viver fugindo?! E desde criança, desde a adolescência, a gente escutava assim “vai pra América acabou o casamento”. Isso eu sempre escutei, “ah! Mas vai levar a mulher junto”, “acabou lá então!” (Humberto, 40 anos).

Como descrito em itens anteriores, essa ideia dos Estados Unidos como o “eldorado”, a “terra prometida”, sobretudo, como solução viável de ascensão social, sofreu influência da presença dos estrangeiros na região ainda na década de 1940 e foi fortalecida com o início do fluxo nos anos 1960. Os fluxos possibilitaram a construção de redes migratórias que foram consolidadas em meados da década de 1980 pelos mecanismos facilitadores já explicitados no texto. Ainda nos dias de hoje, essas redes encurtam as distâncias ao proporcionar todo tipo de ajuda àquele que chega ao estrangeiro.

A presença dos familiares do marido de Míriam no exterior contribuiu de forma positiva para se sentir acolhida e segura frente às dificuldades que esperava encontrar:

[...] a gente tinha uma casa pra chegar! Não tava indo ao Deus dará assim sem ninguém. [...] Ele tinha a irmã, uma sobrinha, a mãe, a irmã mais velha já tinha ido pelo México, inclusive sofreu o diabo, passou pelo deserto. (Míriam, 32 anos).

O relato de Flávia sobre a cunhada e o companheiro que a receberam por lá mostra a importância das redes para os emigrantes recém-chegados, sobretudo em relação à criação de seu filho.

Nossa, ela me ajudou demais! Os dois assim foram um alívio que eu tive lá em termos do João Pedro [seu filho] me ajudou demais. (Flávia, 31 anos).

Todo esse cenário estabelecido pelo fluxo contínuo de emigrantes reforça a ideia de uma cultura de emigrar existente na região e mantida até os dias de hoje. Esta cultura possibilita a manutenção do fluxo, pois os residentes da região percebem o estrangeiro como

um espaço que lhes proporciona mudança de vida, pela aquisição de bens em pouco espaço de tempo³⁴.

Esse ideal coletivo pode ser percebido pelos relatos dos entrevistados:

Nossa! Eu imaginava que era país de outro mundo, você conseguia as coisas muito fácil, né, o dólar subia na cabeça! Quando falava nos Estados Unidos, eu falava “ah! Vou conseguir as coisas, tudo que eu quiser eu vou ter!” (Flávia, 31 anos).

Sempre me intrigou a questão como é que era lá. Deslumbrava a gente quando via fotos dos amigos, e me deslumbrou e eu também me interessei muito pela questão financeira, que era uma ascensão financeira rápida. Quando se falava de Estados Unidos, de alguém que estava lá, era aquela questão envolvendo a pessoa, as coisas eram diferentes, tudo parecia muito bonito, muito, digamos, rico, tudo era uma questão na estética, depois vinha aquela questão também de dinheiro rápido em pouco tempo (Fabrício, 41 anos).

O fenômeno da migração internacional em Governador Valadares tem despertado interesse em diversos estudiosos ao longo dos quase cinquenta anos de fluxo. Durante todos esses anos, a cidade passou por diversos períodos de saída intensa da população rumo à terra do *Tio Sam* como se pôde observar nos anos 1980 e 1990 (SOARES, 1995). Durante estas décadas, Governador Valadares tornou-se conhecida mundialmente pelo grande volume de pessoas que saíam da cidade para viver nos Estados Unidos (ASSIS, 1996).

Dessa forma, a expressão “fazer a América”, utilizada desde a vinda dos europeus para o Brasil no período pós-guerra, foi sendo consagrada também pelos valadarenses. Com isso, as influências dos processos migratórios vão se tornando perceptíveis na cidade e também no exterior. Isto porque aquele que emigra, leva consigo costumes, hábitos, uma cultura diferente e acaba por influenciar o ambiente em que vive. Da mesma forma, ao retornar, traz consigo uma bagagem cultural e novos hábitos apreendidos no exterior, que acabam por configurar o território.

De acordo com o Ministério das Relações Exteriores, há cerca de três milhões de brasileiros vivendo fora do país³⁵. Sabe-se que este número é impreciso em função daqueles que emigram de forma indocumentada, sendo praticamente impossível enumerá-los.

Os modos de entrada sem documentação utilizados pelos valadarenses para chegar aos Estados Unidos são via fronteira do México e falsificação de passaporte. Com a intensificação da fiscalização por parte dos governos brasileiro e norte-americano, nos últimos anos houve

³⁴ Destaca-se que com a crise houve redução significativa do fluxo, conforme estudos de Margolis (2004) e Siqueira e Santos (2012).

³⁵ Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/assistencia-consular>>. Acesso em: 02/09/2013.

diminuição do fluxo por esses meios. Além disso, os acordos firmados entre os dois países, no sentido de facilitar a concessão de vistos para brasileiros, têm provocado diminuição na busca por meios ilegais de entrada nos Estados Unidos. Outro fator é a crise na economia americana, que atingiu diretamente o mercado de trabalho secundário e os nichos ocupados pelos emigrantes, tornando o custo benefício da emigração negativo.

Em relação a países europeus, a concessão de visto não é necessária para os países de maiores fluxos como Portugal, Itália, Espanha e Inglaterra, mas a crise econômica que também atingiu a Europa tornou a emigração menos atrativa. O sinal positivo da economia brasileira, com aumentos reais do salário e da oferta de trabalho, foi outro fator que contribuiu para a redução do fluxo. Dados do Censo Demográfico 2010 identificaram os destinos preferidos dos brasileiros, sendo os mais procurados: Estados Unidos da América (23,8%); Portugal (13,4%); Espanha (9,4%); Japão (7,4%)³⁶; Itália (7,0%) e Inglaterra (6,2%). Segundo os dados, estes países receberam no ano de 2010 o equivalente a setenta por cento de emigrantes brasileiros (SIQUEIRA e SANTOS, 2012).

Em decorrência do intenso fluxo migratório rumo aos Estados Unidos, os moradores de Governador Valadares encontraram dificuldades para conseguir o visto de entrada no país, o que serviu de incentivo para a utilização de vias ilegais para a emigração, como a travessia pela fronteira do México. Ainda nos dias de hoje, este meio de entrada no país continua sendo utilizado pelos brasileiros, embora em número cada vez menor, pela existência de mecanismos agenciadores que facilitam o ingresso no país por meios ilegais.

Os relatos das pesquisas retratam momentos terríveis em que os emigrantes se colocam em situações de constrangimento e riscos em função do sonho de fazer a sua história na “América”. Marília, motivada pelo sonho de adquirir uma casa para seus filhos, aventurou-se entrar nos Estados Unidos pela fronteira, tendo permanecido indocumentada durante nove anos naquele país.

Ali nós ficamos três dias no mato. Esse rapaz que fala inglês, ele saiu e falou “Não tem como! Vocês ficam aqui – e pegou mais um menino – nós vamos sair pra pedir ajuda; vocês ficam aqui no mato que eu vou dar um jeito de ligar pro México e falar com eles lá pra mandar alguém aqui pra tirar vocês daqui”. Nós ficamos mato adentro, não comíamos nada, não tinha o que comer, a gente ficava com sede. Um colega nosso que tava lá, no bolso dele ele achou uma bala Halls. Essa bala Halls ele quebrou ela toda e dividiu conosco, isso nós éramos só seis pessoas porque duas tinham saído pra procurar ajuda. (Marília, 39 anos).

³⁶ É uma migração diferenciada, pois é institucionalizada através de acordos governamentais e se restringe aos descendentes.

Assim como Marília, outros companheiros de travessia passaram por grandes dificuldades no período anterior à sua chegada ao exterior, como pode ser percebido em seu relato abaixo:

Os meninos choravam, eu já não tinha como, eu não aguentava chorar, eu não chorava. Eu via os meninos chorando, eu ficava com muita dó deles; um tava com a costela cortada daqui até aqui, do arame que quando a gente foi correr pra fugir da Imigração ele cortou e aquele trem a gente via que tava ficando feio, sangue, infeccionando porque cortou e a gente no mato. (Marília, 39 anos).

A experiência vivenciada por Flávia na travessia pôs em risco também a vida do filho. Curiosamente, anos depois, mesmo sem se recordar dos momentos vividos durante a travessia, a criança desenvolveu um quadro de pânico, com crises de choro frequentes, acompanhadas do medo de morrer e falta de ar, o que pode ser resultado das marcas deixadas pela aventura de entrar nos Estados Unidos pela fronteira do México ³⁷.

Com certeza minha ida foi muito arriscada. Eu fecho os olhos, até hoje eu lembro a travessia, então é uma coisa que me marcou muito. [...] ele fez um ano no dia vinte e sete e eu viajei no dia vinte e oito, ele era muito novinho! É desgastante você viajar com uma criança o tempo todo no seu colo. [...] a travessia foi muito difícil, porque foi na boia, foi no rio, foi muito complicado. Em cima de mim, o João Pedro chorou muito, eu dopei ele, mas não foi o suficiente, com Dramin, tudo com pediatra. Ele assustou, ele ficou muito assustado, ele era “pititico”. Ele ficou muito assustado, a gente foi preso, a gente se entregou pra Imigração depois da travessia. Então assim, foi tudo muito, muito tumultuado, foi muito assustador. (Flávia, 30 anos).

Como apontado anteriormente, o aumento da fiscalização e da violência na fronteira, além da crise econômica, tem provocado diminuição dos fluxos por esta via. Contudo, ainda há pessoas que se arriscam.

A condição de indocumentado vivida por muitos emigrantes coloca-os em total invisibilidade perante a sociedade de destino, não tendo acesso à totalidade de serviços oferecidos pelo Governo ou buscando esses serviços por meio de documentos falsos, além de conviver com o medo constante de serem deportados.

O recente estudo apresentado por Duarte, Escrivão Junior e Siqueira (2013) sobre a utilização dos serviços de saúde por imigrantes valadarenses nos Estados Unidos mostra que o acesso aos serviços acontece de modo restrito pelo fato de não possuírem o seguro de saúde

³⁷ Ao final da entrevista, a informante relatou as crises ocorridas com o filho percebidas há mais de dez anos e pediu sigilo. Foi orientada quanto à necessidade de buscar ajuda de um profissional de psicologia para tratar as questões do filho.

privado, isto é, os chamados planos de saúde no Brasil. O serviço de saúde oferecido aos imigrantes nos Estados Unidos é feito por meio de recursos privados de responsabilidade de cada Estado, o que acaba por comprometer o acesso e sua utilização.

Ainda que o serviço prestado não seja abrangente, o estudo mostrou que os imigrantes valadarenses avaliam os serviços de saúde como excelentes, levando-nos a pensar novamente na criação do imaginário popular daquele país como muito rico, o que os autores chamaram de deslumbramento (DUARTE, ESCRIVÃO JUNIOR e SIQUEIRA, 2013).

A experiência com a utilização dos serviços de saúde nos Estados Unidos, mesmo que tenha sido desagradável, Míriam acredita que foi melhor do que se estivesse no Brasil. A emigrante retornada desenvolveu um tipo de anemia autoimune, o que lhe causou diversos transtornos, pois ao buscar ajuda médica no estrangeiro, não obtinha um diagnóstico preciso de sua doença. Em razão disto, retornou ao Brasil em busca de tratamento adequado. No retorno, as comparações são inevitáveis:

[...] a realidade brasileira, as coisas não funcionam, tudo é muito burocrático, mas ao mesmo tempo não funciona! Isso tudo contribui pra você ficar desgostoso porque você tá vindo de um lugar onde as coisas funcionam, apesar da saúde não funcionar! Mas eu não morri! Vamos colocar na situação se eu fosse uma brasileira aqui sem condições, sem plano de saúde. Talvez eu morresse também numa fila do SUS! E lá, mal ou bem eu fui atendida. (Míriam, 32 anos).

É interessante destacar que, em seu relato, Míriam deixa claro que não conseguiu acesso ao sistema de saúde nos Estados Unidos e que não tinha plano de saúde privado para custear seu tratamento. Por essa razão, teve que retornar para realizá-lo no Brasil. O acesso ao sistema de saúde norte-americano exige alguns requisitos que Míriam não possuía. Um deles é ser documentada. Seu atendimento se limitou a uma situação de emergência. Portanto, sem recursos para financiar seu tratamento e sem plano de saúde, pois seu custo era extremamente alto para sua renda mensal, corria risco de morte nos Estados Unidos.

Mesmo diante da falta de tratamento no país, por ela considerado o lugar da riqueza, onde seus sonhos seriam realizados, não consegue perceber-se como excluída das benesses dessa riqueza, e suas críticas recaem unicamente sobre o sistema de saúde brasileiro que, embora seja considerado falho, ofertou tratamento adequado até que seu quadro fosse estabilizado.

É interessante destacar que, mesmo pagando um plano de saúde no Brasil, Míriam usufrui do sistema público através do fornecimento de medicamentos de alto custo custeados pelo SUS (Sistema Único de Saúde). Destaca-se também que, nos Estados Unidos, não teve

acesso nem ao sistema privado de saúde, pois os custos estavam além de suas possibilidades financeiras.

A “América”, até então pensada apenas como uma idealização, uma possibilidade de mudar de vida, encarna a materialização do emigrante. Ou seja, é legitimada. Torna-se uma saída efetiva para obtenção de uma vida bem-sucedida, forma pela qual os emigrantes a percebem. Nesse sentido, pode-se pensar no que Haesbaert (2009) chama de territorialidade, isto é, nos referenciais criados pelo indivíduo, ligados a uma concepção mais simbólica do território, ainda que não haja o território concreto.

O retorno, parte integrante do projeto migratório, é um aspecto importante quando se pensa nos efeitos da migração sobre o território. Se em meados de 1980 a 1990, constatou-se grande volume de emigrantes rumo ao exterior, nos anos 2000, mais especificamente a partir de 2007, observa-se um contingente significativo de retorno ao Brasil.

Como ressaltado nos parágrafos anteriores, a crise no setor imobiliário norte-americano nesse período contribuiu para a decisão de muitos emigrantes de retornar. Grande parte deles trabalhava na construção civil e, com a crise, houve redução dos postos de trabalho, sendo o salário insuficiente para manter o padrão de vida no exterior. Os baixos salários e a falta de trabalho tornaram as condições de vida naquele país muito precárias para grande parte dos emigrantes brasileiros. Com a crise na economia, a vida no exterior se tornou desvantajosa, e a ideia de retornar, muitas vezes, adiada em função da necessidade de maiores ganhos, tornou-se uma realidade (SIQUEIRA e SANTOS, 2012).

Independentemente de o retorno ter sido forçado, isto é, ocorrido em função da crise na economia americana – já que não fazia parte dos planos regressar naquele momento – ou voluntário, Siqueira (2009) coloca que essa decisão é mais difícil para o emigrante do que sair da sua origem. O caso de Fabrício mostra essa dificuldade. Nos Estados Unidos, desde 2000, viveu por muitos anos planejando seu retorno e constantemente indeciso quanto a permanecer naquele país ou retornar à sua origem pelo fato de ter cumprido com seu objetivo, ou seja, ter investimentos no Brasil.

Eu tinha uma estabilidade na questão de ficar lá e ao mesmo tempo eu queria vir embora. Isso me incomodou, isso é um conflito que ficou pra mim por muito tempo até eu forçar uma situação da gente vir embora [...]. Então eu fiquei um tempo nesse conflito comigo mesmo também, com vontade de vir embora porque eu achava que eu já tava pronto pra vir embora porque a gente já tinha as coisas aqui. Eu achava que já era suficiente tudo e aí eu esperei a cidadania dela completar pra que a gente já tivesse essa autonomia [...] (Fabrício, 41 anos).

As dificuldades encontradas no retorno são reconhecidas pelas autoridades brasileiras. O Governo Federal, através do Ministério das Relações Exteriores, lançou em 2010 uma cartilha chamada *Guia de retorno ao Brasil*³⁸, destinada aos emigrantes que retornam do exterior para orientá-los e facilitar seu retorno, possibilitando a reinserção na sociedade e no mercado de trabalho, enfim, melhorar sua adaptação.

A emigração internacional configura e reconfigura o território estudado desde o início do fluxo pelo envio de moeda estrangeira, pela abertura de estabelecimentos comerciais e novos hábitos, costumes, valores, trazendo mudanças objetivas e subjetivas ao território.

Como afirma Sayad (2000), a experiência vivida durante o tempo de emigração acompanha o sujeito no retorno. Muitos emigrantes trazem bens adquiridos no estrangeiro, como foi possível constatar nas entrevistas. Alguns retornados trouxeram móveis e artigos de decoração da casa que possuíam nos Estados Unidos. Tal atitude pode ser percebida como uma forma de estar próximo daquele território. Esses objetos são marcas objetivas presentes no território.

[...] aí eu já comecei a comprar as coisas, programar container, tudinho pra poder vim. Trouxe tudo não. Trazer até que eu não trouxe, eu deixei pra vim depois, eu vim antes com as crianças pra depois vim o container. (Priscila, 38 anos).

Foram oito malas pra trazer! Fora o container que tava vindo com os eletroeletrônicos e tal, foi o que deu pra colocar porque também foi muito caro, foi quatro mil e quinhentos dólares só o container! Mas tudo que eu trouxe valeu a pena porque as minhas TVs eram TVs caras aqui no Brasil, sofá, tudo isso valeu a pena. (Míriam, 32 anos).

Os novos contornos dados à cidade e seu entorno podem ser observados também na arquitetura das casas construídas pelos emigrantes. Com tamanho diferenciado e cores fortes, as casas dos emigrantes se destacam das demais conforme pode ser visto nas Figuras 3 e 4.

³⁸ Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/assistencia-consular/guia-de-retorno-ao-brasil>>. Acesso em: 30/08/2013.



Figura 3: Construção de emigrante.

Fonte: Foto cedida pelo Neder (Núcleo de Estudos sobre Desenvolvimento Regional), 2013.



Figura 4: Construção de emigrante.

Fonte: Foto cedida pelo Neder (Núcleo de Estudos sobre Desenvolvimento Regional), 2013.

Foi possível observar também que os estabelecimentos abertos por grande parte dos emigrantes no retorno recebem decoração e nome com alguma referência do país de destino, o que mostra as influências obtidas durante os anos no exterior. Também se pode pensar na necessidade de evidenciar para sociedade o quanto seu projeto migratório foi bem-sucedido,

embora tenha enfrentado dificuldades durante o caminho e abdicado de pessoas e objetivos, em função da emigração.

As Figuras 5, 6 e 7 permitem-nos perceber as influências do estrangeiro no cotidiano da cidade.



Figura 5: Influência da emigração em Governador Valadares
Fonte: Arquivo da autora (2013).



Figura 6: Influência da emigração em Governador Valadares
Fonte: Arquivo da autora (2013).



Figura 7: Influência da Emigração em Governador Valadares
 Fonte: Foto cedida pelo proprietário (2013).

As figuras acima retratam comércios de emigrantes retornados, sendo esta última a fachada do estabelecimento de um emigrante que viveu cinco anos nos Estados Unidos. Durante sua estadia, trabalhou em um local semelhante, reproduzindo em seu território de origem elementos do que viveu no destino. De lá, trouxe as referências musicais, culturais, etc. Na fachada, os ídolos músicos norte-americanos junto com as bandeiras do Brasil, Irlanda e Inglaterra.

Nos locais de destino desses emigrantes, também é possível observar as novas configurações do território, em função daquilo que o emigrante carrega consigo, como sua cultura e seus costumes.

[...] eu ia pra casa do Victor que é esse cara que arrumou o serviço pra mim e tomava uma cervejinha com ele lá e com a esposa dele. Era o meu lazer, eu sentava lá com eles, ia bater papo, contar as histórias e tomar a cervejinha. (Humberto, 40 anos).

O costume de frequentar a casa de amigos é peculiar ao comportamento de brasileiros no exterior. Assim, estudos com brasileiros no exterior mostram como os espaços sociais são modificados pela presença desses emigrantes, com a introdução de costumes, hábitos de vida e alimentação à cultura de destino. A Figura 9 retrata o “*Brazilian Day*”, evento que acontece em Nova York há cerca de vinte e nove anos, nas imediações da Rua 46, também conhecida

como Little Brazil, devido à forte presença de cidadãos brasileiros residindo nesta rua de Nova York. Esse evento se consolidou como o maior evento brasileiro fora do Brasil e um dos mais populares de Nova York. O evento se espalhou por outros países, sendo realizado também no Canadá, Portugal e Japão.



Figura 9: Brazilian Day, Nova York, 2012.

Fonte: <<http://www.brazilianday.com/history-of-the-brazilian-day-in-ny/>>. Acesso em 08/09/2013.

Pelas relações estabelecidas entre a origem e o destino, o local e o global, a cidade de Governador Valadares pode ser compreendida como um território de migração, onde são estabelecidas diversas territorialidades, isto é, referenciais identitários, criados pelo indivíduo a respeito de um território.

Assim como a “América” se torna uma territorialidade para o emigrante, os anos vividos fora de sua origem acabam por criar uma idealização do retorno. Por conseguinte, o retorno pode ser percebido como a materialização do sucesso ou insucesso do projeto migratório.

As contribuições fornecidas pelas teorias sobre o território podem ser úteis na compreensão do fenômeno migratório em Governador Valadares por apresentarem uma visão ampla do espaço e da sua apropriação pelos seus habitantes. O presente estudo compreende o conceito de território na perspectiva desenvolvida por Haesbaert (2009), descrito como

perspectiva mais integradora do território. O autor trabalha com a ideia de processo³⁹, ou seja, o constante movimento do território em que relações sociais são construídas constantemente.

As concepções desenvolvidas por Haesbaert (2005) trazem uma ideia interessante e ainda necessária a respeito da dialética existente entre os processos de desterritorialização e territorialização, entendidos como complementares na ocasião da migração, já que o primeiro se relaciona ao movimento de saída de um território e o segundo está ligado à apropriação do espaço ou dos espaços, não havendo apenas um território, mas sim territórios.

Este autor propõe o conceito de multiterritorialidade para dar conta das experiências vividas na contemporaneidade, que seriam a vivência de múltiplos territórios concomitantemente ou consecutivamente. Nesse sentido, há sempre a criação de novos territórios, denominados territórios rede ou redes, que interligam múltiplos territórios.

Dessa forma, emigrar significa abandonar um território concreto, ou seja, é preciso sair fisicamente de um país para se mudar para outro, desterritorializar-se. No entanto, o emigrante carrega consigo, de maneira simbólica, seu território, seus valores, hábitos, cultura e, nesse contexto, deverá apropriar-se do território de destino, necessita territorializar-se, ou seja, se apropriar do local onde vive e dos meios disponíveis para sua adaptação. Nesse sentido, pode-se refletir acerca do Brazilian Day como um exemplo de territorialização do migrante.

Ao retornar à sua origem, o emigrante necessita criar novas territorialidades frente ao território, que, nesse momento, lhe parece estranho, pelo fato de não se sentir pertencente àquele lugar. A criação de novas territorialidades é o que Haesbaert (2009) chama de reterritorialização, isto é, recriar referenciais de identificação com o território. Nessa perspectiva, construir casas com algum diferencial, como o colorido que a diferencie dos outros, é uma forma de se reterritorializar.

As migrações contemporâneas têm levantado questões sobre a fluidez dos fluxos. O estudo apresentado por Pereira e Siqueira (2012) indica novos caminhos para pensar as migrações nos últimos tempos. Uma consideração importante se relaciona à circularidade dos movimentos migratórios, levando-nos a pensar o retorno como parte do projeto de emigrar e não mais como seu fim, sobretudo, pelas possibilidades de o migrante viver entre dois mundos. Nesse sentido, é preciso considerar que muitos migrantes se mantêm em movimento, isto é, a origem e o destino se apresentam de forma integrada em um movimento circular. O

³⁹ Disponível em: <<http://www.cpfcultura.com.br/2009/07/14/integra-novas-territorialidades-rogerio-haesbaert-da-costa/>>. Acesso em: 02/09/2013.

termo migração circular tem sido pensado por Pereira e Siqueira (2012) e carrega a ideia do retorno como sendo temporário, levando os migrantes a viver entre dois mundos.

Assim, muitos retornam e permanecem na origem, ao passo que outros estabelecem um movimento de circularidade, devido a razões familiares, de trabalho e mesmo por definir os dois espaços como lugares para viver (PEREIRA e SIQUEIRA, 2012), caso de Fabrício que retornou a Governador Valadares em 2011. Após viver 11 anos na região de Boston, Estados Unidos, relata as dificuldades no retorno e, como solução, decide emigrar novamente para os Estados Unidos com a esposa e dois filhos, mantendo sua casa no Brasil, mostrando a insegurança e a possibilidade de retornar às origens, chegando a viver nos dois países.

A gente vai vivendo as situações e eu tentando não querer, mas acaba que... Eu tô batendo de frente com muitas situações aqui que acaba eu tendo que admitir que eu não tô preparado pro Brasil ainda. Esses um ano e oito meses foram de várias decepções em várias coisas que a gente fez e não vou generalizar porque cada situação é uma situação. Tem pessoas que vieram e se dão muito bem e infelizmente não é o meu caso, nosso caso. Já estamos com passagem marcada. Não vamos nos desfazer de nada, nem investimento, nem imóvel, nada. Tudo que tá aqui vai ficar. O que a gente tem aqui no Brasil vai ficar aqui mesmo porque nós sabemos que a dificuldade que vamos enfrentar lá pode ser até a mesma que enfrentamos no começo lá. (Fabrício, 41 anos).

O processo migratório implica, assim, a adaptação a uma cultura, idioma, regras sociais e de funcionamento diferentes, enfim, a um novo meio, tomado muitas vezes como hostil pelo fato de ser uma cultura diferente, com símbolos desconhecidos pelo emigrante. Conseqüentemente, o emigrante precisa desenvolver estratégias de adaptação que permitirão melhorar sua relação com a sociedade de acolhimento.

Para Priscila, a amizade e o resgate de sua religiosidade foram fatores importantes para enfrentar o retorno e reterritorializar-se.

Acho que foi as amizades, sabia? Porque quando você chega você fica comparando, por exemplo, dinheiro quanto que você ganha lá, quanto que ganha aqui; alimentação... Quando eu cheguei no aeroporto eu dei vinte dólares de gorjeta pro homem que carregou minha bolsa! Qualquer mendigo que passava eu dava um dólar, dois dólares, isso que acontecia comigo. [...] Eu creio muito em Deus, então eu acho que o que me fortaleceu muito foi isso, a minha crença, a minha religião e a Igreja. Então, isso que me fortificou muito porque se não fosse isso eu acho que eu tava perdida hoje. Muita coisa em pouco tempo que aconteceu na minha vida. (Priscila, 38 anos).

Há que se considerar outras territorialidades criadas pelo emigrante para vivenciar o processo migratório ao qual se submeteu. Sendo assim, outro aspecto que merece atenção é o

âmbito da saúde. Diversos trabalhos⁴⁰ têm mostrado o comprometimento da saúde do emigrante dado o modo de vida durante os anos de trabalho no exterior.

Estudos realizados na Europa e América do Norte destacam um complexo conjunto de fatores socioculturais, psicossociais e familiares que afetam a saúde, o nível de estresse e a qualidade de vida dos migrantes (RAMOS, 2008). A ocupação de um mercado de trabalho secundário e o ritmo acelerado, chegando a trabalhar em dois ou três turnos, são fatores que comprometem o bem-estar dos emigrantes, conforme relata Humberto.

Muito ruim porque lá você não vivia, não. Pra mim eu não sentia assim “ah! Eu tô vivendo”. A minha vida lá era de domingo a domingo trabalhando. O cara vive para o trabalho, ele não vive pra ele. Ele sai de casa igual eu saía, às 6 horas da manhã, 5 horas acordava pra 6 tá dentro de uma van, 2, 3 horas de viagem numa van pra ir lá e trabalhar 10 horas, 2, 3 horas de viagem de novo, chegava 9, 10 horas da noite em casa, ia dormir. Isso tinha vez que era até no sábado, só domingo que não, então quer dizer você não vive, só trabalha. (Humberto, 40 anos).

Com o foco no trabalho, os cuidados com a saúde e o bem-estar são colocados em segundo plano na vida do emigrante, já que eles trabalham horas a fio, visando a fazer poupança para retornar e investir na cidade de origem. Com isso, não dispõem de tempo suficiente para a escolha e o preparo dos alimentos, o que os leva a substituir as refeições por sanduíches e miojo. Além disso, muitos não praticam atividade física. Tudo isso leva ao comprometimento da saúde e à perda de qualidade de vida, termo entendido como

[...] dimensão eminentemente humana relacionada ao grau de satisfação vivenciada pelo indivíduo nos diferentes segmentos: familiar, social e ambiental, inserindo as normas culturais que normatizam o padrão de bem-estar e conforto de uma determinada comunidade (RAMOS, 2008, p. 183).

Portanto, o grau de satisfação é avaliado pelo próprio indivíduo, levando em conta elementos objetivos e subjetivos. É ele quem vai mensurar sua qualidade de vida segundo suas condições de vida. O que se pode observar em relação a muitos emigrantes valadarenses é que muitos deles não têm a dimensão do quanto o estilo de vida adotado durante a migração tem sido prejudicial à sua saúde, pois dão prioridade os aspectos econômicos envolvidos no processo.

É relevante salientar que fatores socioeconômicos como a pobreza, o desemprego, a privação e a exclusão não são determinantes para o estabelecimento de doenças, mas se

⁴⁰ Ramos (2008); Santos (2012); Duarte, Siqueira (2013).

observa que tais condições tornam o emigrante suscetível a maiores riscos, uma vez que não buscam serviços de saúde devido ao custo elevado (RAMOS, 2008).

A privação do sono em função da longa jornada de trabalho também é um fator que merece atenção, já que pode trazer alterações físicas e mentais. Sobretudo, deve-se pensar a respeito da saúde mental de muitos emigrantes, que pode ser comprometida à medida que se sentem rechaçados por estarem em uma cultura diferente, vulneráveis à discriminação e convivendo com o estresse ocasionado pela rotina e principalmente pelo medo. Esse sentimento é descrito pelos participantes deste estudo e se correlaciona à ausência de documentação que os torna legalizados perante a sociedade norte-americana. Outros, ainda que tivessem documentos, sentiam-se oprimidos, constrangidos, diminuídos em relação aos estadunidenses.

Durante a entrevista com uma emigrante retornada, foi marcante em seu discurso a palavra medo. Ao ser questionada quanto à origem deste sentimento, ela relata:

Ah [medo] de tudo, um país que não é o seu, um idioma que você não sabe falar... Tudo! É assim... Só vivendo pra saber mesmo, só estando lá pra saber. (Flávia, 31 anos).

Outra entrevistada levanta um tema importante que constantemente perturba a vida de muitos emigrantes.

Eu tinha medo da deportação porque todo mundo falava o que a gente fez qualquer coisa a gente ia ser deportado, eu morria de medo e eu queria muito ficar lá. (Priscila, 38 anos).

Neste contexto de constantes dificuldades e necessidade de enfrentamento é que o emigrante tem de recriar seu território, isto é, dar conta daquilo que encontrou no país de destino para viver mantendo sua saúde equilibrada. O que acontece é que a situação de estresse com a qual o emigrante tem de conviver ao longo dos anos de sua experiência migratória favorece o aparecimento de transtornos de ordem psicológica. Compreende-se o conceito de estresse como um desequilíbrio significativo entre as demandas do ambiente e a capacidade de resposta do indivíduo (ACHOTEGUI, 2005).

O estresse vivenciado por uma entrevistada foi perceptível no próprio corpo, o que foi determinante na sua decisão de retornar. Além de criar três filhos, assumia as responsabilidades da casa, pois o marido trabalhava o dia todo e não dominava a língua inglesa, o que se tornava um dificultador. A sensação de não suportar a vida que estava levando a fez sentir os efeitos no próprio corpo. Por diversos momentos dos sete anos em que

viveu no exterior, a entrevistada recorreu à ajuda médica e nem sempre lhe era dado um diagnóstico.

Depois que eu ganhei a Samira, eu passei muito mal. Eu desmaiava do nada, eu não sei se já era igual à médica falou comigo: psicológico já [está] atacado. Foi muita coisa. Desmaiei do nada. Ela falou comigo que foi muita pressão na minha cabeça porque eu já sou agitada, eu quero fazer agora vão fazer agora, eu não espero não! Tipo assim se o menino tá em apuro ou qualquer coisa... eu não descanso... pra mim, eu já vou dou um pulo da cama, dou um pulo de onde eu tiver! (Flávia, 30 anos).

O ritmo de vida acelerado que Flávia vivia, assumindo diversas funções relacionadas à organização da casa, à família, filhos, a fez repensar a escolha feita anos atrás e, a partir daí, se organizou para retornar ao Brasil.

A gota d'água quando eu falei assim "Não, chega! Eu tô vendo minha vida passar pela janela e eu não tô fazendo nada. Eu tô me prejudicando!". Eu tava ficando roxa, roxa, roxa mesmo de tanto estresse, como se eu tivesse batido, como se alguém tivesse me batido. Aí eu falei "não, chega!". (Flávia, 31 anos).

De acordo com Ramos (2008), diversos autores compartilham a ideia da migração como evento capaz de produzir sofrimento psíquico ao indivíduo, podendo levar ao comprometimento de saúde mental. Um estudo realizado recentemente com imigrantes brasileiros na Suíça⁴¹ mostrou que 37,2% dos participantes têm probabilidade de apresentar transtornos mentais comuns – insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e queixas somáticas – em função da vivência de situações de estresses como insegurança motivada pela situação irregular no país e baixos salários incorporados a longos períodos de trabalho.

Dessa forma, para aquele que deixa seu país, a migração já se inicia em um processo de rupturas importantes no espaço e nas vivências do indivíduo, pois a decisão de emigrar implica mudanças no seu meio social e afastamento dos familiares. Ao chegar ao destino, outras mudanças acontecem em função de questões culturais, de trabalho e hábitos de vida, “tornam-se fatores estressores que comprometem a saúde física, mental e social do imigrante no local de acolhimento (FRANKEN et al., 2010).

A territorialização e reterritorialização são processos intrínsecos do movimento migratório impactantes na vida do emigrante, produzindo efeitos que podem causar danos à

⁴¹ Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277946474_ARQUIVO_10simpactosnegativosdoprocesomigratorio.pdf>. Acesso em: 30/08/2013.

saúde. O estresse é um dos efeitos mais evidentes sofridos pelo emigrante, principalmente quando manifestado no retorno. Achotegui (2004) desenvolve estudos sobre migração e saúde desde a década de 1980, na Espanha. Em seus estudos, o psiquiatra identificou a ocorrência de um conjunto de sintomas desenvolvidos em imigrantes, que deram origem à Síndrome do Imigrante com Estresse Crônico e Múltiplo, que será tratada no item a seguir.

Dessa maneira, a “América” dos valadarenses pode ser pensada como uma territorialidade, ao passo que carrega o simbolismo de toda uma vida de sucessos e conquistas, mesmo havendo obstáculos durante a experiência migratória.

4 A SÍNDROME DE ULISSES: REFERENCIAIS TEÓRICOS PARA O RETORNO DO EMIGRANTE E AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

Algumas teorias buscam compreender, com o objetivo de minimizar os impactos para o migrante, como os eventos estressores presentes no processo migratório podem favorecer o surgimento de distúrbios psicológicos. O estudo proposto por Achotegui⁴² relaciona os eventos causadores de estresse, chamados por ele de estressores, como origem de diversos sintomas psicológicos.

Os trabalhos desenvolvidos por este autor desde a década de 1990 originaram a Síndrome do Imigrante com Estresse Crônico e Múltiplo ou Síndrome de Ulisses, assim denominada em alusão ao herói grego que retorna a Troia após muitos anos enfrentando a fúria dos deuses, perigosos inimigos e monstros mitológicos. Para o autor, as condições dos imigrantes podem ser comparadas com as adversidades sofridas por Ulisses, pois, para sobreviver no país de destino, têm de viver em condições de vida inadequadas, lutando contra monstros imaginários e concretos: a solidão, o medo da deportação, o estranhamento, a invisibilidade.

Soledad, miedo, desesperanza, “... las migraciones del nuevo milenio que comienza nos recuerdan cada vez más los viejos textos de Homero” [...] ó el pasaje en el que Ulises para protegerse del perseguidor Polifemo le dice “preguntas a cíclope cómo me llamo... voy a decírtelo. Mi nombre es nadie y nadie me llaman todos...” (Odisea Canto IX). Si para sobrevivir se ha de ser nadie, se ha de ser permanentemente invisible, no habrá identidad ni integración social y tampoco puede haber salud mental (ACHOTEGUI, 2004, p. 39)⁴³.

Portanto, a Síndrome do Imigrante com Estresse Crônico e Múltiplo (Síndrome de Ulisses) é definida basicamente pela combinação entre estressores e uma série de sintomas psicopatológicos. Com base num estudo com imigrantes em Barcelona, realizado por Achotegui (1982), foi possível descrever alguns sintomas mais frequentes, que serão discutidos no capítulo seguinte.

⁴² Psiquiatra, psicoterapeuta e professor titular da Universidade de Barcelona. Diretor do SAPPPIR (Serviço de Atenção Psicopatológica e Psicossocial a Imigrantes e Refugiados) do Hospital Sant Pere Claver de Barcelona.

⁴³ Solidão, medo, desesperança, “... as migrações do novo milênio que começa nos lembra cada vez mais os velhos textos de Homero” [...] ou a passagem em que Ulisses para se proteger do perseguidor Polifemo disse “pergunta a cíclope como me chamo... eu vou dizer. Meu nome é ninguém e de ninguém me chamam todos...” (Odiseia, Canto IX). Se para sobreviver tem que ser ninguém, terá que ser permanentemente invisível, não terá identidade nem integração social, tampouco poderá ter saúde mental (tradução livre da autora).

Segundo este autor⁴⁴, a Síndrome de Ulisses é um quadro reativo de estresse que pode se tornar uma doença mental devido à vulnerabilidade de cada indivíduo ao reagir às condições decorrentes do processo migratório. Na mesma fonte citada, Jorge Soler⁴⁵ relata que a má alimentação do emigrante é um fator que pode desencadear psicopatologias e que está relacionada à necessidade de poupar dinheiro. Em vários estudos sobre os emigrantes brasileiros (SALES, 1998; MARGOLIS, 1994; SIQUEIRA, 2009), é demonstrado que comem rapidamente e geralmente substituem o almoço, característico da alimentação no Brasil, por sanduíches.

Ressalta-se que, inicialmente, os processos migratórios foram percebidos apenas em sua dimensão material, isto é, o saldo final da experiência pautava-se em questões financeiras, no custo benefício da migração percebido pelos bens materiais adquiridos.

Las relaciones entre el estrés social y la salud mental constituyen un tema cada vez más relevante en la investigación y en la atención clínica (mobbing, burn-out...) pero si existe un área en la que los estresores psicosociales poseen una dimensión cuantitativa y cualitativamente relevante y difícilmente discutible desde la perspectiva de sus relaciones con la salud mental, esa área es la de las migraciones del siglo XXI⁴⁶ (ACHOTEGUI, 2005, p. 39).

Os relatos dos entrevistados desta pesquisa evidenciam que as questões financeiras, o fazer poupança em pouco tempo, são o principal motivador do projeto migratório.

Nessa fase de adolescência pra adulto, se você tem igual eu tinha amigos que estavam lá e que estavam se dando bem, isso é automático, a pessoa vai querer aquilo ali também, por que não? De qualquer maneira, todo mundo quer ficar bem financeiramente, era basicamente um alvo a ser atingido. [...] Os Estados Unidos nunca saíram da cabeça também porque de qualquer maneira ainda mantinha contato com os amigos que estavam lá. (Fabrício, 41 anos).

O meu objetivo era ir pra lá comprar um terrinha pra mim, que eu tenho vontade de ter, vou comprar um lote ou uma casinha pra mim, pra mim já tá bom, trago um dinheirinho pra mim começar uma coisa de novo, pra mim já tava bom. (Humberto, 40 anos).

A intensificação do fluxo migratório de Governador Valadares em direção aos Estados Unidos gerou muitas pesquisas na área, o que possibilitou maior compreensão do fenômeno

⁴⁴ Em entrevista para um programa da televisão espanhola. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=RxxRdIX3C3k>>, postado em 20/04/2010. Acesso em 05/10/2010.

⁴⁵ Psiquiatra espanhol que, recentemente, escreveu o livro *¿Por qué lloran los inmigrantes?*

⁴⁶ As relações entre estresse social e saúde mental constituem um tema cada vez mais relevante na investigação e cuidados clínicos (mobbing, Born-out...), mas se há uma área em que os estressores psicosociais têm uma dimensão quantitativa e qualitativamente relevante e difícilmente discutível do ponto de vista de suas relações com a saúde mental, essa área é a das migrações do século XXI (tradução livre da autora).

em suas diversas facetas. Assim, os quase cinquenta anos de fluxo tiveram um impacto efetivo no território.

Os estudos sobre as migrações no século XXI, sobretudo em relação aos indivíduos envolvidos no processo, têm levantado considerações importantes a respeito da necessidade de considerar os aspectos psicológicos abrangidos. Os dados deste estudo nos permitem avaliar que a percepção dos emigrantes quanto aos ganhos obtidos naquele país nem sempre estão pautados na aquisição de bens ou na melhoria da condição financeira. Fabrício, que chegou aos Estados Unidos em 2000 sem ter nenhuma noção do idioma, a aprendizagem da língua e a legalização no país foram, para ele, duas de suas maiores conquistas.

Meu maior ganho hoje é a dupla cidadania, é a documentação que eu tenho hoje e a língua. Não tem dinheiro que paga isso não, a questão da documentação, só da gente saber que a gente tá livre... (Fabrício, 41 anos).

A ideia de liberdade descrita por Fabrício, na condição de saldo positivo da migração, não diminui o conflito vivenciado por ele. Ter acesso livre àquele país parece solucionar questões relacionadas à sua mobilidade espacial, ou seja, ir e vir livremente.

Eu amo de onde eu sou! De Alpercata, da roça lá. Eu fui criado num sítio, ali é um lugar pacato, vida simples. Então eu sempre gostei disso aí, eu sou muito quieto, na minha, não sou aquele cara badalador, eu gosto mais de ficar quieto, essa coisa me fazia falta. (Fabrício, 41 anos).

Já para Juliana, a emigração possibilitou a materialização de seu sonho de oferecer mais conforto às filhas. A emigrante separou-se do marido por volta de dez anos atrás, quando ele emigrou para os Estados Unidos. Assim, teve de assumir a criação das filhas e as despesas da casa.

Coisas que eu não tinha condições de fazer, eu fiz. Por exemplo, o dinheiro que eu ganhei, eu empreguei na casa, no casamento das minhas filhas. Eu fiz uma previdência pra mim, não é muita coisa não porque o dinheiro que eu ganhei eu gastei, empreguei na casa, no casamento das minhas filhas, e o restante que eu trouxe, enquanto eu não tinha nada, a gente vai gastando. Eu comprei fogão, geladeira, eu arrumei a casa! (Juliana, 58 anos).

Ao ser questionado sobre seu maior ganho com a migração, Humberto coloca questões de ordem subjetiva, bastante diferentes daquilo que foi buscar lá.

Pra mim o maior ganho foi essa experiência de vida e eu descobri que ganhar dinheiro você não precisa sair do seu lugar de convívio. Se você fizer aqui no Brasil o mesmo que você faz nos Estados Unidos, você ganha dinheiro, você analisa bem pra você ver se não ganha! Aqui no Brasil eu não teria coragem de morar com três, quatro pessoas e rachar o aluguel, rachar água, rachar luz. Se eu fizesse isso, daria pra mim guardar um bom dinheiro também. Foi essa experiência de vida, como ganhar dinheiro e como guardar dinheiro porque às vezes a gente no Brasil ganha muito dinheiro, mas não sabe como guardar e como usar ele, economizar. (Humberto, 40 anos).

Mesmo convencido de que os ganhos obtidos com a emigração também possam ser conquistados em seu próprio país, a fala deste emigrante dimensiona os motivos para não agir da forma que relata ter sido sua vida no exterior. Conforme já exposto, Sayad (2000) coloca que o tempo de permanência no exterior é um tempo em suspensão em que tudo é permitido e viver de forma regrada faz parte do projeto emigratório. No retorno, o emigrante busca viver de forma semelhante ao período de sua partida. Sacrifícios não são considerados nessa fase do projeto. Além disso, adotar o estilo de vida que tinha no exterior colocaria em xeque seu status social e levaria a questionamentos da sociedade quanto ao sucesso de seu projeto migratório.

Em relação às perdas advindas da experiência migratória, a morte de um ente querido durante os anos de estadia no exterior é um fato marcante na vida de muitos emigrantes, capaz de gerar muito sofrimento. Assim foi para Priscila, que perdeu a mãe após seis anos no exterior, e para Fabrício e Flávia, que perderam seus pais durante os anos de permanência nos Estados Unidos.

Eu não tenho minha mãe como morta, porque a minha última imagem da minha mãe foi uma fotinha do celular que o meu primo bateu e mandou pra mim na internet então ela tava bem, eu tenho essa imagem. Eu não vi ela desfalecer, eu não vi a doença dela, não vi no caixão nem nada, então não tenho essa imagem. (Priscila, 38 anos).

Meu pai faleceu, tinha onze meses que eu tava lá. Eu já tinha perdido minha mãe quando eu tava aqui ainda. Foi complicado porque [...] eu me senti um pouco na obrigação que eu teria que vir embora. Eu tive que tomar uma decisão: se eu viesse embora eu ia jogar tudo fora porque eu já tinha dado um início na documentação então eu tive que fazer uma escolha. (Fabrício, 41 anos).

Chegar na casa da minha mãe e não encontrar meu pai...quando eu cheguei eu procurei pensar “ele tá viajando”, até hoje eu penso! Eu vivo nesse mundinho de fantasia. Chega dia dos pais “ah!, ele não chegou, ah!, tá viajando”. Então assim hoje eu consigo falar a palavra “faleceu”, a outra palavra m-o-r-r-e não! “Meu pai foi embora”, eu falo assim, não falo que ele mor... Não consigo falar. Hoje eu tô conseguindo assimilar mais as coisas, eu falo assim “eu não vou ver ele, ele tá junto do Neném [irmão falecido]”, então assim tá sendo um pouco fácil. (Flávia, 30 anos).

As perdas ocorridas durante os anos de permanência no exterior são constatadas no retorno, e nesse momento é que o emigrante percebe que os anos de ausência não podem ser resgatados, tampouco as pessoas.

Pesquisas recentes⁴⁷ têm mostrado que os demais aspectos envolvidos no projeto migratório devem ser considerados. Portanto, embora a questão financeira seja norteadora da experiência migratória da maioria dos entrevistados, no retorno eles percebem que conquistaram algo para além da ascensão financeira. Assim, aquilo que o emigrante vivencia em outro país como sendo importante para ele está ligado à melhoria na qualidade de vida, à aquisição de conhecimento, cultura e crescimento pessoal. O panorama das migrações em Governador Valadares vai se modificando, deixando de ter foco apenas na questão de ganhar dinheiro rápido.

Destaca-se que a Síndrome se refere à adaptação do migrante quando ele chega ao país de destino, em decorrência do choque cultural como aspecto difícil de lidar. Entretanto, com base em estudos sobre a migração internacional e considerando que ela se dá em um processo, acredita-se que haja pontos relativos à Síndrome que podem ser pensados na ocasião do retorno à terra natal, pois pesquisas apontam as dificuldades de readaptação do emigrante a seu país de origem (SIQUEIRA, 2009).

Achotegui (2008) dedica parte de seu trabalho à compreensão da cultura, na condição de contribuinte das manifestações dos sintomas, por acreditar que a interpretação que o migrante atribui àquilo que sente é influenciada pela sua cultura de origem. Assim, os sintomas irão se manifestar com mais ou menos intensidade, de acordo com o que o migrante já incorporou de sua cultura.

A cultura, segundo Sayad (1998), se refere a um conjunto de referenciais que permitem a cada membro de uma sociedade movimentar-se, expressar-se, pensar, amar, trabalhar, evitando o medo, se protegendo do desconhecido. Esses referenciais que se encontram no ambiente funcionarão como uma marca originária, promovendo os fundamentos para o desenvolvimento do psiquismo.

Assim, o migrante se percebe em meio às mudanças de códigos culturais, em que referentes conhecidos já não funcionarão mais, desfazendo um conjunto articulado de valores que lhe darão a necessária sustentação para o cotidiano. Podemos dizer, então, que, dependendo da forma como o indivíduo estabeleceu seus vínculos originais com o ambiente,

⁴⁷ Freitas e Mendes (2013); Carignato (2013); Siqueira (2013).

ele sentirá de forma mais ou menos intensa o efeito das mudanças, fruto da experiência migratória.

Assim, as implicações psicológicas se apresentam como pano de fundo para a experiência vivenciada pelo emigrante, tanto na estadia no país de destino quanto no seu retorno à origem.

O estresse é percebido como a vivência de uma situação que excede o indivíduo, colocando em risco seu bem-estar. O autor⁴⁸ correlaciona o conceito de estresse à ideia de luto ao dizer que luto é uma forma de estresse, porém, mais intensa, afetando profundamente o indivíduo. Nesse sentido, o luto migratório tem ligação com a separação das pessoas, do lugar, dos costumes, não implica necessariamente a morte de um ente querido, embora isso possa ocorrer. Portanto, “[...] el estrés y el duelo migratorio son connaturales al fenómeno migratorio y tan sólo cuando la migración se vive en malas condiciones personales y sociales afecta de modo negativo a nivel psicológico”⁴⁹ (ACHOTEGUI, 2008, p. 1).

Assim, as condições em que vive o emigrante podem contribuir para o comprometimento do indivíduo a nível psicológico, já que situações de estresse são constantemente vivenciadas, como uma alimentação inadequada, o excesso de trabalho, a exclusão social, o medo da deportação, o desconhecimento dos hábitos e costumes locais etc. Em relação ao estudo proposto, algumas características específicas do luto migratório pensadas por Achotegui (2012) são de grande valia para a compreensão dos processos migratórios em Governador Valadares e seu entorno, pois estão presentes no relato de diversos emigrantes.

4.1 CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS DO LUTO MIGRATÓRIO

De acordo com Achotegui (2012), o luto migratório constantemente pode ser revivido em função de alguma experiência. Questionamentos como “o que faço aqui?”, “O que está acontecendo?”, “Por que estou passando por isso?” são comuns ao emigrante. O que torna o luto sempre presente, sendo esta a primeira característica. Outra questão fundamental está relacionada à complexidade do luto migratório, devido à personalidade do indivíduo, pois,

⁴⁸ Achotegui, 2012. Disponível em: < <http://www.svideo.uji.es/peli.php?codi=944&lg=>>. Acesso em 03/09/2012.

⁴⁹ [...] o estresse e o luto migratório são inerentes ao fenômeno migratório e apenas quando a migração é vivida em más condições pessoais e sociais, afeta negativamente a nível psicológico (tradução livre da autora).

segundo o autor, a personalidade é construída para se viver em determinado contexto e quando a pessoa emigra, ela tem que modificar hábitos, costumes e comportamentos para se adaptar à nova realidade⁵⁰.

Um ponto que merece destaque é o fato de a migração estar ligada a muitas perdas ocorridas ao mesmo tempo. Os lutos são múltiplos: pela família, pela língua, pela cultura, pela terra, pelo status social, pelo contato com o grupo de pertencimento étnico ou nacional e pelos riscos à integridade física. É importante esclarecer cada perda que o imigrante necessita elaborar, uma vez que esta compreensão será útil para perceber como é a vida do emigrante no país de destino e como ele irá se colocar no retorno.

Segundo Achotegui (2012), o luto pela família tem a ver com a separação de entes queridos, como deixar pra trás filhos, esposa, pais, irmãos. Muitas vezes, o emigrante sente-se sozinho no exterior em função da separação familiar. Despedidas e reencontros, evidentemente, modificam a relação familiar e também o processo migratório vivenciado por cada indivíduo, pois a intensidade com que se vivencia esta separação terá efeitos maiores ou menores, como aconteceu com Elisa. Nos primeiros anos de estadia nos Estados Unidos, ela se sentia sozinha, não pertencente àquele lugar, o que pode ser percebido no seu relato:

É lindo, mas não é o meu país! O que mais pega pra mim é essa questão do relacionamento com pessoas, essa questão de “I belong here” (eu pertencço a esse lugar). Eu sou muito bairrista, eu amo Valadares! O que que tem em Valadares? Tecnicamente não tem nada, não tem empresa... Mas eu amo aqui, eu gosto daqui! Eu gosto de ir ao centro e sentir “eu conheço tudo aqui”, eu sou muito assim “ah! Eu sei cada quarteirão, cada cantinho desse lugar!” (Elisa, 41 anos).

Para Humberto, a migração acarretou-lhe o fim do relacionamento, diante de sua ausência.

A perda foi da família. Meu casamento se desfez por eu ter ido pra lá. Minha esposa ficou aqui, eu fiquei lá, a gente tava sempre em contato, ligava todo dia. Tinha aquela presença por telefone, mas não tinha aquela presença afetiva que era necessária. (Humberto, 40 anos).

Por outro lado, Juliana vivenciou as duas experiências: primeiro, o marido emigrou e ela ficou com as filhas, e no retorno do companheiro, houve a separação. Dez anos depois, ela emigrou e deixou sua família.

⁵⁰ Informações apresentadas no vídeo do Curso de verão da Universidade Jaime I, na Espanha, ministrado por Achotegui. Disponível em: < <http://www.svideo.uji.es/peli.php?codi=944&lg=>>. Acesso em 07/11/2013.

Eu não concordava não porque naquela época meu ex-marido trabalhava na Covepe e pra mim não tinha necessidade dele ir, mas ele quis ir, eu não tive como impedir então essa lembrança foi uma coisa que me magoou muito. A pessoa fica muitos anos fora e depois quando retorna já não é a mesma coisa, é muito diferente, aí não dá certo mais. (Juliana, 58 anos).

Minhas filhas já estavam grandes, não precisavam mais de mim. Então eu fui obrigada a sair, buscar fora pra melhorar as coisas de casa. Eu fui pra dar mais conforto pras minhas filhas. (Juliana, 58 anos).

A separação dos filhos foi um fato muito doloroso para Marília, que deixou o filho de 11 meses de idade para ser cuidado por uma de suas irmãs. Hoje, sente a dor de não ser reconhecida como mãe e não escutá-lo chamá-la de mãe.

[...] hoje meu filho de 11 meses que eu deixei com ela tá com ela até hoje. A gente mora todo mundo no mesmo lote, mas ele considera ela mais como mãe do que eu, também ela criou ele. Eu nunca deixei de ligar pra ele, nunca deixei! Tava sempre ligando, cantava pra ele quando ele era bebê ainda pra ele não esquecer, mas aí o tempo foi passando, passando... (Marília, 39 anos).

As ligações diárias para o filho foram tentativas de compensar a sua falta durante os anos em que esteve no exterior. O sentimento de culpa que surge pela sua ausência acompanha o discurso da emigrante, mesmo depois do retorno. Ela carrega um pecado original, isto é, o pecado originário da emigração (SAYAD, 1998), que fica evidenciado em diferentes formas. No caso de Marília, o fato de não ser chamada de mãe é seu pecado visível, demonstrado diariamente, para o qual não há remissão, como afirma Sayad (1998). Isso a aflige, tornando-se um fator estressor como fica demonstrado em seu relato, além de gerar prejuízos para sua saúde.

O sentimento de não pertencimento ocasionado pela distância dos familiares é aumentado ao constatar as diferenças em relação ao idioma falado no país de destino. No caso dos emigrantes que foram para os Estados Unidos, as diferenças são enormes e a dificuldade em aprender o inglês aparece como uma barreira a ser enfrentada por todos. Para aqueles que emigram para Portugal e Itália, caso de alguns dos entrevistados nessa pesquisa, as diferenças aparentemente são menores em relação à língua, porém, ainda assim, são capazes de gerar expectativas no indivíduo quanto à sua capacidade de aprendizagem e consequente possibilidade de se comunicar.

São obstáculos básicos que você vai enfrentar de cara quando você chega lá. A língua, questão de moradia e trabalho são as três coisas básicas que afetam a pessoa quando tá chegando pela primeira vez. (Fabrício, 41 anos).

E também a "linguagem" porque eu custei pra aprender a falar o inglês. [...] Pra gente comunicar lá porque na época que eu fui não era tanto brasileiro igual hoje, era menos brasileiro, então a gente tinha que saber, tinha de qualquer jeito que aprender a falar. [...] Não, só no início porque depois que eu aprendi a falar inglês e que eu adaptei que eu comecei a conhecer tudo, eu já não tive medo não. (Priscila, 38 anos).

Comecei a fazer inglês, eu fiquei os primeiros meses mesmo só estudando, o primeiro ano só estudando! Eu ia, podia tá chovendo, caindo neve, podia tá caindo canivete que eu não faltava o inglês! Eu tinha que aprender porque a gente morava numa região que não tinha brasileiro, então eu tive que me adaptar rápido porque ele é mais calado e eu gosto muito de falar. Eu tive que me virar, eu chegava da aula com dor de cabeça porque eu fui eu não sabia nada! Eu odiava inglês! E o pouco que você sabe aqui lá é nada! (Elisa, 41 anos).

Mais do que aprender uma nova língua, o emigrante necessita se inserir em uma nova cultura. Esta é uma das características colocadas por Achotegui (2012) sobre o luto migratório. O emigrante necessita abandonar certos referenciais de valores, costumes, religião, sentido de tempo e lazer para apropriar-se de outros, como foi o caso de Elisa, emigrante que sentiu o choque cultural desde o início de sua experiência migratória. Ela e uma amiga tentavam manter os hábitos brasileiros ainda que estivessem nos Estados Unidos.

E a gente tinha essas dificuldades com a frieza do americano. Ela ia lá pra minha casa, batia na porta, "ah!, vim tomar um café". Quando que você faz isso na casa de um americano? Jamais! Marca hora! Como assim? Você não aparece, você não brota na casa de ninguém lá. Você não vai, eu nunca ia porque eu já sabia. Você liga primeiro, marca uma hora. (Elisa, 41 anos).

Em contrapartida, o emigrante no exterior assimila hábitos como o descrito acima e, no retorno, adota postura semelhante, passando a ser visto de maneira diferenciada por sua família e a própria sociedade.

Aprender o idioma significou muito mais para Elisa, foi a apropriação do território ao qual havia acabado de chegar e também uma maneira de ser reconhecida, positivamente, por aquela sociedade. Além disso, emigrou após se casar com brasileiro com cidadania norte-americana e que tinha filhos americanos.

[...] estudei muito porque eu queria "fit in", eu queria encaixar, eu não queria ser aquela estrangeira boba que não fala a língua e a região que morava ou você falava inglês ou você ficava presa em casa porque eu tinha que tirar carteira, você não vai em lugar nenhum lá! [...] Outra coisa, como eu ia me comunicar com meus enteados? Eu não era aquela estrangeira alienada não! Logo eu tava num grupo, eu tava na igreja, eu tava estudando e não ficava em casa. (Elisa, 41 anos).

A adaptação também se dá em relação ao espaço, ao clima, às pessoas. Achotegui (2012) coloca que a terra é o espaço físico, com o qual nos identificamos desde a infância. A partir do momento em que se abandona este território, não há essa identificação, e o emigrante necessita familiarizar-se com o seu novo lugar. Muitos dos emigrantes valadarenses se instalaram em regiões de inverno rigoroso, com baixas temperaturas e presença de neve, ao passo que a cidade de Governador Valadares é conhecida por suas altíssimas temperaturas, clima bastante diferente do encontrado no estrangeiro. Assim, a necessidade de adaptar-se a este espaço é um fator que gera estresse em muitos emigrantes.

Chegando de cara assim tudo muito lindo. Era neve, muito frio porque eu cheguei lá em janeiro que é o “up” do inverno, é a época mais terrível. (Elisa, 41 anos).

Mais me incomodava no começo foi o frio porque Valadares é muito quente, aí você chega lá de repente vem aquele inverno com aquela neve, então aquilo me incomodou muito. (Priscila, 38 anos).

Tava nevando muito, foi o ano que mais nevou lá, foi o pior ano da minha vida, foi o que mais nevou. A neve chegava pra cima do joelho! (Flávia, 30 anos).

Comumente, questões relacionadas ao clima frio do estrangeiro aparecem no discurso dos emigrantes entrevistados como fator de grande incômodo, tornando constantes as recordações sobre o calor característico de Governador Valadares. Porém, ao retornar para sua cidade, o que era motivo de saudade passa a ser um transtorno. Míriam viveu cinco anos na região de Boston, Estados Unidos, onde convivia com temperaturas muito baixas e neve por longos períodos. Sentia saudade do clima de Governador Valadares enquanto permanecia no exterior, mas ao chegar ao Brasil, sua reação foi diferente.

Eu achei que ia ser tudo maravilhoso, inclusive quando o avião pousou em São Paulo, eu chorei, e o Michael tava arrasadíssimo! Não queria voltar, ele voltou por minha causa mesmo, literalmente. E aí eu já com aquele calor e eu arranquei o blazer... [...] Logo de cara, eu fiquei chocada com sujeira, apesar de que eu não morava numa cidade muito limpa, que era cidade de imigrante, não era limpa. Nova Iorque também não é limpa porque é uma cidade turística e tal, mas é diferente. (Míriam, 32 anos).

A outra perda se refere ao status social. O emigrante deixa seu país para melhorar suas condições de vida em um sentido mais amplo, sendo que os fatores econômicos muitas vezes norteiam o projeto, mas há também questões ligadas à curiosidade, à aquisição da língua, ao acesso a oportunidades, segurança, trabalho, moradia. O processo de deixar seu país envolve também a perda do seu lugar na sociedade a que pertence. Na sociedade de destino, não são

reconhecidos como pertencentes àquele lugar, não detêm de nenhuma posição social favorável, o que acaba afetando-os.

Eu fiquei impressionada como me receberam bem, mas é porque eles são muito educados e formais. Eu demorei anos pra diferenciar até que ponto eu era tão bem-vinda ou eles estavam sendo só formais, querendo ser agradáveis. Com o tempo, eu já comecei a ver assim “esse povo é falso mesmo, eles são meio frios, mas eles são formais então eles sempre vão querer me fazer sentir bem aqui”. (Elisa, 41 anos).

A cordialidade com que foi tratada pelos americanos logo que chegou àquele país chocou-se com o modo ríspido com que Elisa foi tratada anos depois, quando montou sua empresa de limpeza, e o contato diário com os nativos passou a fazer parte de sua rotina.

As meninas não sabiam falar nada, então assim eu contratei, eu nem falava que elas eram minhas parentes de cara porque tipo assim “o que elas fazem aqui? Por que elas vieram?” eles perguntavam tudo. Várias pessoas perguntavam, todas queriam saber como é que eu fui pra lá, todas as clientes me perguntavam! Só não perguntava assim “você tem papel? Você é legal?” não perguntava, mas “o que que você veio fazer aqui? How come came here? (como que você veio parar aqui)” porque aquela cidade não tinha imigrante. (Elisa, 41 anos).

A convivência em uma nova sociedade traz sentimentos de não pertencimento. É como se o emigrante fosse tido sempre como o estrangeiro, independentemente de ser documentado. Com isso, as várias formas de preconceito vão surgindo.

Mesmo tendo cidadania, não adianta, você é estrangeiro. Muitas vezes eu achava, pode ser cisma, mas eu já percebi em loja... Tinha um shopping que eu ia sempre e tem uma loja que eu percebia, muitas vezes, que eles se comunicavam, eu achava que eu tava sendo vigiada. Uma vez eu tava sozinha, tava sem meu marido, percebi e falei com ele e ele falou assim “não, é impressão sua!” e eu falei “não é!”. Eu fiquei muito chateada, me sentia muito humilhada e eu falei assim “agora eu sinto o que o negro sente no Brasil”. (Elisa, 41 anos).

Todavia, o sentimento de não pertencer àquele lugar é transposto para o retorno, de tal forma que, embora tenham suas raízes no Brasil, ao retornar também não se percebem como pertencentes à sua própria origem, o que se torna angustiante para muitos emigrantes.

Uma angústia horrorosa, inclusive porque você tá acostumado com o nível de vida que você... Eu saí daqui por causa disso, porque eu tava apertada, porque eu tava vivendo apertada e tudo! Cheguei lá, conquistei uma vida em que a gente vivia e eu tinha a minha casa, eu não dividia casa com ninguém – porque tem muito imigrante que divide casa com os outros – a gente tinha a nossa casa, a minha casa e tudo decorado do jeito que eu gostava, tudo lá é acessível em vários âmbitos, esses negócios de decoração que eu curto lá eu podia. Aqui no Brasil, tudo é uma fortuna! Isso tudo vira angústia. De você não ter mais, “poxa, eu não tenho mais aquilo”, “poxa, eu posso mais comprar aquilo”, “poxa, lá eu tinha isso, aqui eu não tenho”. Olha, você fica com um pé lá e um cá! Com certeza, eu não tenho dúvida disso. (Míriam, 32 anos).

A angústia relatada por Míriam se refere ao período de retorno ao Brasil. Lá conquistou sua independência financeira e também subjetiva e, ao retornar, a sensação é de ter perdido seus referenciais e com isso, necessita encontrar-se novamente do ponto em que partiu.

O último luto considerado por Achotegui (2012) é o que se refere à integridade física do emigrante. Na migração, há riscos durante a viagem, acidentes no trabalho, acidentes domésticos, novas enfermidades decorrentes do próprio clima. Assim, o migrante tem de se esforçar para se adaptar, inclusive fisicamente. Nos casos dos imigrantes sem papéis, o fato de viverem se escondendo é um agravante à integridade física, já que o medo, além do estresse, os impede de buscar os serviços médicos para exames de rotina e até mesmo para situações de emergências.

O autor coloca ainda que aqueles que permaneceram no país de origem também vivenciam o luto migratório. Estes têm de se adaptar à nova realidade. Muitos assumem funções até então não desempenhadas, como é o caso da mãe e da esposa de Humberto, que teve de assumir suas movimentações bancárias durante o período em que permaneceu no exterior e todas as responsabilidades do cuidado com a família.

A minha mãe tinha acesso às minhas contas e ela também, ela tinha livre acesso. Eu mandava dinheiro pras despesas normais e ela não tinha despesa porque ela morava com a minha mãe! Não pagava água, não pagava luz, não pagava nada, não tinha despesa nenhuma! Eu mandava todo mês mil reais na conta dela pra despesa dela! A minha mãe falava que eu tava mandando muito dinheiro e eu falava “não, mãe, já que eu tô aqui eu vou suprir a minha falta aí com uma vida melhor”. Nada, não supre nunca! (Humberto, 40 anos).

Frente a todos os lutos descritos por Achotegui (2012) como situações capazes de gerar estresse no emigrante, podendo ocasionar o que ele chamou de Síndrome de Ulisses, deve-se considerar a saudade como um sentimento que permeia todas as perdas que necessitam ser elaboradas pelo emigrante, desde o momento em que ele sai de sua terra natal,

até o seu retorno. E ainda assim, mesmo que seja um retorno às suas origens, permanece a saudade do tempo de sua partida.

Saudade, sim, saudade eu sempre tive, da família, do lugar, do dia a dia... (Fabrício, 41 anos).

Eu sentia falta das pessoas. Com três meses, eu vim no Brasil buscar minha mãe pra ficar mais ou menos um mês lá. Ela ia todos os anos pelo menos uma vez! Eu vinha também, eu vinha todo ano! Eu não fiquei lá nove anos sem vir ao Brasil, eu vinha todo ano, ligava pra ela quase todo dia. (Elisa, 41 anos).

Angústia, eu sentia, saudade de casa, dos filhos, tinha hora assim que eu parava e pensava “será que vale a pena o esforço que eu tô fazendo?” [...] Valeu a pena, aprendi muito. (Humberto, 40 anos).

Medo eu não tive não, claro que a gente sente saudade da família, eu tinha muita saudade, mas sempre eu tava em contato, quase todos os dias telefonava. (Juliana, 58 anos).

Falta eu sentia dos meus filhos e quando o meu filho mais velho começou a se envolver com drogas eu estava lá ainda, a minha vida começou a virar um inferno. Eu ia trabalhar, ia pro telefone, o tempo todo no telefone ligando pra saber dele, o tempo todo assim. Eu comecei a ficar muito perturbada. (Marília, 39 anos).

A dor da ausência é um sentimento que permeia o discurso de Marília, a emigrante que deixou os filhos com 11 meses de idade e 09 anos. Quando retornou ao Brasil, seu filho mais novo estava com 09 anos de idade e o mais velho com 18 anos. Com o passar dos anos, os filhos fizeram suas escolhas e estas não incluem a mãe. Ao retornar, ela constata que os anos de ausência não podem ser recuperados, incutindo a ideia de ter cometido um pecado que foi se ausentar da criação dos filhos, ainda que tivesse o objetivo de proporcionar uma vida melhor para eles.

Na tentativa de redimir-se frente ao seu pecado, Marília retoma o relacionamento com o pai do filho mais velho na esperança de que pudesse retornar ao tempo de partida e redimir-se do pecado de ter emigrado. Acreditava que, reatando o relacionamento, conseguiria fazer com que seu filho não usasse mais drogas.

Eu cheguei voltar pro pai dele! Eu me separei do pai dele, eu tava grávida de cinco meses! [...] Ele falou comigo assim “oh mãe, vem embora! Vem embora e volta pro meu pai que eu quero morar com vocês dois, eu quero uma família!”. Eu fiz isso. Eu voltei pro Ailton. Mas foi a pior coisa que eu fiz na minha vida. O tempo que nós tentamos morar juntos, eu não consigo que ele me tocasse, me dava agonia. (Marília, 39 anos).

Todo seu esforço, passando por cima de seus desejos para tentar recuperar o filho e restabelecer o amor e o respeito deles, ela percebe que o pecado de sua ausência (SAYAD, 1998) não terá redenção. O retorno representa uma tentativa de expurgar suas penitências, uma forma de compensar o pecado cometido durante os anos ausentes.

As mudanças enfrentadas pelos emigrantes no país de destino relacionadas à cultura, clima, costumes, os colocam vulneráveis a situações de estresse. Assim, as perdas ocasionadas pela emigração devem ser elaboradas pelo indivíduo, a fim de que sua adaptação, tanto no país de destino, quanto no retorno, seja bem-sucedida.

Em relação ao retorno, Achotegui (2012) corrobora outros autores⁵¹ ao dizer que ele acaba por ser uma nova migração. Ao retornar, o emigrante necessitará se readaptar ao clima, às pessoas, à cidade, ao mercado de trabalho, sobretudo, a um novo estilo de vida. Esse momento pode ser difícil para o emigrante, assim como a chegada ao país de destino, e as expectativas criadas nem sempre se concretizam.

As expectativas que as pessoas têm são as melhores, porém quando se trata de viver o dia a dia que é mais complicado. Praticamente todo ano a gente vinha nas férias da escola, uma vez por ano, ficava em torno de um mês mais ou menos. Vim passear é uma coisa, agora vir pra morar foi uma experiência diferente que mesmo o fato de a gente vir todo ano passear e ver as coisas como é que estavam não foi a mesma coisa não. Viver as dificuldades do dia a dia não foi a mesma coisa não. Começa uma preocupação em nível de “será que eu vou conseguir me sustentar e manter?” porque a gente ouvia muito “acabava perdendo tudo porque não dava certo”, “perdia tudo que tinha e jogava fora” e é uma situação iminente. (Fabrício, 41 anos).

No retorno, não tinha nada aqui, tinha expectativa antes, depois que eu cheguei eu já cheguei sem expectativa [...] cheguei com pouco dinheiro porque já tinha ido tudo pro ralo e aquela expectativa “com o que eu vou trabalhar? O que que eu vou fazer?”. Cheguei e não tinha contato nenhum mais, ninguém mais, nem sabia fazer o serviço, então, quer dizer, você chega sem nada. Eu comecei a pensar no que fazer pra ganhar dinheiro e nisso aí você já viu, né... (Humberto, 40 anos).

Esperava conseguir um trabalho melhor, eu pensava que tinha melhorado, mas infelizmente não melhorou, mas também eu não me preparei pra isso, eu já estou com 58 anos, eu não estava preparada pro mercado de trabalho, também a idade não ajuda. Eu coloquei currículo nesse Valadares todinho, eu tentei de todas as formas e não consegui trabalho fixo. (Juliana, 58 anos).

O fato de vir ao Brasil anualmente não diminuiu o estranhamento de Fabrício ao retornar definitivamente para o país. As expectativas em torno do retorno à cidade natal eram marcadas por insegurança e sensações de incapacidade frente às dificuldades presentes nesta

⁵¹ Siqueira (2009); Debiaggi (2004); Ramos (2008).

fase do projeto migratório, ainda que tivesse cumprido com o objetivo proposto de juntar dinheiro e investir na cidade. No caso de Humberto, a falta de dinheiro e de qualificação profissional assinalava suas expectativas, assim como as de Juliana, que se sentia despreparada para competir no mercado de trabalho em função da idade e da sua falta de qualificação. Mesmo com tais dificuldades, cada emigrante encontrou modos de enfrentar as situações adversas e se reterritorializar.

A vulnerabilidade em que se encontra o emigrante, tanto no destino quanto no retorno à terra natal, deve ser percebida como uma oportunidade de buscar algo melhor, utilizando estratégias cognitivas para lidar com situações que precisa enfrentar.

Para Juliana, uma maneira de enfrentar seu retorno foi buscando dentro de si mesmo uma característica que contribuísse para sua readaptação.

É a força mesmo porque eu sempre sou muito responsável mesmo com as coisas, então não deixo passar nada, então eu luto mesmo! Mesmo que seja uma coisa simples, mas eu faço aquilo! Igual agora eu tô cuidando de uma senhora, trabalho em casa, então o que eu puder fazer eu faço, o que vier eu tô fazendo! (Juliana, 58 anos).

Para Humberto, ter a família apoiando o seu retorno foi um fator positivo para sua volta e também a sua crença em Deus, conforme relato.

Aí só o apoio da família mesmo porque se não for o apoio da família, eu acho que a maioria das pessoas voltam, minha família não! [...] eu pegava muito com Deus, rezava muito, ia muito à missa e um dia Deus tocou em mim “você tá buscando o Deus errado, quem é seu Deus? Dinheiro? Não, o seu Deus te dá dinheiro em qualquer parte do mundo que você estiver. Então vai, confia em mim que eu vou te dar; o que você ganha aqui eu vou te dar muito mais no Brasil pra te provar que Eu sou Deus, Eu que tenho o poder”. Isso me deu aquela paz de espírito, pra que eu tô correndo atrás de dinheiro se Deus é Deus em qualquer parte do mundo?! [...] (Humberto, 40 anos).

Achotegui (2012) destaca que a migração é transgeracional, ou seja, passada de geração em geração, fazendo com que filhos de emigrantes também busquem sair de seu país para viver a experiência migratória. No caso de Governador Valadares, muitos emigrantes sofreram influências dos amigos e parentes, pois a grande maioria tem um dos seus residentes em outro país. Os filhos de emigrantes que nasceram e viveram no exterior têm referência dos dois países, podendo optar por viver em um deles ou até mesmo nos dois lugares.

Assim, quando um emigrante tem êxito com a migração, ela se torna algo que o enriquece no sentido de adquirir conhecimento, o luto é pequeno e não tem repercussão negativa em sua vida. Mas quando não se elabora esse luto, quando não se pode manejar o

luto, os benefícios da migração diminuem e o indivíduo entra em crise. Nesse momento é que aparece a Síndrome de Ulisses (ACHOTEGUI, 2012).

Importante colocar que a migração é considerada fator de risco para o desenvolvimento de um transtorno mental, não a causa deste transtorno. Para que se desenvolva um transtorno mental em decorrência da experiência migratória, dois fatores são importantes: a **vulnerabilidade** do indivíduo frente à migração e seus processos, a maneira como enfrentará as situações advindas do processo e o enfrentamento de **estressores**, que são os obstáculos colocados ao migrante pela sociedade de acolhida.

Ainda de acordo com Achotegui (2008), a Síndrome é gerada pela presença de fatores que ocasionam estresse no migrante, os chamados estressores. Para o autor, o modo como os emigrantes vivenciam cada estressor é fundamental para sua adaptação ao país de destino. O autor criou uma escala de análise do nível de estresse vivenciado por imigrantes na Espanha, estudo que teve início em 1982. Os sintomas que aparecem com maior frequência são sintomas depressivos, ansiosos, de somatização e confusionais. O presente estudo buscou a compreensão deste quadro na ocasião do retorno, isto é, tem como objetivo identificar os estressores ocorridos no retorno às origens, diante do estranhamento descrito por muitos emigrantes.

4.2 ESTRESSORES LIGADOS AO PERÍODO DE PERMANÊNCIA NO PAÍS DE DESTINO

Os chamados estressores constituem a base psicológica e psicossocial da Síndrome de Ulisses. Eles podem ser potencializados de acordo com a multiplicidade (ocorrência de vários estressores concomitantes), a cronicidade (os emigrantes convivem com o estresse migratório durante anos), a intensidade e relevância (os estressores são intensos e geralmente afetam a vida dos emigrantes de maneira importante).

Solidão. Ao optar pela migração, o indivíduo se separa de seus familiares e amigos, o que lhe causa grande sofrimento. Mesmo aqueles que têm documentação sofrem por não poderem trazer a família para junto de si, ora por dificuldades econômicas, ora por ausência da documentação exigida. Além disso, a migração representa uma separação de seu território, dos lugares, dos hábitos de vida, há uma cisão de sua cultura concomitantemente à

assimilação de outra. Sentir-se sozinho em um território estranho é uma constante na vida dos imigrantes, conforme relatado por Priscila.

[...] eu morei numa cidade que era só americano e lá só tinha de brasileiro que eu conhecia a minha cunhada e meu cunhado, e meu marido trabalhava o dia todo e eu ficava muito sozinha, então era um sentimento de abandono, eu ficava triste, sentia também... Solidão, isso mesmo que eu sentia [...] sempre que eu estava sozinha, que eu não tinha ninguém pra conversar, não entendia nada que passava na televisão... (Priscila, 38 anos).

A solidão descrita pela emigrante se fazia presente na ausência de seus familiares, mas também no fato de não ter nada que lhe parecesse familiar no ambiente. A emigrante chegou aos Estados Unidos no início dos anos 90 e relata que, na região em que morou, ainda não havia muitos brasileiros, o que dificultou sua adaptação àquele país.

[...] comida lá a gente não achava nada igual o Brasil. Eu estranhei muito, muito, porque eu não achava os sabores daqui, tinha que comer o estilo de lá. Ficava doida pra tomar uma Fanta Laranja e lá não tinha tanto que quando eu vim aqui a primeira vez, a primeira coisa que eu fiz foi ir pro Gauchão comer um lanche e beber uma Fanta! (Priscila, 38 anos).

O fracasso do projeto migratório. Ao longo do seu projeto, o indivíduo tem de lidar com situações adversas que se apresentam como obstáculos para alcançar seu objetivo – juntar dinheiro e retornar ao Brasil. Trabalhar em um mercado secundário, portanto com mínimas chances de alcançar status social, o fato de muitos serem indocumentados, dificuldades com o idioma, tudo isso são situações que podem fazer com que o projeto migratório não seja bem-sucedido. Sentimentos de fracasso e desesperança surgem frente à constatação de que o esforço despendido para emigrar foi em vão. Nesse momento, a ideia de retornar passa a ser pensada, embora traga bastante sofrimento ao imigrante pelo fato de se sentir frustrado pelo insucesso de seu projeto.

Ao ser questionada sobre a possibilidade de vir embora frente às adversidades encontradas no destino, Priscila coloca:

Pensei, pensei sim porque a minha mãe me criou muito mimada, eu nunca tinha feito nada na minha vida! Então eu fui pra um país que eu não conhecia ninguém e grávida, ainda tinha que fazer a coisas dentro de casa! Aquilo pra mim foi um choque, tanto que várias vezes eu passei praticamente um mês comendo pizza porque eu não sabia nem cozinhar. (Priscila, 38 anos).

As adversidades encontradas por Marília no destino foram grandes, porém em nada se comparam à situação encontrada em seu retorno. A aquisição de bens com o trabalho no

exterior é a demonstração de sucesso do seu projeto migratório; contudo, ao retornar, percebe que conquistou bens, mas perdeu o que considerava mais valioso em sua vida: os filhos.

Eu tenho ganho, mas não tenho... Porque eu acho que se eu não tivesse ido, hoje assim se eu vier a falecer os meus filhos vão ficar bem, eles têm a chácara, têm a casa, têm o bar! Mas nada disso compensa o tempo que eu perdi na vida deles. (Marília, 39 anos).

A constatação de que os anos em que esteve ausente não podem ser retomados traz grande sofrimento para Marília. A perda do convívio com os filhos é um pecado que vai carregar por muitos anos, que o retorno não redimiu. A culpa que carrega por não ter estado presente na criação dos filhos é um elemento estressor, presente no seu cotidiano. Isso pode trazer prejuízos para sua saúde.

A luta pela sobrevivência. Este fator se relaciona à falta de alimentação adequada e moradia precária, situações que podem gerar alto nível de estresse, favorecendo a ocorrência da Síndrome de Ulisses. Para cumprir com a primeira etapa do projeto migratório – juntar dinheiro em pouco espaço de tempo – o imigrante se submete a uma alimentação precária, com restrição de alimentos em função de economizar para fazer poupança no seu país. O relato de Fernanda⁵² ilustra sacrifícios aos quais os emigrantes se propunham para atingir seus objetivos.

[...] não queria viver aquela vida assim me matando. Tem pessoal lá que você escuta que come Miojo, vive de Miojo pra economizar e quanta gente você chega só tem Miojo na casa, macarrão?! [...] mas tem muita gente lá que vive só de Miojo mesmo pra vim embora rápido juntando dinheiro. (Fernanda, 26 anos).

As restrições são tidas como necessárias também em relação à moradia. A queixa de aluguéis elevados, aliada à necessidade de fazer poupança, faz com que muitos imigrantes busquem morar com diversas pessoas para despender menos dinheiro com o aluguel.

Você vai trabalhando, trabalhando, agora você vai passando o tempo, você vai vivendo algumas coisas, se dando o direito de viver algumas coisas a mais. Por exemplo, você vai viver num apartamento melhor, você vai se distrair, não se limitar na questão de se vestir, se divertir, aproveitar várias coisas que os Estados Unidos oferece. (Fabrício, 41 anos).

⁵² Transtornos psicológicos em emigrantes retornados. Disponível em: <<http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Transtornospsicologicosememigrantesretornados.pdf>>. Acesso em: 28/11/2013.

Morei eu, ele, o patrão dele, mais o sobrinho do patrão dele num apartamentinho uns três meses. Depois eu e o meu irmão achamos que era melhor arrumar um apartamento só pra nós dois, nos separamos, fomos morar com um outro colega, só nós três, e depois nós fomos morar só nós dois juntos. (Humberto, 40 anos).

Os relatos acima mostram a vida de muitos emigrantes ao chegar ao país de destino. As restrições pelas quais eles se propõem a passar para atingir o objetivo maior, que é juntar dinheiro para retornar à sua cidade com melhores condições de vida, são desgastantes e capazes de gerar sofrimento. Com o passar dos anos, o emigrante vai se adaptando àquele país e, em função disso, se permite viver melhor, usufruindo dos benefícios oferecidos. Todavia, quanto mais adaptado ao destino, mais ele se afasta de sua origem, configurando um conflito de difícil resolução, tendo em vista que ele se distancia do cotidiano do destino e com isso fica mais difícil a adaptação no retorno.

O medo. A viagem rumo ao país de destino, a estadia e o retorno são etapas do projeto migratório marcadas por insegurança, frustrações, angústias, medos, principalmente para os indocumentados. O desgaste físico da viagem e as experiências vividas no trajeto colocam em jogo a integridade física do indivíduo e deixam marcas, tanto física quanto psicologicamente.

O trecho a seguir ilustra parte do sofrimento de Marília durante sua travessia para os Estados Unidos pela fronteira do México. Sua trajetória foi uma verdadeira odisséia, uma viagem cheia de aventuras e histórias.

Tinha um buraco perto do rio, nós entramos três pessoas nesse buraco e tampamos com folha seca pra Imigração não ver; nós entramos, e os meninos jogaram folha seca e correram para outro lugar e falaram “fica aí que a gente corre, amanheceu o dia a gente volta, quando a Imigração for embora”. Aí nós entramos e fomos, levou um monte de gente pra um milharal na beira de uma estrada e ele falou assim “vocês ficam aqui, de madrugada quando encostar uma carreta vocês correm e entram”. Fiquei perto dos meninos que estavam junto comigo, mas com medo; o tempo todo eu tava com muito medo. [...] Eu fiquei presa quatro meses. Quatro meses dentro da detenção. Nossa, eu chorava o tempo todo. Medo de morrer, medo de não ver os meus filhos. (Marília, 39 anos).

Além disso, durante o tempo de imigração, enfrentam constrangimentos por não dominar a língua, dificuldades para conseguir emprego, e convivem com o medo constante de ser preso e deportado. Ainda assim, os indivíduos continuam migrando, o que afirma a forte cultura de migração presente na cidade de Governador Valadares e seu entorno.

Realmente o medo, medo de você não conseguir andar, se perder, é muito complicado. Você vai passando os dias e trabalhando... A gente não tem ideia de nada do que vai acontecer lá, só quando chega que você vai ver, não tem como você calcular nada também não. (Fabrício, 41 anos).

Eu tinha muito medo de ir. De chegar num país em que eu não conheço ninguém, que nem o meu primo falava “você vem, você vai trabalhar aqui, eu vou arrumar serviço pra você, casa pra você limpar de americano” e eu “nó, mas como é que eu vou chegar e vou limpar uma casa de americano?! Eu não falo a língua deles!”. Tinha muitas histórias que você fazer isso tem aquela consequência... Eu pensei em fazer um curso de manicure, mas eles falavam também “ah!, que se tirar um bife de americano, eles te processam”. Eu ouvia muitas coisas assim que me deixavam com medo. (Marília, 39 anos).

Eu tinha medo, todo mundo lá vive assim, falou que é polícia, polícia parou, “nossa, vai chamar a Imigração” e, às vezes, eles chamam! Só que em Newark, como já tem muito português, os policiais já nem olham isso porque sabe que a maioria é ilegal, só se tiver bagunçando mesmo. (Humberto, 40 anos).

Medo. Medo demais! De tudo, um país que não é seu, um idioma que você não sabe falar... Só vivendo pra saber mesmo, só estando lá pra saber. (Flávia, 30 anos).

Com base nas entrevistadas feitas com emigrantes retornados, constatou-se que o estressor **medo** está presente tanto no período de permanência no país de destino, quanto no retorno às origens. As incertezas e inseguranças presentes no período de retorno ao Brasil são descritas pelos emigrantes como capazes de gerar medo, embora estejam em sua terra natal. Será necessário enfrentar situações diversas e inesperadas, o que os leva a sentir medo. Posteriormente, serão descritos o medo e suas implicações no período de retorno ao país de origem, o que afeta a adaptação do emigrante.

Todos esses sintomas estressores no país de destino citados acima, ou seja, a solidão, o fracasso do projeto migratório, a luta pela sobrevivência e o medo, além das dificuldades de adaptação sentidas por muitos emigrantes, podem gerar sintomas que configuram a Síndrome do Imigrante com Estresse Crônico e Múltiplo ou síndrome de Ulisses. Contudo, não se pode dizer que todos os emigrantes desenvolvem a Síndrome, embora existam fatores que contribuirão para o estabelecimento de níveis de estresse – mais ou menos intensos – dificultando sua adaptação ao país de destino. Assim, cada indivíduo manifestará os sintomas de acordo com o nível de estresse a que está submetido durante o processo migratório. As perdas dos referenciais, do convívio com a família, com os amigos transformam-se em lutos que necessitarão ser elaborados para melhor readaptação no retorno à terra natal.

Segundo Achotegui⁵³ (2013), a Síndrome de Ulisses é um conjunto de sintomas vivenciados pelos imigrantes em situações extremas, ligadas à sua documentação, distância da família, sentimentos de perseguição, impossibilidade de retornar ao seu país ou ter de retornar forçadamente através de deportação, sendo impossibilitado de seguir com seu projeto migratório. Nesse sentido, entende-se que a Síndrome apresenta um conjunto de estressores, como solidão, medo, luta pela sobrevivência e fracasso do projeto migratório, ligados à experiência no país de destino, próprios desta fase do projeto. Importante ressaltar que a vivência desses estressores ocorrerá de acordo com o modo como cada emigrante dará significado aos fatores, o que nos leva a pensar que nem todos emigrantes desenvolvem esta Síndrome.

A Síndrome de Ulisses não seria propriamente uma doença, mas uma situação de estresse vivenciada pelo emigrante, que dá lugar a uma série de sintomas reativos ao estresse. A combinação dos estressores no destino e a presença de sintomas psicológicos resultam nesta Síndrome (ACHOTEGUI, 2004).

Assim, os estressores solidão, fracasso do projeto migratório, luta pela sobrevivência e medo são muito específicos e de grande intensidade, podendo gerar uma série de sintomas. Os sintomas relacionados à Síndrome, apresentados por Achotegui (2004), são:

- Sintomas depressivos: tristeza, choro, culpa e ideias de morte.
- Sintomas de ansiedade: tensão, nervosismo, preocupações excessivas e recorrentes, irritabilidade, insônia.
- Sintomas de somatização: cefaleias, fadiga.
- Sintomas confusionais: lapsos de memória, de atenção, sentir-se perdido, inclusive perder-se fisicamente, desorientação temporal.

Nesse sentido, a Síndrome é uma situação de estresse que, sem dúvida, necessita de maior atenção por parte da sociedade e de profissionais envolvidos por oferecer grande comprometimento do indivíduo.

Conforme já destacado, esta Síndrome se refere a situações vivenciadas no país de destino. Dessa forma, os estressores classificados por Achotegui (2008) como causadores do estresse no emigrante são compreendidos com base na experiência no estrangeiro.

⁵³ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KLAP6-PKPTU>>. Acesso em 08/11/2013.

O que se tem observado neste estudo é que, embora o emigrante retorne às suas origens, ele tem de enfrentar situações potenciais para o surgimento de estresse, a um nível extremo, comprometendo sua readaptação à terra natal.

O presente estudo tem como foco compreender as questões voltadas para a dimensão psicológica do fenômeno migratório, através dos relatos de emigrantes retornados, utilizando como base a Síndrome de Ulisses. Todavia, as questões trabalhadas por Achotegui são referendadas ao país de destino dos imigrantes. Partindo do pressuposto de que, como afirma Sayad (2000), o retorno, em função do distanciamento provocado pelos anos de ausência, se constitui em um novo movimento de migração, podemos considerar que os princípios usados por Achotegui também podem servir de referência para o retorno à terra natal.

Segundo a literatura sobre a Síndrome de Ulisses e os relatos dos emigrantes, no retorno, há fatores estressores também no país de origem do emigrante, sendo um exercício de análise que ainda não foi feito.

4.3 ESTRESSORES IDENTIFICADOS NO RETORNO DOS EMIGRANTES

Conforme o relato dos emigrantes, retornar à terra natal não é uma decisão simples. Os anos vividos no exterior, o estilo de vida adotado para se adaptar àquele país e ainda os anos de ausência e os medos e indefinições acerca de como será a vida no país de origem quando retorna são situações que pesam na decisão de retornar.

Aqueles que optam por retornar vivenciam diversas situações, sob as quais irão viver, capazes de gerar estresse, uma vez que fazem parte do retorno. Dessa forma, pelos relatos de emigrantes, foi possível identificar estes fatores e categorizá-los, visando à sua melhor compreensão.

4.3.1 O estranhamento

Segundo Sayad (2000), o estranhamento é um sentimento vivido por muitos emigrantes retornados. Ao longo dos anos de ausência, guardaram na memória o momento da partida e esperam encontrar a mesma ordem, sentimentos e até mesmo aspectos materiais do

tempo da partida. Contudo, tanto as pessoas que permaneceram na origem, como o próprio emigrante, mudaram. As experiências em outra cultura lhe trouxeram novos hábitos, novas percepções sobre si mesmo e o mundo. Ao retornar, não se reconhece como pertencente àquele lugar, estranhando o território e as pessoas.

Este sentimento pode ser compreendido como uma dificuldade de se familiarizar com o ambiente e com tudo o que o compõe, isto é, pessoas, lugares, clima, hábitos, costumes. Interessante colocar que esse sentimento gera conflito para o emigrante à medida que não se percebe mais pertencente a este lugar, que é a sua origem, e também não se identifica com o país para o qual emigrou. Assim, sente-se um estranho em seu próprio ninho, conforme relatos a seguir.

O que eu estranhei foi a mudança, pouquinho tempo que eu tive fora o que mudou, o que construiu, o que cresceu. Perto da minha casa, algumas casas bonitas já tava construída, você estranha aquilo e uma coisa que os brasileiros não faz muito, não valoriza o que a gente tem. (Humberto, 40 anos).

Na primeira semana, eu já fiquei meio chocada. Teve até um episódio engraçado que o Michael acordou apavoradíssimo, com taquicardia por causa do carro de som passando na rua! A gente não tinha isso lá, perdeu esse costume e cinco anos fora, né?! Mas assim foi muito difícil o primeiro ano aqui no Brasil. (Míriam, 32 anos).

A experiência no país de destino traz ao emigrante a incorporação de hábitos e costumes diferentes daqueles existentes na cultura de origem. O estranhamento é um sentimento comum, pois os hábitos da cultura americana diferem da brasileira, sendo necessário incorporar a nova cultura para viver bem. Contudo, no retorno, os hábitos assimilados no exterior são trazidos para o Brasil. O fato descrito por Míriam é um costume na cidade de Governador Valadares, que, por muitos anos, ficou esquecido por ela e o marido, já que, lá nos Estados Unidos, os costumes são outros. Assim, o jeito reservado do americano que aparecia um incômodo no início da estadia no exterior, acaba sendo incorporado aos valores e costumes do emigrante, e ao retornar, ele vivencia um “choque cultural” em sua própria cultura.

Dessa forma, se ao chegar ao país de destino o emigrante sente um estranhamento pelas diferenças climáticas, culturais e pelo idioma, a atividade laboral, também no retorno, irá perceber as diferenças, embora aqui seja sua terra, suas raízes.

Assim, no relato de muitos emigrantes, está presente a vontade de estar aqui e quando está aqui, gostaria de estar lá. Essa situação gera estresse ao emigrante, à medida que não se percebe pertencente à sua origem, tampouco ao destino, sentindo-se dividido entre os dois

mundos. Para aqueles que têm documentação, o conflito, pode ser amenizado pela possibilidade de ir e vir sem os constrangimentos e perigos da emigração indocumentada.

Curiosamente, o estranhamento sentido no país de destino também acontece na origem, visto que, depois de viver anos no exterior, o que lhe parece familiar se torna diferente. Assim, o emigrante passa a ser um estrangeiro em sua própria terra.

Como consequência do sentimento de não pertencimento ao lugar de origem, o emigrante tende a se sentir deslocado em relação às pessoas, aos lugares, ao mercado de trabalho, enfim, ao seu território. Pelos relatos da pesquisa, percebe-se que, comumente, os emigrantes apresentam desorganização do pensamento em relação à apropriação do novo estilo de vida encontrado no retorno. Conforme observado, comumente este sentimento aparece logo no início do período de retorno, sendo importante para a adaptação do emigrante fortalecer os laços familiares e os laços com sua terra.

Enquanto você tá aqui tá ótimo, mas quando você vê uma outra cultura, uma outra educação é outra coisa! Quando você volta você se sente perdida! Eu tô ainda. Um tempo atrás eu não queria nem sair do quarto! Eu não queria ver ninguém! [...] Eu tô sem rumo, eu não tô conseguindo me organizar. Eu tenho assim como eu perdi a infância toda do Rafael, ele gosta mais da Norma do que de mim, considera ela mais. O Renan foi pra prostituição, ele foi pras drogas. Depois que eu cheguei eu só fiquei correndo atrás da recuperação dele. Então, eu ganhei, mas eu perdi muito. (Marília, 39 anos).

[...] sabe assim você chegar um peixe fora d'água de novo? Porque quando você chega lá é um peixe fora d'água: vou ter que aprender nadar, vou ter que aprender respirar, vou ter que aprender comer. Aqui como é que faz isso? E quando você retorna é a mesma coisa um peixe fora d'água, o que que eu vou fazer agora? [...] eu só me sentia deslocado no mercado, tanto que eu fiquei muito tempo parado tentando um negócio, tentando outro. Comprei uma parati usada pra tentar mexer na chácara, depois eu falei que retorno vai me dar? Eu não vou gastar dinheiro lá não! Parei. (Humberto, 40 anos).

Tinha medo, dá um medo pra você atravessar a rua, eu tinha medo de carro me pegar, por exemplo, a cabeça da gente roda como se tivesse... Tonteira! Eu já tive tonteira, você vê assim tudo diferente mesmo... Eu andava segurando na Josi porque pra mim eu ia cair! (Juliana, 58 anos).

Os relatos acima apontam para as marcas deixadas pela experiência em uma cultura diferente da sua, gerando uma sensação de não pertencer ao lugar; o mesmo sentido ao chegar ao país de destino, porém agora em seu território de origem.

Os anos vividos no exterior proporcionam ao emigrante novas experiências e, no retorno, necessita retomar o estilo de vida anterior à sua partida, ou seja, reterritorializar-se. Este é um conflito que precisa ser administrado pelo emigrante para que consiga dar novos significados ao retorno, dando novos contornos a esta fase do projeto migratório.

4.3.2 O medo

Aliado ao sentimento de estranhamento frente ao território valadarense, está agregado o medo. Diferentemente do medo relacionado à chegada ao país de destino, essa categoria diz respeito ao medo em relação às expectativas criadas para o retorno. Muitos questionamentos surgem nessa fase do projeto migratório, advindos da necessidade de instalar-se na cidade natal após anos no exterior. De acordo com os relatos dos emigrantes retornados, o momento do retorno lhe parece mais difícil do que a decisão de emigrar. Isto porque se sentem inseguros quanto aos investimentos que fizeram ou pretendem fazer na cidade e ainda se conseguirão retomar ao estilo de vida após experimentar tudo o que outro país lhe proporcionou.

Questões relacionadas à família e ao relacionamento conjugal também se encaixam nessa categoria, já que muitos emigrantes têm receio de como irão se inserir na família, quais papéis terá de desempenhar, como será a relação com os filhos.

Eu imaginava assim que eu estaria em casa, que eu iria trabalhar nas minhas coisas que tivesse dado um retorno favorável pra que a gente pudesse bancar as despesas sem uma preocupação. Porque a despesa aqui é muito alta também. Francisco: foi assim. Eu tive um certo capital pra começar só que não aconteceu como esperado, aí a gente começa a sair um pouco fora do controle quando vai passando o tempo, e as coisas não acontecem do jeito que tava imaginando, começa a preocupar. (Fabrício, 41 anos).

Quando retornou a Governador Valadares, Marília relata que o medo foi substituído por uma sensação de sufocamento.

Quando eu saí do carro que eu pisei onde eu moro, eu me senti assim que tava tudo se fechando. Sabe quando você se vê dentro de uma caixa que tá se fechando? Eu me senti assim. Eu não sabia pra onde correr ali. A minha irmã abriu o portão, eu entrei, me senti mais sufocada ainda. [...] de tá presa, de eu não saber o que fazer! A primeira vez que eu vim no centro eu desabei a chorar. Eu entrei no banco e até hoje eu não entendo por que. Minha irmã sentou mais o Renan e quando eu cheguei no caixa, eu comecei a chorar, minha irmã veio e me tirou. A menina do caixa ficou olhando e todo mundo sem entender e eu também. Veio a lágrima, eu comecei a chorar. Vivía chorando, não podia vir ao centro, eu não queria mais sair de casa. (Marília, 39 anos).

Na verdade, a sensação de sufocamento está relacionada com a razão do seu retorno. Marília relata ter retornado para cuidar do filho que está envolvido com drogas e prostituição.

Hoje, a emigrante foi tomada por grande frustração, pois aquilo que veio buscar no retorno, infelizmente, não aconteceu.

Então eu olho pro Rafael, ele já tem a mãe Norma, o Renan não quer sair das drogas, eu vou ficar fazendo o que aqui? Queria ganhar dinheiro logo pra voltar porque tinha meus filhos me esperando, mas eles não estavam me esperando, não estavam! O que adianta você ter as coisas se você não é feliz? Eu não sou feliz. Antes eu não tinha nada e era feliz, hoje eu não sou. Tô procurando ela, mas ela se escondeu de mim, eu não sei onde é que ela tá. (Marília, 39 anos).

A fala desta emigrante mostra que a aquisição de bens não está ligada à sua felicidade. No retorno, a emigrante constata que o dinheiro ganho no exterior não compensou sua ausência. Diante da constatação de sua perda, planeja emigrar novamente não mais em busca de dinheiro, mas, da sua felicidade, que acredita estar lá.

4.3.3 A Saudade

O tempo de permanência no exterior é um período de muitas conquistas para o emigrante. O sucesso com o projeto migratório é um fato que motiva sua permanência naquele país. Mas, embora os planos ocorram conforme pensado, um sentimento começa a tomar espaço na vida do emigrante: a saudade dos que ficaram no Brasil. Este componente representa a dificuldade de adaptação do emigrante no destino, mas, com o passar dos anos, ele se conforma com sua realidade e acaba superando a vontade de estar junto dos seus.

Em sentido inverso, quando retornam à sua origem, os emigrantes passam a sentir saudade do estrangeiro, dos hábitos, dos costumes, do lugar, das amizades que fizeram.

Portanto, vivenciam um conflito de que se dão conta apenas ao retornar. Da mesma forma que sentem saudade do país de origem quando estão no exterior, sentem saudade do estrangeiro quando estão na sua terra natal. Durante os anos vividos no país de destino, adquiriram hábitos, criaram rotinas e se acostumaram com o ritmo de vida. As comparações são inevitáveis, sobretudo no que diz respeito ao acesso a bens de consumo, lazer, vestuário, alimentação.

Lá chorava quando tava com saudade, aqui não tinha isso mais. O que vinha no lugar? Vinha aquele negócio “se eu ganhasse o que eu ganhava lá aqui?” Nossa, se eu ganhasse um dinheiro daquele dinheiro aqui eu fazia mundos e fundos. (Humberto, 40 anos).

Estados Unidos é assim: a gente quer muito ir lá, mas a gente quer muito voltar. Quando eu tava lá e não tinha documentação a gente ficava calculando “vou ficar tanto tempo ou vou juntar um dinheiro pra voltar e tal”. Mas aí quanto mais o tempo passa lá, mais difícil fica pra você vir embora, tendo ou não a documentação, porque você vai vivendo uma qualidade de vida diferente. (Fabrício, 41 anos).

Quando eu cheguei aqui, eu falei “mãe, não é questão de não amar vocês, eu amo vocês, sou muito feliz de ter vocês aqui acessível a mim, mas parece que não era mais a minha vida”. A vida de tá aqui, de não ter mais o meu Nova Iorque pra eu ir lá passear no final de semana, até roupa lá é acessível! Isso tudo me fez sentir falta, muita falta de lá. (Míriam, 32 anos).

Lá é tudo mais civilizado. Aqui no centro é uma falta de educação, o trânsito, os motoristas. Lá eles respeitam mais. Aqui eu ficava boba quando eu tava indo na rua ali, o pessoal não tem educação. Lá eu aprendi muito a educação deles, principalmente na área da escola. Aqui criança atravessa a rua sozinha, lá tem o ônibus, os pais são obrigados a levar. (Marília, 39 anos).

Conforme afirma Sayad (1998), é impossível viver uma experiência migratória sem ficar marcado por ela. Quando o sujeito emigra, leva consigo sua cultura, ou seja, seu modo de ver e sentir o mundo. Durante os anos de convívio em território estrangeiro, ele tenta reproduzir esses costumes, cria formas de viver e lembrar sua origem, seja com fotos, reproduzindo suas festas ou comidas típicas. A convivência diária com outra cultura não passa impunemente. Esse sujeito adquire hábitos e costumes desse território e, mesmo que não se integre totalmente, sendo sempre um estrangeiro, quando retorna, leva consigo um novo sujeito, resultado das experiências vividas na origem e no destino. É esse sujeito que, muitas vezes, acalentou o retorno e se sentirá agora um estrangeiro em sua cidade de origem.

4.3.4 O Desapontamento

Outro ponto que foi possível observar nos relatos foi a desilusão com o retorno. É comum os emigrantes criarem uma ideia a respeito do retorno, marcada por sucessos, o que nem sempre acontece, principalmente se o retorno se dá de maneira forçada, como é o caso de Míriam.

Na verdade, eu vim por causa do tratamento porque meu pai é médico aqui e era mais fácil aqui no caso, eu tenho Unimed e tal, era melhor. Só que voltar pra Valadares foi um regresso, eu senti que eu tava regredindo na vida, na verdade. (Míriam, 32 anos).

As decepções no retorno são tamanhas que muitos optam por emigrar novamente por acreditar que lá encontrará os meios necessários para viver bem. O fato é aquele território não será mais o mesmo, e as expectativas passam a ser depositadas novamente no país de destino.

Assim, o emigrante vive um ciclo de constantes mudanças e uma busca incansável por aquilo que lhe falta, sem mesmo saber o que lhe falta. Talvez esse seja o grande prejuízo com a emigração. Sujeitos em constante busca por algo que não conseguem nomear, apenas buscam enraizar-se, estando aqui ou lá.

Eu acho que o dinheiro não compra tudo, ele não tá acima de tudo. Se eu quiser ir lá agora trocar de carro, eu troco, se eu quiser ir lá agora, na Colcci e comprar a bolsa mais cara da Colcci, eu compro. Eu quero um endereço que eu vou lá e vou comprar amor, carinho, amizade, companheirismo, eu quero essa loja! Aí eu vou comprar uma coisa que vai me satisfazer porque o que eu tô comprando não tá me satisfazendo, pelo contrário, tá me deixando mais lá embaixo ainda [...]. (Flávia, 30 anos).

O cenário encontrado por Marília no retorno aumentou suas frustrações em relação à sua adaptação. Ter retornado a pedido do filho, creditando a si a culpa pelos anos de afastamento, a responsabilidade pelas condutas do filho e percebendo que sua presença não muda nada, pois não conseguiu ocupar o lugar de mãe que deixou vago por nove anos, é um fator estressor que lhe causa danos à sua saúde psíquica. Ainda que tenha muitos investimentos na cidade, não se sente feliz com seu retorno.

Quando eu cheguei no Brasil, eu tentei resolver tudo, eu não consegui. Eu já tô com dois anos e pouco aqui, eu não consegui recuperar o Renan, não consegui tirar ele das drogas e olha que eu já corri atrás! Eu já fui pra psicólogas, pra psiquiatra, é tratamento em São Paulo, em Belo Horizonte, aqui, várias clínicas. Mas eu não tô bem comigo, eu não tô feliz. (Marília, 39 anos).

O retorno da emigrante é marcado por frustrações, decepções, infelicidades. Assim, ainda que tenha alcançado seu objetivo econômico com a migração, Marília se sente frustrada e infeliz.

Quando você volta, você se sente perdida! Eu tô ainda. Um tempo atrás, eu não queria nem sair do quarto! Eu não queria ver ninguém! [...] Eu tô sem rumo, eu não tô conseguindo me organizar. Eu tenho assim como eu perdi a infância toda do Rafael, ele gosta mais da Norma do que de mim, considera ela mais. O Renan foi pra prostituição, ele foi pras drogas. Depois que eu cheguei, eu só fiquei correndo atrás da recuperação dele. Então, eu ganhei, mas eu perdi muito. (Marília, 39 anos).

O estranhamento, o medo, saudades do estilo de vida do país de destino e o desapontamento são alguns dos fatores estressores encontrados no retorno dos emigrantes. Pode-se considerar que estes estressores são semelhantes aos apontados por Achotegui (2004), sendo, portanto, possível utilizar, como referência, o modelo da Síndrome de Ulisses no retorno.

Pelo discurso dos entrevistados, é possível indicar situações potenciais ao desenvolvimento de alguns sintomas semelhantes aos descritos por Achotegui (2004), agrupados em depressivos, ansiosos, somatização e confusionais. Os depressivos compreendem a tristeza, o choro, a culpa e as ideias de morte; os ansiosos, a tensão, o nervosismo, as preocupações excessivas e recorrentes, a irritabilidade e a insônia; a somatização, as cefaleias e a fadiga; e os confusionais compreendem o lapso de memória, de atenção, o sentir-se perdido, inclusive perder-se fisicamente e a desorientação temporal.

4.4 ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

O cenário encontrado pelo emigrante no retorno nem sempre favorece sua adaptação. As frustrações são muitas, decepções, insegurança, perdas e necessidade de reconstruir sua relação com as pessoas e o lugar.

Segundo o Aurélio, enfrentamento quer dizer ato ou efeito de enfrentar, arrostar. Enfrentar significa colocar-se defronte, atacar de frente, passar por, não fugir, confrontar-se, encarar, defrontar-se. Pelos termos expostos, pode-se deduzir que haja recursos internos, emocionais, físicos, intelectuais para lidar com os processos migratórios. Dessa forma, pode-se perguntar com qual munição o emigrante entrará na batalha? Ele necessita criar estratégias para enfrentar as situações e os conflitos que surgem no período do retorno.

Os meios utilizados pelos emigrantes para lidar com os desarranjos trazidos pela emigração variam de acordo com cada um. Para Humberto, a ajuda dos familiares foi muito

importante, mas também encarar sua realidade sem máscaras e sempre acreditando que poderia melhorar foi algo que contribuiu para sua melhor readaptação à origem.

Vou trabalhar ali, mas eu vou ganhar seiscentos e poucos reais, “gente, não é nem um terço do que eu ganhava na semana, será que eu vou acostumar com isso de novo?!”. Aí você fica naquela “fazer o quê? Eu tenho que esquecer desse trem, eu não ganho mais dólar, tem que esquecer logo. Muita dificuldade, tive que começar do zero, do nada. Tive uma dificuldade pra me colocar de novo no mercado, tive que fazer curso, correr atrás. (Humberto, 40 anos).

As dificuldades que surgiram no retorno de Humberto não o fizeram desistir de continuar sua vida aqui e, além disso, serviram de motivação para buscar uma melhoria em sua qualidade de vida. Agora, em seu próprio país, acreditar que seria possível reerguer-se, ainda que com toda a dificuldade enfrentada quando retornou à sua origem nos leva a pensar na fé como elemento fundamental para enfrentar a condição atual do emigrante logo que chega à sua terra natal. Nesse sentido, a fé configura-se elemento importante para o enfrentamento do retorno, conforme relato abaixo:

Aonde eu for Ele vai me ajudar, se eu sou filho Dele, Ele vai me acalentar. Foi onde eu decidi vir embora e realmente se eu for olhar hoje financeiramente, afetivamente, amorosamente e familiarmente, eu sou milionário em vista do que eu tava lá! (Humberto, 40 anos).

Contudo, é importante salientar que o processo migratório não se dá de maneira igual para todos, ou seja, cada indivíduo com a sua história de vida irá vivenciar o projeto migratório de maneira diferente. Assim, uma das armas que o emigrante tem para lidar com o retorno e sua adaptação é a resiliência, mecanismo que se constitui como saída para lidar com os impactos da emigração. Alguns estudos⁵⁴ mostram que quanto mais resiliente é o migrante, maior sua capacidade de se adaptar às adversidades do processo.

A noção de resiliência deve ser entendida como uma capacidade adaptativa do indivíduo, fruto da interação entre ele e seu meio, expressa por uma resposta positiva a fatores causadores de estresse.

⁵⁴ Freitas e Mendes (2013).

[...] os indivíduos perseveraram perante o sofrimento e limitações [...] e superaram essas adversidades através da mobilização de recursos pessoais e sociais que atuam como fatores protetores. São exemplos destes recursos a confiança dos indivíduos na sua autonomia e autoeficácia e o apoio de elementos da sua rede social pessoal (da família ou comunidade) na obtenção de informação e na formulação de estratégias que lhe permitam aceder, entre outros direitos, à educação, à segurança social, a serviços de saúde, a organizações religiosas etc. A ativação destes fatores de proteção pode ser dificultada em situações em que os indivíduos sofrem um processo de desenraizamento e isolamento social associado, por exemplo, a doenças altamente estigmatizadas, como é o caso da doença mental, ou advindo de processos migratórios (FREITAS e MENDES, 2013, p.72).

O conceito de resiliência tem a ver com a flexibilidade do indivíduo em se adaptar às demandas. Uma pessoa resiliente cria recursos próprios para enfrentar situações adversas, mantendo o equilíbrio emocional. Nos momentos de muita tensão frente à sua readaptação, Humberto não se deixou abater, enfrentou as situações de forma positiva e hoje acredita estar adaptado, embora se recorde com frequência da vida no exterior.

Hoje eu tô adaptado. Hoje eu posso falar que o meu pé tá no chão, eu sei onde caminhar, eu sei pra onde ir e é o que falo com os caras lá na America. Hoje eu tô aqui na sua casa, eu saio ali tranquilo, eu munto na minha moto e vou. Se tem uma blitz, eu paro, dou meu documento e vou. Lá na América, se visse uma polícia, “nossa, tô deportado! Vai que é a Imigração”. (Humberto, 40 anos).

O mesmo não aconteceu com Míriam, que retornou para Valadares em 2009 e ainda não se percebe totalmente adaptada. As expectativas quanto a uma possível emigração são constantes.

Eu acho que se eu tivesse angustiada igual eu tava nos dois primeiros anos eu já tinha enlouquecido! Eu acho que hoje eu tô mais conformada com a situação. Vão levar a vida porque tem que levar, hoje eu não penso mais nisso. [...] Totalmente adaptada, eu não estou, mas estou bem porque antes eu falava muito disso, só disso, hoje eu falo, mas não tanto. (Míriam, 32 anos).

A adaptação de Míriam foi um processo longo com duração em torno de três anos, mas ainda assim ela se sente conformada. Durante este período, a emigrante viveu situações difíceis e, por diversas vezes, pensou em buscar a ajuda de um profissional especializado, mas, devido à sua condição financeira, teve que adiar essa busca.

Embora tenham enfrentado dificuldades durante o projeto migratório e também na ocasião do retorno, muitos indivíduos sonham com a possibilidade de retornar à condição de emigrante, ou seja, ainda acreditam que emigrar lhes dará aquilo de que necessitam para viver melhor. Assim, a emigração continua sendo uma saída para muitos valadarenses, ora pelo fato

de terem definido os dois países como o lugar para viver, ora por manter o ideal coletivo de “fazer a América”, terra de prosperidade e riqueza.

Diversos indivíduos viveram a experiência migratória ao longo dos quase cinquenta anos de fluxo em Governador Valadares. A chegada ao país de destino será sempre motivo de impacto para os emigrantes, ao mesmo tempo em que o retorno também é uma experiência complexa.

Por fim, a Síndrome de Ulisses é um importante norteador para identificar os fatores estressores no retorno. Se no destino, a solidão, o medo, o fracasso do projeto migratório e a luta pela sobrevivência permeiam a experiência do migrante; no retorno, o estranhamento, o medo, a saudade e o desapontamento estão constantemente presentes no discurso dos retornados.

Assim, os fatores encontrados no retorno capazes de gerar estresse ao emigrante necessitam ser trabalhados pelos indivíduos para facilitar sua adaptação à origem. A busca por ajuda psicológica, ou mesmo a criação de um espaço de sociabilidade, em que o emigrante poderá trocar experiências, fazer amizades, falar de suas dificuldades ou mesmo do modo como se organizou, é essencial para a sua reterritorialização.

5 CONCLUSÃO

O fenômeno migratório internacional é um elemento importante para as sociedades, ao passo que as mudanças ocasionadas pela migração – desde novo lar, novo ambiente, novos hábitos de vida, nova alimentação, novas relações com as pessoas, com grupos, novas atividades de trabalho e relações sociais, motivações, aptidões, identidade individual e cultural – modificam os territórios de origem e destino.

O território valadarensense foi o ponto de partida de fluxos migratórios em direção aos Estados Unidos da América e países da Europa. A constituição e a permanência desses fluxos foram possíveis devido ao estabelecimento das redes sociais, que fizeram a ligação entre os países, oferecendo suporte, tanto no destino, quanto na origem, direcionando o emigrante aos países em que há uma rede de apoio já estabelecida. Sua existência acaba por manter o fluxo ao longo dos anos, o que nos permite pensar na criação de uma cultura emigratória que supervaloriza o estrangeiro em detrimento do local.

A cultura emigratória se faz presente na região de Governador Valadares, devido ao ideal coletivo, criado ainda na década de 40, de que os Estados Unidos seriam um país rico, desenvolvido e com grandes possibilidades de ganhar dinheiro em pouco espaço de tempo. A partir dos anos 60, são registradas migrações esporádicas rumo àquele país e, somente anos mais tarde, aconteceria uma explosão nos fluxos, tornando a cidade mineira mundialmente conhecida por exportar mão de obra.

Durante os anos de permanência no exterior, o emigrante necessita adotar um estilo de vida que assume características bastante diferentes do seu habitual e adaptar-se àquele território que se apresenta como uma dificuldade ao emigrante. Questões ligadas ao clima, ao idioma, à alimentação, à rotina de trabalho e à distância da família permeiam a vida do emigrante, tornando-se fonte de sofrimento. Todavia, à medida que o emigrante passa a apropriar-se deste território, sente-se adaptado e consegue abstrair situações positivas das experiências vivenciadas naquele país.

O psiquiatra espanhol Joseba Achotegui identificou um conjunto de fatores ocorridos no país de destino, capazes de trazer estresse ao emigrante. Esses fatores ocorrem ao mesmo tempo e agrupados e constituem a Síndrome de Ulisses, em alusão ao herói grego que retorna à cidade de Troia após muitos anos, enfrentando durante o caminho a fúria dos deuses, perigosos inimigos e monstros mitológicos. Segundo Achotegui (2004), as condições dos emigrantes atualmente podem ser comparadas às adversidades sofridas por Ulisses, uma vez

que, para sobreviver no país de destino, eles têm de viver em péssimas condições de vida, lutando contra monstros imaginários e reais como a solidão, o medo da deportação e do fracasso, a luta pela sobrevivência e a concretização do projeto migratório. Com base em estudos no país de destino, Achotegui (2004) descreveu alguns fatores que dificultam a adaptação do imigrante ao chegar ao país de destino e, com isso, identificou a Síndrome do Imigrante com Estresse Crônico e Múltiplo ou Síndrome de Ulisses, por apresentar sintomas combinados aos fatores.

Os estressores presentes na vida do imigrante ao longo de sua participação no processo migratório definem a Síndrome e são percebidos como capazes de desencadear reações de estresse, ameaçando a integridade física e psíquica do indivíduo.

Solidão. Ao optar pela migração, o indivíduo separa-se de seus familiares e amigos, o que lhe causa grande sofrimento.

Fracasso do projeto migratório. Ao longo do processo migratório, o indivíduo tem de lidar com situações adversas que dificultam o alcance do seu objetivo – juntar dinheiro e retornar ao Brasil. Trabalhar em um mercado secundário, portanto, com mínimas chances de alcançar status social, o fato de muitos serem indocumentados, dificuldades com o idioma, tudo isso são situações que podem fazer com que o projeto migratório não seja bem-sucedido.

Luta pela sobrevivência. A falta de alimentação adequada e a moradia precária – visto que há relatos de imigrantes que chegam a dividir residência com muitos outros imigrantes, além da dificuldade para locar um imóvel pela condição de imigrante indocumentado – são situações que podem gerar alto nível de estresse, capazes de favorecer a ocorrência da Síndrome. E ainda a ocupação do mercado de trabalho secundário, potencialmente capaz de gerar estresse.

Medo. A viagem rumo ao país de destino, a estadia e o retorno ao país de origem são marcados pelo sentimento de medo frente às situações vivenciadas em cada um desses momentos do processo migratório. O desgaste físico da viagem, tanto de ida, quanto de volta, para indivíduos documentados ou indocumentados, e o convívio com o fantasma da Imigração, que assombra os que não têm documentação, são situações potenciais para ocasionar a Síndrome.

Com base nos resultados deste estudo, o estranhamento é um fator fundamental relacionado ao estresse e que, portanto, deve ser considerado para estudo frente aos estressores presentes no destino.

A decisão por retornar, embora fizesse parte do projeto de emigrar, é relatada pelos emigrantes como uma escolha difícil de ser feita, pois, para muitos, a emigração representa muito mais do que a experiência de viver no exterior, mas a conquista de uma posição social melhor. Após retornar, o emigrante percebe o pecado de sua ausência e se dá conta de que os anos vividos no exterior não compensaram a falta que fez à sua família e amigos.

Respondendo ao problema central deste estudo – quais são os estressores encontrados em emigrantes retornados, baseados na Síndrome de Ulisses, e quais as técnicas de enfrentamento encontradas pelo emigrante para auxiliar na readaptação? – podemos observar a existência de fatores causadores de estresse também no retorno. Nesse sentido, o estranhamento ao reencontrar os familiares e amigos, a percepção da cidade, o medo relacionado às expectativas criadas para seu retorno, a saudade do país de destino e o desapontamento quanto às constatações percebidas no regresso à terra natal são um obstáculo à adaptação do emigrante. Para atuar neste cenário, o emigrante necessita criar estratégias de enfrentamento de suas dificuldades. As estratégias criadas pelos emigrantes estão relacionadas à fé, como elemento que sustenta a escolha por retornar, e à resiliência, uma característica que pode ser desenvolvida por todo ser humano e está relacionada à capacidade de superar os obstáculos da vida, mantendo um equilíbrio.

Observou-se que a emigração traz consequências positivas e negativas para o emigrante, família e sociedade. Se por um lado possibilita a realização do sonho de melhorar sua qualidade de vida, por outro, no campo psicológico e afetivo, prejudica as relações familiares, de amizade, trabalho, levando a reflexões sobre o saldo final obtido com a emigração.

A família já não se configura mais como antes e o estranhamento sentido por todos que fazem parte deste processo pode, muitas vezes, desfazer o sentimento de pertencimento que havia entre eles, pois o emigrante é um membro da família que, muitas vezes, se encontra, ao retornar, numa posição insustentável dentro do sistema familiar por todas as experiências vividas no exterior. Há uma grande dificuldade de ele entender que a família mudou, os filhos não são mais crianças, a esposa assumiu outras funções, e ele também mudou, não é mais o mesmo de quando partiu. Esse conflito é vivenciado por muitos emigrantes, e diante da dificuldade de resolução, emigrar novamente aparece como alternativa viável.

Do mesmo modo como a permanência no exterior é um período de dificuldades, o retorno dos emigrantes também é percebido como produtor de sofrimento psíquico, já que, além das mudanças citadas anteriormente, também podem surgir sensações e percepções

relacionadas ao estranhamento, frustrações, decepções e dificuldades de readaptar-se aos hábitos e costumes da sociedade de origem.

A Síndrome de Ulisses se refere aos fatores estressores encontrados no país de destino, contudo, tendo por base a revisão bibliográfica e os relatos de emigrantes retornados, foi possível identificar fatores potencialmente causadores de estresse no retorno. O estranhamento, o medo, a saudade da vida no exterior, o sentir-se deslocado e conseqüentemente decepcionado quanto ao cenário no retorno são sentimentos que prejudicam a readaptação do emigrante.

Assim como na Síndrome, estes fatores são concomitantes e por isso tornam o retorno ainda mais complexo para o emigrante. Nesse sentido, é necessário criar estratégias de enfrentamento, identificando recursos próprios para encarar a situação, de maneira que se torne algo positivo e que sirva de crescimento para o emigrante. A resiliência é um recurso possível para lidar com as frustrações do retorno, sendo mais flexível frente aos estranhamentos, perseverante, sem se deixar abater pelos medos, anseios e receios causados pelo retorno.

O estudo nos permitiu concluir que o retorno do emigrante acaba por se tornar uma nova emigração já que ele se depara com diversas dificuldades, assim como quando chega ao país de destino, e necessidade de enfrentá-las. Acredita-se que quando o emigrante retornado consegue dimensionar os efeitos que sua experiência migratória exerce sobre sua vida e da sua família, ele encontra recursos para lidar melhor com essas dificuldades e então dá novo significado à sua experiência. As comparações com a vida no exterior se tornam cada vez menores, dando lugar ao conformismo com sua atual condição. Dessa forma, o emigrante necessita administrar o estresse ocasionado no retorno devido às mudanças pelas quais terá de passar em função da sua escolha. Foi possível observar nesta pesquisa que os emigrantes que mostraram maior grau de resiliência conseguiram se adaptar melhor à terra natal, ao passo que aqueles que não tiveram atitudes mais flexíveis em relação ao retorno encararam com mais dificuldade as situações advindas do retorno.

REFERÊNCIAS

ACHOTEGUI, Joseba; VILLALBA, Cristina. Lo invisible de las migraciones, estresores y factores de protección. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KLAP6-PKPTU>>. Acesso em 08/11/2013.

ACHOTEGUI, Joseba. Impacte psicosocial en el retorn de la immigració: la tornada a casa? Disponível em: <<http://www.svideo.uji.es/peli.php?codi=944&lg=>>. Acesso em 03/09/2012.

ACHOTEGUI, Joseba. Migración y crisis: el Síndrome Del inmigrante con estrés crónico y múltiple (Síndrome de Ulises). *Avances en Salud Mental Relacional*, v. 7 n. 1, p. 1-22, 2008.

ACHOTEGUI, Joseba. Emigrar en Situación Extrema: el Síndrome del inmigrante con estrés crónico y múltiple (Síndrome de Ulises). **Norte de Salud Mental**, n. 21, p. 39-52, 2004.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Estar aqui, estar lá...** O retorno dos emigrantes valadarenses ou a construção de uma identidade transnacional? *Caderno de Ciências Sociais*, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 36-47, dez. 1996.

BATISTA, Líbia da Fonseca; BRANDES, Lídia Azevedo. **Transtornos psicológicos em emigrantes retornados**. 2º semestre de 2010. 64f. TCC (Graduação em Psicologia) – Universidade Vale do Rio Doce, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Governador Valadares, MG, 2010.

BRITO, Fausto. Os povos em movimento: As migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. In: PATARRA, Neide (org.). **Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. v. 1 p. 53-66.

DEBIAGGI, Sylvia Dantas. **Migração e implicações psicológicas vivências reais para o indivíduo e o grupo**. In: *Travessia*, Ano XVIII, nº53, setembro-dezembro de 2005, p. 16-20.

DEBIAGGI, Sylvia Dantas; PAIVA, Geraldo José de (Org.). **Psicologia, e/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 278 p. (Coleção psicologia social – Inconsciente e cultura).

DUARTE, Norberto de Almeida, ESCRIVÃO JÚNIOR, Álvaro, SIQUEIRA, Sueli. O acesso aos serviços de saúde por emigrantes brasileiros nos Estados Unidos. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 22, n.2, p.365-376, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. ISSN: 0104-1290. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-129020130002200009>.

FRANKEN, Ieda, COUTINHO, Maria da Penha de Lima, RAMOS, Natália. Os impactos do processo migratório internacional e os transtornos mentais comuns – um estudo com brasileiros imigrantes. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277946474_ARQUIVO_1Osimpactosnegativosdoprocessomigratorio.pdf>. Acesso em: 30/08/2013.

FRANKEN, Ieda, COUTINHO, Maria da Penha de Lima, RAMOS, Natália. Migração, qualidade de vida e saúde mental: um estudo com brasileiros migrantes. In: RAMOS, Natália (org). Saúde, migração e interculturalidade: perspectivas teóricas e práticas. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008. Cap. 5, p. 177-212.

FREITAS, Cláudia e MENDES, Álvaro. A resiliência da saúde migrante: itinerários terapêuticos plurais e transnacionais. **REMHU**. Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana, vol. 21, n. 40. Brasília, Jan./Jun. 2013

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer uma pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização e Novas Territorialidades. Disponível em: <<http://www.cpfcultura.com.br/2009/07/14/integra-novas-territorialidades-rogerio-haesbaert-da-costa/>>. Acesso em: 02/09/2013.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

HAESBAERT, Rogério. Migração e desterritorialização. In: Póvoa neto, Helio, Ferreira, Ademir Pacelli. Cruzando fronteiras disciplinares. Um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 35-46.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 8ed. 2001.

MARGOLIS, Maxine. L. **Little Brazil**. Imigrantes Brasileiros em Nova York. Campinas: Papyrus, 1994.

MARGOLIS, Maxine. **Goodbye, Brazil**. Emigrantes brasileiros no mundo. São Paulo: Contexto, 2013.

MASSEY, D. S. *et al.* Teorías sobre lá migración internacional: una reseña y una evaluación. Trabajo, año 2, No. 3, Enero del 2000.

PEREIRA, Sônia e SIQUEIRA, Sueli. O papel do retorno na migração internacional brasileira: evidência da Europa e Estados Unidos. **XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais-ABEP**. Transformações na população brasileira: complexidades, incertezas e perspectivas. Águas de Lindóia/ SP, Setembro de 2012.

PINTO, Juliana Vilela. **As representações do fenômeno migratório na mídia impressa valadarense**. Governador Valadares, 2011, 217f. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Gestão Integrada do Território) – Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, Brasil. Disponível em: <<http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Asrepresentacoesdofenomenomigratoriona midiaimpressavaladarense.pdf>>. Acesso em: 14/01/2014.

RAMOS, Natália (org). **Saúde, migração e interculturalidade: perspectivas teóricas e práticas**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2008.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

SASAKI, Elisa Massae e ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teoria das migrações internacionais. ABEP (Associação Brasileira de Estudos Populacionais), Outubro de 2000, Caxambu/MG.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia**, São Paulo, v. Especial, 2000.

SAYAD, Abdelmalek. O pecado da ausência ou os efeitos da emigração. In: _____. **A Imigração ou os paradoxos da Alteridade**. São Paulo: EDUP, 1998, cap. 5, p. 105-136.

SIQUEIRA, Carlos Eduardo Gomes; ROBERTS, Teresa and LUCCHESI, Fernanda. Perfil de saúde das mães brasileiras no Massachusetts no século XXI. REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum. [online]. 2013, vol.21, n.40, p. 163-176.

SIQUEIRA, Sueli e SANTOS, Mauro Augusto. Crise econômica e retorno dos emigrantes da Microrregião de Governador Valadares. **Travessia – Revista do Migrante**, n. 70, p. 27-47, janeiro – junho 2012. ISBN: 0103-5576.

SIQUEIRA, Sueli, SANTOS, Marcelo Henrique. Condição de saúde do emigrante no retorno para sua terra natal. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana – REMHU**. Brasília, ano XXI, n. 40, p. 131-150, jan./jun. 2013.

SIQUEIRA, Sueli. Imigração e retorno na perspectiva de gênero. In__ **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Campinas: UNICAMP/PAGU, 2011, p. 435-459. (Coleção Encontros).

SIQUEIRA, Sueli, ASSIS, Gláucia de Oliveira, DIAS, Carlos Alberto. As múltiplas faces do retorno à terra natal. **Caderno de debates Refúgio, Migrações e Cidadania**, Brasília, v. 5 n. 5, p. 61-79. Novembro de 2010.

SIQUEIRA, Sueli, ASSIS, Gláucia de Oliveira, CAMPOS, Emerson César de. As redes sociais e a configuração do primeiro fluxo emigratório brasileiro. Análise comparativa entre Criciúma e Governador Valadares. In: ABREU, Jean Luiz Neves e ESPINDOLA, Haruf Salmen (orgs). **Território sociedade e modernidade**. Governador Valadares: Univale, 2010.

SIQUEIRA, Sueli. **O trabalho e a pesquisa científica na construção do conhecimento**. 2 edição. Editora Univale. Governador Valadares, 2005.

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno**. Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SOARES, Weber; GARCIA, Ricardo Alexandrino. Efeitos diretos e indiretos da migração internacional de retorno ao Brasil – 1970/1980, 1981/1991 e 1990/2000. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/4EncNacSobreMigracao/SCI-6.pdf>>. Acesso em 05/08/2013.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA EMIGRANTES RETORNADOS

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **“Migração Internacional: Implicações Psicológicas do retorno do emigrante ao seu lugar de origem”**, na área de Psicologia, referente à dissertação de mestrado, com tempo médio de duração de 16 meses. Os sujeitos da pesquisa são definidos por emigrantes retornados, tendo como critérios de seleção: homens e mulheres, maiores de 18 anos, residentes em Governador Valadares, permanência de, no mínimo, quatro anos ininterruptos no exterior, retornados entre janeiro de 2008 e janeiro de 2012.

O objetivo central da pesquisa é destacar as implicações psicológicas do retorno dos emigrantes à terra natal, bem como a possibilidade de atuação do psicólogo no tratamento desses sujeitos. Para o sucesso deste estudo, é indispensável sua colaboração.

Sua participação ocorrerá pela realização de entrevista em profundidade com o objetivo de compreender a Migração na região. Esta técnica enfatiza as particularidades deste fenômeno, contemplando seus aspectos subjetivos. A entrevista em profundidade é uma técnica de coleta de dados que se caracteriza pela conversa entre o pesquisador e o participante (entrevistado), de modo livre, seguindo um roteiro sem, contudo, se prender à sua sequência e formulação específica da questão (SIQUEIRA, 1999). A entrevista será gravada e poderá ocorrer em local de sua preferência, podendo durar mais de um encontro, de acordo com sua disponibilidade de tempo.

Durante sua participação, você poderá recusar-se a responder a qualquer pergunta ou a participar de procedimento(s) que por ventura lhe causar (em) algum constrangimento. Também poderá recusar-se a participar da pesquisa ou abandonar o procedimento a qualquer momento, sem penalização ou prejuízo.

Sua participação será como voluntário, não recebendo nenhum privilégio de caráter financeiro ou de qualquer natureza. Entretanto, ser-lhe-ão garantidos todos os cuidados necessários à sua participação de acordo com seus direitos individuais e respeito ao seu bem-estar físico e psicológico.

Sua participação poderá envolver os seguintes riscos ou desconfortos: lembranças referentes à sua experiência migratória, tanto no que diz respeito à sua estadia no país de destino quanto a seu retorno às origens. Contudo, são previstas, como benefícios desta pesquisa, a troca de experiências, a produção de conhecimento no âmbito acadêmico e também para o emigrante.

Serão garantidos o sigilo e privacidade aos participantes, assegurando-lhes o direito de omissão de sua identificação ou de dados que possam comprometê-lo. Na apresentação dos resultados, não serão citados os nomes dos participantes. Os resultados obtidos com a pesquisa serão apresentados em eventos ou publicações científicas.

Confirmo ter sido informado e esclarecido sobre o conteúdo deste termo. Minha assinatura abaixo indica que concordo em participar desta pesquisa, por isso dou meu livre consentimento.

Governador Valadares, ____ de ____ de _____.

Nome do participante: _____

Assinatura do pesquisador responsável: _____

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA (EMIGRANTE RETORNADO)

Identificação dos entrevistados

1. Idade:
2. Sexo:
3. Estado civil:
4. Grau de instrução:
5. Ano da emigração:
6. Ano do retorno:
7. Atividade profissional antes de emigrar:
8. Atividade profissional atual:
9. Tempo de permanência no exterior:
10. País para o qual emigrou:

INTRODUÇÃO

Bom-dia (tarde ou noite)! Hoje são (data). Meu nome é Lídia, sou mestranda em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE) e estou pesquisando como é a vida no exterior e o retorno ao Brasil. Gostaria de entrevistá-lo (a) e conhecer sua experiência migratória. Para tanto, preciso de sua autorização para gravar esta entrevista, garantindo a você o sigilo necessário. Você concorda que a entrevista seja gravada?

I – PERÍODO DA INFÂNCIA

Vamos começar falando um pouco sobre sua infância.

1. Como foi sua infância?

Probe: Onde morava? Quais brincadeiras fazia? Quem eram seus amiguinhos? Quantas pessoas moravam com você? Quem eram elas?

2. Quais as lembranças que você tem de sua infância em relação à situação financeira?

Probe: Tinha os brinquedos que desejava? Que tipo de lazer a família tinha? Quais são os sabores e cheiros de que você mais se lembra dessa época?

3. Como era a escola em que estudava?

Probe: Onde estudava? Como era seu desempenho? Qual era a participação da família na sua vida escolar? Quais são as melhores lembranças da escola? E as piores?

4. Quais as primeiras lembranças que você tem sobre as pessoas que emigraram ou viajaram para outros países?

Probe: Na sua infância, você conhecia alguém que tivesse emigrado? O que você pensava, nessa época, a respeito disso?

II – PERÍODO DA ADOLESCÊNCIA

Agora vamos falar um pouco sobre sua adolescência.

5. Quais são as lembranças mais felizes que você tem dessa época?

Probe: Em relação aos amigos? À família? À escola? À cidade? Como eram as condições financeiras de sua família nessa época?

6. Quais projetos você tinha nesse período?

Probe: Em relação aos estudos? Ao trabalho? À constituição familiar?

7. Nessa época, o que você pensava sobre emigrar para o exterior?

Probe: Conhecia alguém que tinha emigrado? Como você imaginava que era a vida em outro país?

III – IDADE ADULTA

Gostaria de falar um pouco sobre o período após sua adolescência e ainda antes de emigrar.

8. Como era sua vida antes de emigrar?

Probe: Estudava? Trabalhava? Qual era sua atividade profissional nesta época?

9. Quais eram seus sonhos e projetos nessa época?

10. O que você fez de marcante nesse período?

IV – EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA

Vamos conversar sobre sua experiência migratória.

11. Quando começou a pensar na possibilidade de emigrar?

12. Como era sua vida antes de emigrar?

Probe: Qual era sua situação financeira? Como era sua vida familiar e afetiva? Sua vida religiosa? Seu trabalho? Seus estudos?

13. Quando foi que você decidiu efetivamente emigrar?

Probe: Conte como foi a organização da viagem, a participação da família. Qual era seu principal objetivo? Conhecia alguém no país para onde ia? Como foram os contatos com essas pessoas?

14. Como foi a viagem para o exterior?

Probe: Conte os detalhes: como foi a despedida da família e dos amigos, onde pegou o avião, o que sentia durante a viagem, do que tinha mais medo?

15. Como foi chegar a um país estrangeiro?

Probe: Havia alguém esperando você? Descreva o sentimento que teve ao chegar? Qual foi sua primeira impressão do país? Do que teve mais medo?

16. Conte como foi sua vida nesse país.

Probe: Onde e como morava? Como era o trabalho? Que tipo de lazer você tinha? Quem eram seus amigos?

17. Como era seu contato com o Brasil?

Probe: Com quem conversava? Sobre o que conversava? Com que frequência?

18. O que mais incomodava você nesse país? Do que mais sentia falta?

Probe: Como era sua relação com os nativos? Com seu patrão (brasileiro?)? E com os brasileiros?

19. Durante o tempo de permanência no exterior, teve algum problema de saúde? Qual?

20. O que fez para tentar resolvê-lo?

Probe: Buscou serviço de saúde? Algum amigo? Quais formas encontrou para lidar com o problema?

21. Quais sentimentos e sensações você consegue descrever em relação ao período em que permaneceu no exterior?

Probe: Sentia medo? Angústia? Insegurança? Ansiedade?

22. Quando sentia isso? O que fazia? Por que acha que sentia isso?

23. Quais mecanismos utilizou para lidar com esses sentimentos e sensações?

24. O que você considera seu maior ganho com a migração?

Probe: Fale mais sobre isso.

25. O que você considera sua maior perda com a migração?

Probe: Fale mais sobre isso.

IV – O RETORNO

Agora vamos falar sobre o seu retorno.

26. Quando você decidiu retornar ao Brasil e por quê?

Probe: Conte com detalhes como foi o planejamento do retorno. Quais expectativas você tinha? O que esperava encontrar? O que você mais sentia estar deixando para trás?

27. Como estava sua saúde quando decidiu retornar?

Probe: Tinha algum problema de saúde? O que sentia?

28. Qual foi sua sensação quando chegou à cidade natal?

Probe: O que sentiu? O que achou do que viu? Como foi sua recepção em relação à família e aos amigos?

29. O que você mais achou estranho, diferente?

Probe: Fale mais sobre isso.

30. Teve dificuldades para se readaptar?

Probe: Fale mais sobre isso.

31. Quais sentimentos e sensações você consegue descrever em relação ao período em que retornou ao Brasil?

Probe: Sentia medo? Angústia? Insegurança? Ansiedade?

32. Quando sentia isso? O que fazia? Por que acha que sentia isso?

33. Quais mecanismos utilizou para lidar com esses sentimentos e sensações?

34. Quais fatores acredita ter contribuído de maneira positiva para sua readaptação?

35. Quais fatores acredita ter contribuído de maneira negativa para sua readaptação?

36. Quais atitudes acredita ter sido importantes para enfrentar o retorno?

37. Procurou algum profissional de saúde quando retornou? Qual? Qual motivo?

Probe: Fale mais sobre isso.

38. Quais sentimentos você consegue descrever quando retornou à cidade natal?

Probe: Fale mais sobre isso.

39. Quais sentimentos você consegue descrever atualmente sobre o seu retorno à terra natal?

Probe: Fale mais sobre isso.

40. Sente-se adaptado à cidade de origem? O que tem feito nesse sentido?

Probe: Fale mais sobre isso.

V – FINALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Gostaria de agradecer sua disponibilidade em contribuir para pesquisa. Sou muito grata pela atenção! Gostaria de saber também se há possibilidade de nos vermos novamente, caso alguma questão necessite ser esclarecida, comprometendo-me em garantir sigilo quanto às informações prestadas.

ANEXO(S)

**ANEXO A – DOCUMENTO EMITIDO PELO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA
(CEP) SOBRE A APROVAÇÃO DA PESQUISA**

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVALE

OF: CEP/UNIVALE 003/13-02
Governador Valadares, 28 de fevereiro de 2013.
Do: Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNIVALE
Para: Lídia Azevedo Brandes
Parecer: **Aprovado**

Prezada Pesquisadora,

O Comitê de Ética em Pesquisa, em reunião ordinária avaliou o Projeto “**Implicações psicológicas da Migração Internacional em Governador Valadares-MG na perspectiva do retorno.**” sob sua coordenação, e o parecer emitido descreve **APROVADO**, sob sua coordenação.

Orientações ao pesquisador:

Caso haja eventos adversos no decorrer ou decorrentes da pesquisa, o pesquisador responsável deverá notificar imediatamente ao Comitê de Ética, para que possam ser tomadas as devidas providências.

Modificações ou alterações eventuais no projeto deverão ser informadas por escrito ao Comitê de Ética, identificando o que foi alterado acompanhado de justificativa. O Comitê de Ética apreciará o pedido e emitirá o seu parecer.

O pesquisador deverá encaminhar ao Comitê de Ética em Pesquisa da Univale o relatório final (Formulário 10). Outras orientações no site www.univale.br/sites/cep.

Atenciosamente,



Profª Drª Ivana Cristina Ferreira Santos
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa